



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO - *CAMPUS OLINDA*
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)**

JOÃO PAULO MONTEIRO BATISTA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA PROPOSTA DE PRÁTICA
PEDAGÓGICA INTEGRADORA PARA O FORTALECIMENTO DO ENSINO
MÉDIO INTEGRADO**

OLINDA-PE

2019

JOÃO PAULO MONTEIRO BATISTA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA PROPOSTA DE PRÁTICA
PEDAGÓGICA INTEGRADORA PARA O FORTALECIMENTO DO ENSINO
MÉDIO INTEGRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – *Campus Olinda*, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Edlamar Oliveira dos Santos

OLINDA-PE

2019

B333e Batista, João Paulo Monteiro.
Educação financeira: contribuições de uma proposta de prática pedagógica integradora para o fortalecimento do ensino médio integrado. / João Paulo Monteiro Batista. – Olinda, PE: O autor, 2019.
140 f.: il., color. ; 30 cm.

Orientador: Prof^a. Dra. Edlamar Oliveira dos Santos.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE, Campus Olinda, Coordenação Local Profept/IFPE - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, 2019.

Inclui Referências, Anexos e Apêndices.

1. Educação financeira. 2. Currículo Integrado. 3. Educação – Práticas Pedagógicas. 4. Ensino Médio Integrado. I. Santos, Edlamar Oliveira dos (Orientadora). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE. III. Título.

332.024 CDD (22 Ed.)



JOÃO PAULO MONTEIRO BATISTA

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA PROPOSTA DE PRÁTICA
PEDAGÓGICA INTEGRADORA PARA O FORTALECIMENTO DO ENSINO
MÉDIO INTEGRADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - *Campus Olinda*, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 29 de agosto de 2019

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Edlamar Oliveira dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Orientadora

Prof. Dr. José Henrique Duarte Neto

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

Prof^a. Dra. Bernardina dos Santos Araújo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

Prof^a. Dra. Ana Paula Pontes Furtado
Universidade Federal da Paraíba



JOÃO PAULO MONTEIRO BATISTA

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERDISCIPLINAR SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA
COMO PRÁTICA INTEGRADORA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – *Campus* Olinda, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 29 de agosto de 2019

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Edlamar Oliveira dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Orientadora

Prof. Dr. José Henrique Duarte Neto

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

Prof^a. Dra. Bernardina dos Santos Araújo

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

Prof^a. Dra. Ana Paula Pontes Furtado
Universidade Federal da Paraíba

Dedico este trabalho à minha família pela atenção e compreensão, possibilitando o ânimo necessário à sua realização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por tudo que tem me proporcionado.

Gostaria de expressar meu profundo agradecimento a minha orientadora, Professora Edlamar, pela paciência e dedicação.

Quero agradecer a professora Lialda e a professora Bernardina e aos demais professores pela contribuição durante os meus estudos e elaboração desta Dissertação.

À professora Ana Paula, que trouxe importantes contribuições ao trabalho.

A todos os servidores do Instituto Federal de Educação de Pernambuco por proporcionarem a estrutura necessária para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também a minha amada esposa, Avaneide, e a meus amados filhos, Carlos Antônio e João Pedro, pela compreensão e auxílio.

Ao meu irmão, Antônio Marcos, pelo apoio e motivação.

Aos meus pais, Maria da Paz e Francisco de Assis, pelas palavras de conforto.

Ao meu cunhado, Ivan, por ter me auxiliado, mesmo sobrecarregado.

A Antônio de Jesus, que é um amigo importante que obtive nesta caminhada, e aos demais colegas do mestrado pelo companheirismo.

Aos estudantes e professores da segunda série do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, pelo interesse e disposição na testagem do produto educacional.

A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo.
(Albert Einstein)

RESUMO

Esta pesquisa objetiva compreender as contribuições de uma proposta integradora em educação financeira para o fortalecimento de práticas integradoras no Ensino Médio Integrado. Nessa perspectiva, propôs-se o desenvolvimento de uma sequência didática interdisciplinar e a análise do seu desenvolvimento, buscando compreender o entendimento dos estudantes e docentes da segunda série do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do Campus Esperança do IFPB envolvidos no processo de pesquisa. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de pesquisa participante, que utilizou a Análise de Conteúdo Temática, conforme Minayo et al. (2009), para tratamento e interpretação dos dados. Como resultado da pesquisa, foi possível articular princípios e fundamentos da proposta do Ensino Médio Integrado, tais como a busca de uma formação ampla, crítica e emancipadora do trabalhador, a inter-relação entre trabalho, ciência e cultura e a pesquisa como princípio pedagógico. Além disso, destacou-se o uso da sequência didática como meio que possibilitou o planejamento coletivo, a organização e a coesão das atividades, ressaltando o papel da interdisciplinaridade, da contextualização, da cooperação entre os docentes e da necessidade de interação entre atividades teóricas e práticas. Outro aspecto revelado foi que os professores e estudantes ressaltaram a dominação imposta pela sociedade de consumo, a qual influencia os indivíduos para que se adequem aos seus ditames, que representam interesses hegemônicos do capital; bem como destacaram a atuação da mídia como instrumento utilizado largamente para incentivar o consumo exagerado, levando ao consumismo e podendo acarretar o endividamento excessivo. Por fim, a pesquisa possibilitou a elaboração de um produto educacional que visa contribuir com professores do ensino médio integrado que buscam práticas integradoras utilizando a educação financeira.

Palavras-chave: Educação Financeira. Ensino Médio Integrado. Prática Pedagógica Integradora.

ABSTRACT

This research aims to understand the contributions of an integrative proposal in financial education to the strengthening of integrative practices in Integrated High School. From this perspective, it was proposed the development of an interdisciplinary didactic sequence and the analysis of its development, seeking to understand the understanding of the students and teachers of the second grade of the IFPB Hope Campus Integrated Informatics Technical School involved in the research process. This is a qualitative approach research, developed through participant research, which used Thematic Content Analysis, as Minayo et al. (2009) for data processing and interpretation. As a result of the research, it was possible to articulate the principles and foundations of the Integrated High School proposal, such as the search for a broad, critical and emancipatory worker training, the interrelationship between work, science and culture and research as a pedagogical principle. In addition, the use of the didactic sequence was highlighted as a means that enabled the collective planning, organization and cohesion of activities, emphasizing the role of interdisciplinarity, contextualization, cooperation between teachers and the need for interaction between theoretical and social activities. practices. Another aspect revealed was that the teachers and students stressed the domination imposed by the consumer society, which influences individuals to fit their dictates, which represent hegemonic interests of capital; as well as highlighted the performance of the media as an instrument widely used to encourage excessive consumption, leading to consumerism and may lead to excessive indebtedness. Finally, the research enabled the elaboration of an educational product that aims to contribute to integrated high school teachers who seek integrative practices using financial education.

Keywords: Financial Education. Integrated High School. Integrative Pedagogical Practice.

.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Principais indicadores da pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo.....	34
Figura 2 - Tipos de dívidas.....	34
Figura 3 - Como ser feliz.....	60
Figura 4 - Compra de maridos.....	61
Figura 5 - As marcas mais valiosas em 2017, por país.....	63
Figura 6 - Mercado em San Juan de Dios.....	64
Figura 7 - Shopping Ahmedabad	65
Figura 8 - Globalização.....	66
Figura 9 - Gastos.....	70
Figura 10 - É preciso planejamento para proteger o próprio bolso.....	70
Figura 11 - Principais indicadores da pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo.....	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Áreas e competências.....	32
Quadro 2: Perfil dos professores.....	53
Quadro 3: Perfil dos estudantes.....	53
Quadro 4: Planejamento da sequência didática.....	59
Quadro 5: Quadro comparativo.....	71
Quadro 6: Proposta de orçamento pessoal ou familiar.....	75
Quadro 7: Datas e atividades realizadas.....	77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANBIMA - Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais

BC - Banco Central do Brasil

BCB - Banco Central do Brasil

BM&FBovespa - Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros

BNCC - Base Nacional Curricular Comum

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEB - Câmara de Educação Básica

CF - Constituição Federal

CNC - Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo

CNDL - Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas

CNE - Conselho Nacional de Educação

CVM - Comissão de Valores Mobiliários

CONEF - Comitê Nacional de Educação Financeira

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

ENEF - Estratégia Nacional de Educação

EUA - Estados Unidos da América

Febraban - Federação Brasileira de Bancos

FGV - Fundação Getúlio Vargas

IFPB - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

IPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano

IPVA - Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação e do Desporto

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PCN - Parâmetro Curricular Nacional

PNE - Plano Nacional de Educação

PPC - Plano Pedagógico de Curso

PREVIC - Superintendência Nacional de Previdência Complementar

PROFEPT - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

SPC - Serviço de Proteção ao Crédito

SFN - Sistema Financeiro Nacional

Susep - Superintendência de Seguros Privados

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 Objetivo Geral.....	20
1.2 Objetivos Específicos.....	20
2 CAPÍTULO I: CONSUMO E CIDADANIA.....	21
2.1 Educação Financeira.....	21
2.1.1 Cultura consumista: questões para o diálogo.....	22
2.1.2 Consumo e cidadania: contribuições da educação financeira na educação brasileira.....	27
2.2 Concepções de Currículo.....	39
2.2.1 O currículo integrado.....	40
2.2.1.1 O currículo integrado no Ensino Médio Integrado.....	41
2.2.2 Práticas pedagógicas integradoras.....	43
2.2.3 Sequência didática.....	48
3 CAPÍTULO II: METODOLOGIA.....	51
3.1 Concepção de Pesquisa.....	51
3.2 Campo e sujeitos da pesquisa.....	52
3.3 Curso técnico em informática.....	54
3.4 Processo de construção da sequência didática.....	56
3.5 Tratamento e análise dos dados.....	78
4 CAPÍTULO III: DESENVOLVIMENTO DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INTEGRADORA A PARTIR DO TEMA EDUCAÇÃO FINANCEIRA.....	79
4.1 Concepção de formação: caminhos para a articulação entre formação geral e formação profissional.....	79
4.2 A temática educação financeira como possibilidade de integração de conhecimentos: relato de uma experiência a partir do desenvolvimento de uma sequência didática.....	86
4.3 Consumo e consumismo a partir do olhar de professores e estudantes.....	96
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICE A: Entrevista semiestruturada aplicada aos estudantes.....	114
APÊNDICE B: Entrevista semiestruturada aplicada aos professores.....	115
APÊNDICE C: Produto educacional melhorado.....	116
ANEXO A – Atividade elaborada pelo professor de Geografia com a participação do pesquisador.....	117

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, cabe mencionar que nosso interesse pelo tema Educação Financeira é decorrente da realização de um trabalho anterior, desenvolvido enquanto professor de Contabilidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), em um projeto de extensão no qual buscamos capacitar as famílias do sítio Caboclo e do sítio Pedra Grande, zona rural do município de Guarabira (PB), a respeito da educação financeira como instrumento de combate à desestruturação financeira das famílias. Durante essa intervenção, foi explanado aos participantes como eles poderiam controlar adequadamente os seus recursos financeiros, destacando a importância da elaboração do orçamento pessoal ou do orçamento familiar, apontando que a poupança deve ser realizada para proporcionar mais segurança para o futuro, possibilitando o enfrentamento de situações de emergência; mostramos que é importante consumir de forma consciente, evitando o consumismo, bem como compreender as vantagens e desvantagens da obtenção de financiamentos, entre outros. Ao término desse trabalho, os participantes informaram que pretendiam utilizar os conhecimentos obtidos, elaborando o orçamento pessoal ou o orçamento familiar e que já se sentiam capazes de controlar suas finanças pessoais.

Decidimos abordar essa temática também, tendo em vista termos constatado que, em apresentações esporádicas, realizadas em eventos acadêmicos no IFPB, os alunos demonstravam interesse pelo assunto, o que consideramos bastante significativo, pois esse, em nossa ótica, é um dos temas que se encontra na perspectiva de uma formação que traz mais autonomia para o cidadão. Ademais, como professor do Ensino Médio Integrado, temos interesse em contribuir para o desenvolvimento dessa modalidade de ensino.

Nosso trabalho tratará da educação financeira como um meio contribuinte para o exercício da cidadania, buscando refletir sobre a sociedade de consumo, a cultura consumista e o consumismo, bem como lançando um olhar crítico sobre a questão do crédito e do endividamento e o que todos esses aspectos representam na vida do trabalhador.

Cabe mencionar que um dos grandes problemas pelo qual passa hoje a humanidade é o consumismo, pois reflete as desigualdades entre as pessoas e os países, visto que alguns consomem em excesso e muitos não possuem o essencial, o que põe em risco o próprio futuro do planeta, em decorrência da possibilidade de esgotamento dos recursos naturais e da poluição, e também chega a interferir em outras esferas da vida humana.

Nesse sentido, Bauman (2011) destaca que o consumo é essencial à nossa existência, porém, quando ele deixa essa condição de atender às necessidades básicas e passa a ser o

motivo da existência dos indivíduos, surge o consumismo, como podemos observar na transcrição abaixo:

Todos nós somos consumidores, é óbvio... Enquanto vivermos. Não pode ser de outro modo, porque, se paramos de consumir morremos. A única dúvida é quantos dias vai durar o desfecho fatal. O consumo – cuja ação é definida pelos dicionários como sinônimo de “usar”, “comer”, “ingerir (líquido ou comida)” e, por extensão, “gastar”, “dilapidar”, “exaurir” – é uma necessidade. Mas o “consumismo”, a tendência a situar a preocupação com o consumo no centro de todos os demais focos de interesse e quase sempre como aquilo que distingue o foco último desses interesses, não é. (BAUMAN, 2011, p. 54).

De acordo com o autor supracitado, no consumismo, todos os aspectos da vida são colocados em segundo plano e as pessoas são consideradas eminentemente como consumidoras. Assim, esse passa a ser o aspecto mais ressaltado ao longo da existência.

Para Bauman (2008), o consumismo está relacionado com o estímulo para despertar os desejos dos indivíduos de maneira infinita, levando ao rápido descarte das mercadorias e ao desperdício. Esse processo também reflete-se na economia dos países, que passa a ficar dependente de tal sistemática e traz consequências para as relações entre as pessoas, que passam a ser influenciadas pelo consumo.

Dentro dessa lógica, somos diariamente estimulados pela mídia com propagandas que buscam introduzir em nós o desejo pelo consumo, procurando despertar nosso interesse para aquisição de produtos, muitas vezes, supérfluos. Assim, conforme Bauman (2008), a todo momento a compra de produtos nos é sugerida, a fim de que nos adequemos aos padrões estabelecidos pelo mercado de consumo, tentando convencer-nos de que, para sermos bem sucedidos, precisamos sempre seguir tais padrões. Ademais, o autor entende que tal sociedade possui como objetivo primordial converter o próprio consumidor em uma mercadoria.

Outro aspecto que merece atenção é que, em 2018, conforme o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), em estudos efetivados em todas as capitais, foi constatado que 45% dos brasileiros carecem de um controle de seu orçamento e, daqueles que possuem um controle, 59% possuem alguma dificuldade.

Vale mencionar ainda que o capital financeiro, em sua ânsia para aumentar seus lucros, vem procurando convencer os indivíduos de que viver endividado é uma coisa normal. A esse respeito, Bauman (2008) traz como exemplo a Grã-Bretanha, em que as pessoas são educadas para viverem endividadas e esquecidas de poupar. Segundo o autor, uma pesquisa, realizada em conjunto por “Financial Services Authority” (órgão de regulação do sistema

financeiro do Reino Unido) e pela Universidade de Bristol, concluiu que os indivíduos entre 18 e 40 anos de idade, além de não saberem administrar suas dívidas, quase não conseguem poupar, mostrando que: os que conseguem poupar algo para o futuro representam somente 30% dessa população; no que se refere à aposentadoria, 42% não tomam iniciativa de poupar para o futuro; e 24% estão em uma situação financeira que evidencia que gastam mais do que aquilo que ganham. Assim, explicita-se que essa vida endividada é uma maneira de viver vista como adequada pelas pessoas e pelo próprio Estado e que isso também ocorre nos Estados Unidos, país que é visto como um exemplo de poderio econômico no mundo.

Para contrariar a naturalização desse endividamento, é necessária uma educação financeira. Entendemos que a educação financeira, se trabalhada do ponto de vista da autonomia dos cidadãos, pode contribuir de maneira positiva para suas vidas. Ademais, vale ressaltar que pesquisas desenvolvidas por Peng *et. al.* (2007) afirmam que o contato dos jovens com a educação financeira durante o ensino médio favorece o nível de conhecimento sobre o assunto das famílias desses indivíduos, anos mais tarde. Logo, essa modalidade educativa representa um conhecimento importante para os jovens, que ainda estão começando a desenvolver o seu projeto de vida.

Nesse sentido, o objeto de estudo desta pesquisa insere-se na discussão do consumo, como elemento que interfere sobremaneira na organização das finanças do sujeito que se transforma em um sujeito de consumo, submetido às orientações do mercado. Assim, abrange temática bastante significativa, tendo em vista que, mesmo lidando com o dinheiro desde a infância, geralmente não nos são oferecidas informações que nos ajudem a cuidar de nossos recursos financeiros. Entretanto, não deveria ser assim, os indivíduos deveriam ser educados, desde crianças, para que não se tornassem vítimas da sociedade de consumo, que os direciona a um estilo de vida voltado ao consumo exagerado e a uma vida cheia de preocupações e endividamento.

Defendemos o desenvolvimento da educação financeira não só como meio de reflexão sobre a sociedade de consumo, o consumismo e suas consequências, mas também como um modo de procurar ajudar os indivíduos no sentido de que eles possam evitar o desperdício de seus recursos financeiros. Portanto, o estudo proposto neste trabalho justifica-se pela inquietação docente relativa à necessidade de contrapor-se a essa lógica capitalista da sociedade de consumo.

Além disso, o fomento da discussão sobre a educação financeira de maneira integrada no ambiente escolar pode ajudar na construção de informações úteis no campo da educação profissional. Essa discussão também é relevante para a sociedade, porque caminha

na direção da formação de cidadãos, procurando desenvolver as potencialidades dos alunos, a fim de que adquiram capacidade para uma leitura ampla da realidade.

A presente pesquisa foi desenvolvida com o público do curso técnico integrado ao ensino médio do IFPB, mais especificamente no Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, ofertado no *Campus* Esperança. Os cursos técnicos integrados ao ensino médio estão em consonância com o Decreto nº 5.154/2004, que possibilitou a integração da educação profissional de nível médio e o ensino médio no país.

Cabe ressaltar que os Institutos Federais de Educação estabelecem um currículo que preconiza não apenas a preparação para o mercado de trabalho, mas busca o desenvolvimento de um ser humano com uma formação ampla, consciente de seu papel como cidadão. Nessa acepção, o currículo de seus cursos técnicos integrados ao ensino médio preconiza a integração entre os conhecimentos da formação geral ou propedêutica e a formação específica ou técnica.

No Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do *Campus* Esperança (PB), em que se trata da concepção do curso, está exposto:

O currículo, na forma integrada, preconiza a articulação entre educação geral e formação profissional, com planejamento e desenvolvimento de Plano Pedagógico construído coletivamente, que remete a elaboração de uma matriz curricular integrada, consolidando uma perspectiva educacional que assegure o diálogo permanente entre saber geral e profissional e que o discente tenha acesso ao conhecimento das inter-relações existentes entre o trabalho, a cultura, a ciência e a tecnologia, que são os eixos norteadores para o alcance de uma formação humana integral (BRASIL, 2015, p. 25).

Nessa perspectiva, este estudo tem a pretensão de responder ao seguinte questionamento: Quais as contribuições de uma proposta integradora em educação financeira para o fortalecimento de práticas pedagógicas integradoras no Ensino Médio Integrado?

Entendemos que a educação financeira pode ser empregada como prática pedagógica integradora no Ensino Médio Integrado por meio do desenvolvimento de uma sequência didática interdisciplinar.

A referida sequência didática constitui o Produto Educacional resultante desta investigação, o qual foi desenvolvido com a interação entre o pesquisador e os docentes das disciplinas participantes e aplicado aos alunos nas respectivas aulas dos referidos professores, para que possa servir como um material de apoio aos docentes interessados em utilizar a educação financeira como prática integradora no Ensino Médio Integrado.

Ainda, a respeito da pesquisa, vale salientar que esta dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, tratamos do consumo e cidadania, discutindo as

categorias Educação Financeira e Concepções de Currículo. Dentro da primeira categoria, conceituamos a educação financeira, dividindo sua abordagem em duas partes: Cultura Consumista: questões para o diálogo; e Consumo e Cidadania: contribuições da educação financeira na educação brasileira. Na segunda categoria, tratamos da concepção de currículo, dividindo sua abordagem em currículo integrado, práticas pedagógicas integradoras e sequência didática.

No segundo capítulo, versamos sobre a metodologia de pesquisa, informando os caminhos metodológicos empregados, ressaltando que se trata de uma abordagem de natureza qualitativa, realizada por meio de pesquisa participante, considerando o local e os sujeitos de pesquisa, os procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados, o planejamento e execução do trabalho de campo e descrição da construção da sequência didática.

No terceiro capítulo, fazemos a análise e discussão dos resultados, tratando do desenvolvimento da educação financeira como prática integradora no ensino médio integrado, dividindo a abordagem em três partes. A primeira aborda concepção de formação: caminhos para a articulação entre formação geral e formação profissional, na qual analisamos a concepção de formação proposta no Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática. Em seguida, tratamos da temática educação financeira como possibilidade de integração de conhecimentos, a partir do desenvolvimento de uma sequência didática, em que analisamos a realização da sequência didática e, por fim, abordamos o consumo e o consumismo sob o ponto de vista de professores e estudantes.

Ao término da dissertação, em apêndice, são apresentados os instrumentos de coleta de dados, bem como o Produto Educacional revisado com melhorias indicadas pelos estudantes e professores. Já, em anexo, segue atividade extraclasse, elaborada pelo professor de Geografia com a participação do pesquisador.

1.1 Objetivo Geral

Compreender as contribuições de uma proposta integradora em educação financeira para o fortalecimento de práticas pedagógicas integradoras no Ensino Médio Integrado.

1.2 Objetivos Específicos

Analisar a relação entre consumo e cidadania, à luz da relação entre sociedade capitalista e cultura consumista;

Analisar a concepção de formação proposta no Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do *Campus* Esperança do IFPB;

Desenvolver uma sequência didática interdisciplinar, como meio para buscar uma prática pedagógica integradora que possa contribuir com o Ensino Médio Integrado.

2 CAPÍTULO I: CONSUMO E CIDADANIA

Neste capítulo, apresentamos a fundamentação teórica, estruturando-a em duas categorias fundamentais, Educação Financeira e Concepções de Currículo. Inicialmente, na primeira categoria, conceituamos a educação financeira e sua abordagem, a qual é dividida em duas subcategorias: Cultura Consumista: questões para o diálogo; e Consumo e Cidadania: contribuições da educação financeira na educação brasileira. Na segunda categoria, tratamos das concepções de currículo e das suas subcategorias Currículo Integrado, Práticas Pedagógicas Integradoras (dentro desta abordamos interdisciplinaridade e contextualização) e Sequência Didática.

2.1 Educação Financeira

Em nossa caminhada rumo a uma proposta de educação financeira, confrontamo-nos, por diversas vezes, com conceitos que, em nosso ponto de vista, não correspondem aos anseios do cidadão, são conceitos que, de maneira explícita ou disfarçada, dão ênfase aos propósitos das instituições financeiras, procurando propiciar condições para aumentar a sua lucratividade, adestrar os indivíduos para que se tornem consumidores de produtos financeiros. Discordamos, no entanto, de direcionamentos dessa natureza dados ao tema e defendemos que o cidadão desenvolva uma postura crítica diante dessas instituições.

Nesse sentido, após uma busca considerável, concordamos com a definição proposta por Losano (2013), que cita o entendimento de seu orientador, o Prof.º Dr.º Amarildo Melchiades da Silva¹, o qual formulou um conceito para o trabalho com a educação financeira:

que não contempla a formação de consumidores de produtos financeiros, não busca o enriquecimento pessoal, não vislumbra a formação de investidores, não se limita a finanças pessoais, mas se preocupa com a formação de um cidadão consciente de seus deveres e direitos, crítico na tomada de decisões financeiras, autônomo no controle de seus gastos (LOSANO, 2013, p. 114).

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Ressaltamos que a sociedade de consumo não se agrada de indivíduos que adquirem apenas aquilo que necessitam e não se deixam enganar pelas suas armadilhas. Nesse sentido, segundo Bauman (2008, p.63), são atitudes que se confrontam com tal sociedade: “um baixo patamar para os sonhos, o fácil acesso a produtos suficientes para atingir esse patamar e a crença em limites objetivos, difíceis ou impossíveis de negociar, assim como necessidades ‘genuínas’ e desejos ‘realistas’”. Desse modo, para não se submeter à sociedade de consumo, os indivíduos precisam valorizar uma vida simples, desprovida de excessos, não guiada pelos desejos, mas pelas necessidades.

Além disso, também concordamos com Soares (2017), o qual compreende a necessidade de que ocorra uma política de regulação das instituições financeiras, como meio de proteção dos consumidores, haja vista que apenas o fornecimento de informações não seria suficiente para o enfrentamento do atual cenário de complexidade financeira.

Assim, neste trabalho, entendemos que a educação financeira é o meio pelo qual as pessoas podem compreender a sociedade de consumo e não se submeter às suas determinações, procurando utilizar os seus recursos financeiros de maneira a atender suas necessidades, evitando serem conduzidas a uma situação de endividamento que venha a prejudicar as suas vidas. Em decorrência disso, compreendemos a necessidade de realização de ações educativas.

2.1.1 Cultura consumista: questões para o diálogo

O capitalismo hoje possui um domínio de escala mundial e, com ele, a sociedade de consumo vem levando os indivíduos a um modo de vida consumista, ao endividamento, bem como a uma maior preocupação com as questões financeiras.

A “sociedade de consumo”, conforme Baudrillard (2011), representa uma sociedade em que os objetos de consumo tornaram-se a coisa mais importante da vida dos indivíduos, chegando a dominá-los e tornando-se mais relevantes do que o próprio ser humano. Sendo assim, “o consumo invade toda a vida” (p. 18), impondo o modo de viver aos sujeitos.

Segundo Bauman (2008, p.71), vivemos em uma sociedade que “promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas.” Além disso, o referido autor denomina essa sociedade como sendo uma “sociedade de consumidores”. Assim, acrescenta que tal sociedade conduz a uma possibilidade de que a maior parte dos indivíduos seja convencida a aderir a uma cultura

consumista.

Para o autor supracitado, a cultura consumista diz respeito à maneira como as pessoas se comportam nessa sociedade, sem refletirem adequadamente sobre a motivação das suas vidas e a forma de alcançar seus objetivos, a respeito de como definem o que é relevante e o que é irrelevante para elas. Nesse sentido, a construção da atual sociedade é resultado de todo um processo histórico, no qual vale destacar inicialmente a Revolução Industrial, que teve início na Inglaterra no século XVIII, dando destaque à indústria e à centralidade da máquina em relação à força de trabalho humana (POLON, 2016).

De acordo com Polon (2016), a Revolução Industrial representou um momento importante, porém a atual sociedade foi fruto de um processo que ocorreu ao longo do tempo, no qual foi acontecendo uma mudança no pensamento dos indivíduos, pois, com a nova forma de produção, era necessária uma proporcional demanda de consumo. Acrescenta que, com o avanço tecnológico, a mídia, procurando atender as demandas do novo contexto que se apresentava, divulgava os produtos que apareciam, a fim de moldar um novo consumidor adequado à nova realidade.

Uma vez tendo sido dados os passos iniciais para a construção da sociedade de consumo, era imprescindível converter os indivíduos em consumidores (POLON, 2016). Nesse sentido, principalmente depois da administração científica e do fordismo, houve a necessidade de conquista de novos mercados e a obtenção de novos consumidores em um processo em que o papel da mídia é claramente reconhecido (FEATHERSTONE, 1995).

Vale ressaltar também que, após a crise de 1929, os Estados Unidos e o mundo enfrentavam um momento de depressão econômica e, depois da Segunda Guerra Mundial, era necessário que ocorresse crescimento econômico. Portanto, os governos e as corporações procuravam formas de recuperar a economia. Nesse momento, o economista Victor Lebow² propôs que a solução seria colocar o consumo como meio para o desenvolvimento econômico, fazendo os indivíduos dispô-lo no centro de todas as preocupações, tornando o espírito das pessoas dependente do consumo, para aumentar cada vez mais a venda das mercadorias (POLON, 2016).

Tal lógica consumista inicia-se com a Revolução Industrial e acentua-se na segunda metade do século XX, quando o consumo recebe importância, não só no que se refere ao desenvolvimento econômico dos países, mas também quanto ao aspecto cultural com a capacidade de influenciar as relações sociais (RETONDAR, 2008).

² Economista norte-americano que fez importantes considerações sobre os rumos da sociedade de consumo.

Nesse contexto, embora o consumo tenha tomado um papel central em nossa sociedade, segundo Frank Trentmann (*apud* Bauman 2008), o termo “consumidor” praticamente não era falado no século XVIII e, quando aparecia, era considerado de pouca relevância. Já no século XIX, mesmo que tenha havido um aumento das práticas comerciais, não ocorreu grande alteração nesse quadro. Por fim, no início do século XX, ainda não havia necessidade de um tratamento aprofundado do tema.

Conforme Bauman (2008), na maior parte da história moderna, na qual se destacavam as estruturas industriais, os homens eram impelidos a serem produtores e soldados, e as mulheres prestadoras de serviços. Acrescenta que tal sociedade valorizava o desenvolvimento corporal do indivíduo, a fim de tornar seus componentes aptos a trabalharem nas fábricas e nas batalhas, sendo considerada uma “sociedade de produtores”.

Diferentemente da “sociedade de produtores”, hoje vivemos em uma “sociedade de consumidores”, a qual procura controlar a mente dos indivíduos desde criança. Assim, a atenção deixou de ser empreendida sobre o corpo e se direcionou para a mente, para possibilitar a construção de uma sociedade consumista (BAUMAN, 2008).

A partir da década de 1960, já podemos falar em uma nova fase do capitalismo, o capitalismo contemporâneo, pois, além de ele se apropriar dos avanços das novas tecnologias, torna-se globalizado (COSTA; GODOY, 2008). Esse novo momento do capitalismo põe em destaque o indivíduo e o consumo, resultando em uma nova sistemática, que substitui parcialmente o modelo vigente no período de 1930 a 1970, o qual era considerado de consumo e produção em massa, pois, agora, as empresas passam a produzir tanto mercadorias como subjetividades (COSTA;GODOY, 2008). Assim, “A produção de subjetividades, de necessidades, de corpos e mentes, consiste na criação não só de um modelo de consumo, mas principalmente na produção do mundo do consumidor” (COSTA;GODOY, 2008, p. 02).

Conforme Costa e Godoy (2008), o capitalismo atualmente tem como preocupação a intensificação do consumo. Além disso, acrescentam que as empresas utilizam com veemência os meios de comunicação, com o intuito de alcançarem seus objetivos de convencimento do consumidor desprotegido para a aquisição de suas mercadorias. Dessa forma, compreendem que até o tempo livre é apropriado pelo mercado de consumo, pois, quando as pessoas não estão comprando, estão planejando comprar e contemplando os produtos almejados nas lojas.

Nesse contexto, as pessoas estão vulneráveis, pois há uma relativa desproporção na relação empreendida entre elas e o *marketing*, uma vez que este último tem ao seu lado um poderoso aparato tanto econômico como de comunicação e aquelas não dispõem de

instrumentos adequados para fazer frente a essa conjuntura (FERMIANO, 2016).

O *marketing* atua de maneira astuta, impelindo o consumidor a comprar mais e mais produtos, colocando a busca da felicidade como a finalidade mais divulgada. Contudo, a felicidade passa a representar uma promessa que só pode ser realizada por meio da aquisição contínua de produtos e ao desfazimento dos bens que possuímos para abrir espaço para novas compras (BAUMAN, 2008).

Nessa situação, percebemos que as mercadorias são trabalhadas pela publicidade de maneira a influenciarem os nossos sentimentos e emoções. Nessa lógica,

A publicidade é especialmente capaz de explorar essas possibilidades, fixando imagens de romance, exotismo, desejo, beleza, realização, comunalidade, progresso científico e a vida boa nos bens de consumo mundanos, tais como sabões, máquinas de lavar, automóveis e bebidas alcoólicas (FEATHERSTONE, 1995, p.33).

Nessa sociedade, o consumo passou a representar um aspecto cultural, porque, quando se consome não se está pensando apenas na utilidade dos bens, mas também nas imagens e nos valores que eles transmitem na sociedade (POLON, 2016). Ao se comprar um produto, pagamos não apenas por ele, mas também pela sua carga valorativa.

Segundo Vaisman (2014), atualmente o capital vem procurando moldar o ser humano para atender a seus objetivos, aplicando sua manipulação não só na produção como no consumo. Acrescenta, também, que a alienação alcança a todos, inclusive as relações entre as pessoas e isso fica evidente, por exemplo, em um shopping center ser considerado o lugar mais procurado pelas pessoas para o lazer no final de semana.

Nesse sentido, vem sendo constituída uma sociedade em que as pessoas devem buscar intensamente por satisfação, a qual, porém, não deve durar, precisa ser efêmera, para que a compra de novos produtos nunca pare, tendo como consequência o desperdício. O consumidor não pode ficar satisfeito com aquilo que adquiriu, pois isso não permitiria que ele abandonasse o produto e comprasse outro. Assim, precisa estar sempre ansioso para descartar o que já foi adquirido e, nesse processo, a desvalorização dos bens que já possui é uma consequência. Muitas vezes, os indivíduos sentem alívio quando seus bens quebram ou ficam obsoletos, a fim de ter uma desculpa para substituí-los por novos, não havendo preocupação com a durabilidade deles (BAUMAN, 2008).

Essa sociedade engana as pessoas, prometendo atender os seus desejos de uma maneira nunca vista, contudo, essa promessa é quebrada assim que as mercadorias são adquiridas, pois, a partir desse momento, passam a ser desvalorizadas, para que sejam logo descartadas e compradas outras novas. O objetivo é mesmo que o consumidor nunca esteja

satisfeito e as mercadorias nunca parem (BAUMAN, 2008).

Adiciona ainda que as relações sociais passam a ser orientadas pelo consumo, tendo como consequência que até mesmo os indivíduos passam por um processo de comodificação, ou seja, são entendidos como mercadorias a serem negociadas no mercado (BAUMAN, 2008).

De acordo com Bauman (2008), hoje na sociedade há a disseminação da ideia de que, para que os indivíduos sejam considerados importantes, sua participação ativa, por meio do consumo, é indispensável. Ademais, relata que hoje os países dependem de consumidores determinados,

a crença de que caberia aos consumidores ‘salvar o país da depressão’ ou ‘liberar o país no resgate da depressão’ tornou-se um dogma que quase ninguém questionou, um dos pilares da sabedoria popular e do senso comum (BAUMAN, 2011, p. 54).

O consumidor, dessa maneira, deve estar sempre atualizado, acompanhando os novos lançamentos, os quais exigem que ele descarte com celeridade aquilo que já adquiriu. Afinal, as pessoas devem estar sempre na moda, seguindo as orientações emitidas pelo mercado, preocupadas com se apresentarem de maneira a serem aprovadas pelos seus pares, buscando adequar-se aos ditames fixados por grupos de pessoas que, por meio do consumo, apresentam um sentimento de identificação. Agir de modo diferente, guiado apenas pelo que é necessário, representa algo que não é adequado (BAUMAN, 2008).

No caso de marcas, de acordo com Bauman (2008), elas traduzem um sentimento de aceitação por um determinado grupo, assim, quando um indivíduo compra um produto de marca, sente-se pressionado a exibi-lo até que todos tenham conhecimento de sua aquisição. Desse modo, as pessoas devem estar sempre atentas aos novos lançamentos do mercado para que não se sintam excluídas, haja vista que os indivíduos de seu círculo usam as marcas e produtos da moda como parâmetro de *status* e reconhecimento na sociedade (BAUMAN, 2008; FEATHERSTONE, 1995).

Para Bauman (2008), numa “sociedade de consumidores”, todos, sem distinção, devem estar inclinados ao consumo. “Para os pobres da sociedade de consumidores, não adotar o modelo de vida consumista significa o estigma e a exclusão, enquanto abraçá-lo prenuncia mais a pobreza do que impede a chegada dela...” (BAUMAN, 2008, p.176). Assim, acrescenta que o pobre é levado à situação em que deixa de adquirir produtos essenciais para sua sobrevivência para obter produtos supérfluos ou desnecessários:

o pobre é forçado a uma situação na qual tem de gastar o pouco dinheiro ou os poucos recursos de que dispõe com objetivos de consumo sem sentido, e não com suas necessidades básicas, para evitar a total humilhação social e evitar a perspectiva de ser provocado e ridicularizado (BAUMAN, 2008, p.74).

Ademais, conforme o autor, o mercado de consumo procura afastar os chamados consumidores “falhos”, que não conseguem cumprir com suas obrigações com as instituições financeiras, com as empresas em geral ou aqueles desprovidos de recursos financeiros:

Os consumidores falhos, donos de recursos demasiado escassos para reagirem de forma adequada aos “apelos” dos mercados de bens de consumo, ou mais exatamente a seus passes sedutores, são pessoas “desnecessárias” para a sociedade de consumidores, que estaria melhor sem elas. (BAUMAN, 2008, p.88).

Vale mencionar também que os pobres são tidos como um dos efeitos colaterais do consumismo, pois, por possuírem uma baixa capacidade de consumo ou por não terem capacidade de consumo, representariam um peso para a sociedade. Além dessa concepção sobre os indivíduos de baixa renda, acredita-se que a culpa de sua pobreza não seria da sociedade, seria deles mesmos, individualmente, a sociedade nada teria a ver com isso. Assim, a pobreza deveria ser criminalizada, a fim de que não aborreça aqueles que são considerados consumidores adequados (BAUMAN, 2008).

Dado o exposto, percebemos que a cultura consumista que hoje reina foi decorrente de um processo construído historicamente. Para sua consolidação, a mídia teve um papel essencial, objetivando colocar o consumo como um aspecto central na vida das pessoas e tornar as economias dos países dependentes dessa sistemática capitalista, afetando a sociedade e a subjetividade dos indivíduos.

2.1.2 Consumo e cidadania: contribuições da educação financeira na educação brasileira

Tendo em vista a atual cultura consumista, o papel da mídia no sentido de impulsionar o consumo de maneira desenfreada, a necessidade de conscientização dos cidadãos brasileiros a respeito de um posicionamento crítico diante do consumismo e a expansão do domínio do capital financeiro, fica explícita a necessidade de disseminação da educação financeira como forma de ajudar no enfrentamento desses problemas.

A cidadania é um conceito central da Constituição brasileira de 1988 e está, portanto, elencada no artigo 1º da referida norma como um de seus fundamentos (BRASIL, 1988), tratando não apenas do direito de votar e ser votado, mas, de maneira mais abrangente, de direitos civis e sociais.

Sobre o conceito de cidadania cabe mencionar que:

Ser cidadão significa sentir a necessidade de participar socialmente e politicamente de uma comunidade, vivenciando uma cultura, exercendo direitos e deveres,

posicionando-se de maneira crítica, responsável e construtiva em diferentes situações, tornando-se um agente transformador, utilizando-se de diferentes fontes de informações e recursos tecnológicos para poder construir conhecimentos e questionar a realidade (NEGRI, 2010, p.14).

Nesse sentido, de acordo com autora supracitada, a cidadania diz respeito também a questionar a realidade, participar dela tanto social como politicamente, obtendo conhecimentos de diferentes origens de maneira a exercer seus direitos e deveres de maneira mais autônoma possível.

Nesse contexto, a educação é essencial para o exercício da cidadania, e o artigo 6º da Carta Magna de 1988 estabelece que ela integra, ao lado de direitos como saúde, trabalho, moradia, segurança, previdência social, o rol de direitos sociais a ser assegurado à população brasileira. Ademais, o artigo 205 (BRASIL, 1988) fixa que ela é um direito que deve ser garantido a todos pelo Estado com a ajuda da sociedade, buscando o desenvolvimento da pessoa, para o exercício da cidadania e para o trabalho.

De acordo com o Mini-Dicionário Aurélio (2010), a educação corresponde a um processo que procura desenvolver as capacidades dos indivíduos de modo que possam adquirir condições para sua participação na sociedade.

Etimologicamente, o termo educação tem origem no latim, *educare*, tendo como definição remeter para fora. O termo era utilizado com o significado de preparar as pessoas para a vida em sociedade, encaminhando-as para fora de seu próprio mundo (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO, 2018).

Saviani (1984, p.1) afirma que a educação é algo próprio do ser humano e que ela está relacionada à “produção de conhecimentos, ideias, conceitos, valores, símbolos, atitudes, habilidades”. Acrescenta, ainda, que seu objetivo está atrelado aos conhecimentos que precisam ser absorvidos pelos indivíduos, bem como a elaboração de formas mais adequadas para atingir essa finalidade.

Para Sacristán (2010), a educação possui a capacidade de contribuir para o desenvolvimento do ser humano, tanto de sua mente, como de seu corpo e também de sua sensibilidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/96, em seu artigo 22, prevê que a educação básica, compreendendo a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, objetiva realizar o desenvolvimento dos alunos de maneira a garantir-lhes uma formação que possibilite o exercício da cidadania (BRASIL, 1996).

Além disso, o § 7º, artigo 35-A da LDB, informa que os currículos do ensino médio devem ter em vista o projeto de vida dos alunos, considerando uma formação integral,

formando-os nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais (BRASIL, 1996).

O Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014) estabelece, em sua diretriz número cinco, a “formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade” (BRASIL, 2014, p.1).

Vale ressaltar também que a Constituição Brasileira de 1988 prevê que a defesa do consumidor é uma atividade obrigatória do Estado. Assim, em seu inciso XXXII, artigo 5º, título II, tratando dos direitos e garantias fundamentais, fixa que “o Estado promoverá, na forma da lei, a defesa do consumidor” (BRASIL, 1988).

Segundo Paulo e Alexandrino (2011), a proteção do consumidor foi considerada relevante pelo constituinte originário, tendo sido estabelecida também, no art. 170, inciso V, da CF, como princípio fundamental de nossa ordem econômica (BRASIL, 1988). Nesse sentido, tal proteção é traduzida sob a forma de orientação para o consumo no art. 6º, inciso I, do Código de Defesa do Consumidor - Lei nº 8.078/1990 (BRASIL, 1990).

Além do exercício dos direitos do consumidor, outro aspecto que merece ser destacado é que os indivíduos devem compreender que o trabalhador obtém seu salário de maneira explorada dentro do sistema capitalista, em que ocorre a acumulação de capital pelo capitalista. Assim, é relevante o entendimento de que o salário obtido pelo trabalhador seja valorizado por ele próprio, permitindo-lhe construir uma posição crítica diante do consumismo, contribuindo para que os indivíduos não sejam manipulados para gastarem seu recurso financeiro com coisas desnecessárias.

Cabe mencionar também que os objetos de consumo produzidos são resultado de um tempo de trabalho, sendo a mão de obra um dos principais custos de produção que o empregador almeja reduzir, com o objetivo de diminuir o custo de seus produtos e, conseqüentemente, aumentar sua margem de lucro (BRASIL, 1998). Porém, apenas produzir não é suficiente para a realização do lucro, é necessário também estimular o consumo, pois é com a venda da mercadoria que o lucro é efetivamente alcançado. Portanto, o consumismo é útil à acumulação capitalista à medida que coloca em movimento exacerbado o processo produção-consumo-lucro.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), no tema transversal³ Trabalho e Consumo informam que:

Todos os grupos sociais trabalham, seja em ocupação remunerada ou não, seja na

³ Os temas transversais, segundo Fermiano (2016), representam uma inovação, possibilitando ao professor trabalhar os assuntos de forma interdisciplinar e contextualizada.

produção de bens para a própria sobrevivência ou para a sobrevivência de outros. Assim, de formas diferenciadas e desiguais, as pessoas produzem e consomem bens, produtos e serviços, estabelecendo relações por meio de trocas de caráter econômico, político e cultural, produzindo modos de ser e de viver.

Com a criação permanente de novas necessidades transformando bens supérfluos em vitais, a aquisição de bens se caracteriza pelo consumismo. O consumo é apresentado como forma e objetivo de vida.

É fundamental que nossos alunos aprendam a se posicionar criticamente diante dessas questões e compreendam que grande parte do que se consome é produto do trabalho, embora nem sempre se pense nessa relação no momento em que se adquire uma mercadoria.

É preciso mostrar que o objeto de consumo seja um tênis ou uma roupa de marca, um produto alimentício ou aparelho eletrônico etc. é fruto de um tempo de trabalho, realizado em determinadas condições. Quando se consegue comparar o custo da produção de cada um desses produtos com o preço de mercado é possível compreender que as regras do consumo são regidas por uma política de maximização do lucro e precarização do valor do trabalho (BRASIL, 1998, p. 34-35).

Nessa lógica, ressalta a importância de que os estudantes consigam compreender que os produtos consumidos são resultado do trabalho, mas que este se encontra em uma posição de exploração, a fim de possibilitar o aumento dos lucros.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), tratando dos conhecimentos de matemática, já previam a conscientização dos alunos quanto a aspectos de consumo, taxas de juros em financiamentos bancários, cálculos previdenciários e fiscais, como se observa abaixo:

No trabalho com números e operações deve-se proporcionar aos alunos uma diversidade de situações, de forma a capacitá-los a resolver problemas do cotidiano, tais como: (...) interpretar gráficos, tabelas e dados numéricos veiculados nas diferentes mídias; ler faturas de contas de consumo de água, luz e telefone; interpretar informação dada em artefatos tecnológicos (termômetro, relógio, velocímetro). Por exemplo, o trabalho com esse bloco de conteúdos deve tornar o aluno, ao final do ensino médio, capaz de decidir sobre as vantagens/desvantagens de uma compra à vista ou a prazo; avaliar o custo de um produto em função da quantidade; conferir se estão corretas informações em embalagens de produtos quanto ao volume; calcular impostos e contribuições previdenciárias; avaliar modalidades de juros bancários (BRASIL, 2006, p. 70-71).

Além disso, cabe mencionar que a educação no Brasil está inserida no contexto da sociedade capitalista, que visa dar apenas o mínimo de formação para que o trabalhador tenha capacidade de exercer as atividades que a burguesia necessita, não interessando a essa classe que os trabalhadores tenham acesso a uma educação emancipadora (ARAÚJO; RODRIGUES, 2010).

Segundo Araújo e Rodrigues (2010), a educação representa um campo disputado por abordagens que se contrapõem: uma que busca a adaptação dos homens à realidade que se apresenta, sendo uma pedagogia focada no capital, e outra que busca a transformação social,

sendo uma pedagogia focada no trabalho. Nesse sentido, informam que, nas décadas de 1980 e 1990, no Brasil, em conformidade com os interesses do capital, surge uma nova proposta para a formação do trabalhador, a qual era baseada na noção de competências, defendendo a educação como atividade útil ao mercado, com característica pragmática, racionalista e individualista. Acrescentam que era uma proposta na qual só cabiam conhecimentos que pudessem ter como resultado o aumento do lucro das empresas, sendo avessa aos saberes voltados para a emancipação humana.

Para os autores supracitados, o desafio, portanto, é repensar a pedagogia das competências atualmente dominante e construir um projeto contra-hegemônico em que a educação tenha como foco os interesses da classe trabalhadora. Nesse sentido, cabe a reflexão sobre o tipo de sociedade que está sendo construída, pois, conforme Saviani (2005), todo conhecimento possui um interesse e uma finalidade na sociedade.

Baseada na perspectiva da pedagogia das competências, foi aprovada em 2017 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental, a qual frisa que as escolas devem introduzir, em seus currículos, independentemente de serem públicas ou privadas, o ensino de temas como educação para o consumo e educação financeira, considerados contemporâneos e que exercem influência na vida das pessoas, de maneira transversal e integradora, preferencialmente (BRASIL, 2017).

Esse documento oficial recomenda a inserção da Educação Financeira, no Ensino Fundamental, no componente curricular de Matemática, na unidade temática que trata de Números. No entanto, embora a educação financeira esteja prevista expressamente apenas no conteúdo dessa disciplina, ela pode ser abordada de maneira interdisciplinar, por exemplo, a partir da disciplina de História, estudando o papel do dinheiro na sociedade, dos impostos e do consumo em diferentes sociedades e momentos da história, entre outros (BRASIL, 2017).

Com relação ao Ensino Médio, a BNCC apresenta um tratamento semelhante, também indicando que a educação financeira deve ser trabalhada de forma transversal e integradora nos seus componentes curriculares (BRASIL, 2017).

O art. 35-A da LDB fixa que a BNCC estabelecerá as áreas de conhecimento a serem disponibilizadas aos estudantes em: “línguas e suas tecnologias”, “matemática e suas tecnologias”, “ciências da natureza e suas tecnologias”, e “ciências humanas e sociais aplicadas”.

Nesse sentido, segue abaixo o quadro 1, contendo áreas do conhecimento e competências.

Quadro 1: Áreas e competências.

ÁREAS DO CONHECIMENTO	COMPETÊNCIAS
Linguagens e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa).	“Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global” (BRASIL, 2017, p.485).
Matemática e suas tecnologias (Matemática).	“Utilizar estratégias, conceitos e procedimentos matemáticos para interpretar situações em diversos contextos, sejam atividades cotidianas, sejam fatos das Ciências da Natureza e Humanas, ou ainda questões econômicas ou tecnológicas, divulgados por diferentes meios, de modo a consolidar uma formação científica geral” (BRASIL, 2017, p.524).
Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Biologia, Física e Química).	“Analisar fenômenos naturais e processos tecnológicos, com base nas relações entre matéria e energia, para propor ações individuais e coletivas que aperfeiçoem processos produtivos, minimizem impactos socioambientais e melhorem as condições de vida em âmbito local, regional e/ou global” (BRASIL, 2017, p.540).
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (Filosofia, Geografia, História e Sociologia).	“Contextualizar, analisar e avaliar criticamente as relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de soluções que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global” (BRASIL, 2017, p.562).

Fonte: BRASIL, 2017.

Nessa perspectiva, a educação financeira está prevista na BNCC como um tema obrigatório, podendo ser abordado de maneira interdisciplinar, contextualizado e transversal. Cabe, também, destacar que a formação pretendida nesse documento está em conformidade com a pedagogia das competências, a qual, de acordo com Araújo e Rodrigues (2010), objetiva o desenvolvimento de competências úteis ao mercado. Ademais, reforça a perspectiva indicada pelos autores, o fato de o Banco Central do Brasil⁴ ter participado de sua elaboração, para definir aspectos de educação financeira, por constituir-se como instituição que segue atualmente as diretrizes da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico⁵

⁴ O Banco Central do Brasil (BCB) é a entidade responsável pela regulação e supervisão do Sistema Financeiro Nacional (SFN).

Base para o currículo escolar inclui a educação financeira. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/c/noticias/205>>. Acesso em: 10 out. 2018.

⁵ De acordo com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, a OCDE congrega diversos países, buscando realizar estudos e estabelecer padrões sobre temas sociais, econômicos, financeiros, etc. Disponível em:

(OCDE).

Conforme Ribeiro e Lara (2016), o capital, nos últimos quarenta anos, ganhou abrangência mundial e realçou seu aspecto financeiro, superando as barreiras que impediam sua circulação. Nesse processo, foi importante tanto o desenvolvimento da tecnologia de informação como a liberalização das finanças, possibilitando que a força de trabalho pudesse ser explorada em todo o mundo, permitindo ao capital transferir-se para locais em que pudesse obter maiores ganhos.

É nesse contexto que se inicia, nos países desenvolvidos, o acesso, por parte dos assalariados, a produtos e serviços financeiros e também seu endividamento, uma vez que o crédito passou a ser acessível não só para as classes mais ricas, mas também para as camadas menos prósperas (RIBEIRO; LARA, 2016).

Conforme Ribeiro e Lara (2016), no caso brasileiro, o endividamento e a inadimplência dos trabalhadores, no período de 2000 a 2015, assinalam transformações importantes, como a oferta de produtos e serviços financeiros para as diferentes faixas de renda dos assalariados. Adiciona que, considerando os programas sociais como o Bolsa Família, é possível perceber que os indivíduos estão muito presentes em instituições financeiras independentemente de seus ganhos salariais.

De posse de tal informação, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) vem realizando, a partir de 2010, a Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, mostrando informações importantes sobre o endividamento das famílias.

Entre as conclusões da pesquisa está o elevado percentual médio de famílias endividadas, que alcançou 60,8%, em 2017. Ademais, a média anual do percentual de famílias com dívidas em atraso e do percentual sem condições de pagar seus atrasados atingiram em 2017 o nível máximo já observado na pesquisa desde sua criação em 2010, 25,4% e 10,2%, respectivamente, como se vê na figura abaixo:

Quadro resumo – Principais indicadores

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
PEIC (Percentual do total) – Média anual								
Famílias endividadadas	59,1%	62,2%	58,3%	62,5%	61,9%	61,1%	60,2%	60,8%
Famílias com conta em atraso	24,9%	22,9%	21,4%	21,2%	19,4%	20,9%	24,2%	25,4%
Famílias sem condições de pagar as dívidas em atraso	8,9%	8,0%	7,1%	6,9%	6,3%	7,7%	9,2%	10,2%
PEIC – Var. em p.p.								
Famílias endividadadas	-	3,1	-4,0	4,3	-0,6	-0,8	-1,0	0,6
Famílias com conta em atraso	-	-2,0	-1,5	-0,2	-1,8	1,5	3,2	1,2
Famílias sem condições de pagar as dívidas em atraso	-	-0,9	-0,9	-0,2	-0,6	1,4	1,5	1,1

Fonte: Peic/CNC

Figura 1: Principais indicadores da pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens e Serviços.

Analisando a figura acima, podemos constatar que, no período de 2010 a 2017, a média anual de famílias endividadadas girou em torno de 60%, representando um percentual elevado. Por sua vez, a média anual de famílias com conta em atraso mostra uma tendência de aumento nos últimos três anos. Por fim, a média anual de famílias sem condições de pagar as dívidas também sofre uma tendência de alta no mesmo período.

Em relação à composição do endividamento, o cartão de crédito é o item que apresenta maior participação, tendo representado, em 2017, 76,7%, sendo seguido, em segundo lugar, pelos carnês, 15,7%, e, em terceiro lugar, pelo crédito pessoal, 10,3%, como se pode notar na figura a seguir:

Tipo de dívida	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Cartão de crédito	70,9%	72,7%	73,6%	75,2%	75,3%	76,1%	77,1%	76,7%
Cheque especial	8,3%	6,8%	6,2%	6,2%	5,6%	6,2%	7,2%	6,7%
Cheque pré-datado	4,0%	3,0%	2,7%	2,2%	1,8%	1,7%	1,7%	1,4%
Crédito consignado	3,9%	3,9%	4,0%	5,2%	4,7%	4,6%	5,4%	5,6%
Crédito pessoal	11,3%	10,8%	11,3%	10,5%	9,5%	9,0%	10,3%	10,3%
Carnês	25,0%	22,0%	19,8%	18,7%	17,0%	16,9%	15,4%	15,7%
Financiamento de carro	10,3%	10,0%	11,5%	12,2%	13,8%	13,7%	11,2%	10,2%
Financiamento de casa	3,2%	3,5%	4,5%	6,1%	7,8%	8,3%	7,9%	8,2%
Outras dívidas	2,5%	3,1%	2,2%	2,5%	2,3%	2,2%	2,4%	2,6%
Não sabe	0,2%	0,2%	0,3%	0,2%	0,2%	0,1%	0,1%	0,1%
Não respondeu	0,3%	0,5%	0,3%	0,3%	0,3%	0,1%	0,1%	0,1%

Fonte: Peic/CNC

Figura 2 - Tipos de dívidas.

Consoante Ribeiro e Lara (2016), quanto ao endividamento dos brasileiros, o cartão de crédito, que hoje congrega a maior parte dos endividados, na década de 1980, era de acesso limitado àqueles de maior renda; o crédito consignado, regulamentado em 2003, facilitou o acesso ao crédito para funcionários públicos, aposentados e pensionistas; o crédito imobiliário, com o programa Minha Casa Minha Vida, a partir de 2009, priorizou as camadas de renda mais baixas; e o crédito para aquisição de automóveis, estimulou a produção nesse setor. Acrescentam, com relação ao cheque pré-datado, cheque especial e carnês do comércio, que esses serviços financeiros também representam parcela significativa de endividamento, embora apresentem decréscimo em decorrência da facilitação de outras modalidades.

Esse o significativo aumento da oferta de crédito, aliado ao consumismo, pode conduzir muitos trabalhadores ao endividamento. Bauman (2008 *apud* MARTINS e VIEGAS, 2013), tratando da sociedade de consumo e seus efeitos, conclui que: o indivíduo pode ser considerado inadequado, caso não consuma como deseja o mercado, porém, se consumir de maneira exagerada, atendendo aos apelos daquele, pode sujeitar-se a um dos efeitos do consumismo, cair no endividamento excessivo, perdendo a capacidade de consumir até produtos essenciais a sua sobrevivência.

Nesse sentido, Martins e Viegas (2013) afirmam que, mesmo Bauman não tendo tratado sobre o que eles chamam de “superendividamento” de maneira explícita, é possível concluir isso neste trecho: “Cara você perde, coroa eles ganham. Para os pobres da sociedade de consumidores, não adotar o modelo de vida consumista significa o estigma e a exclusão, enquanto abraçá-lo prenuncia mais a pobreza do que impede a chegada dela...” (BAUMAN, 2008, p. 176). Assim, quando os indivíduos são levados ao consumismo, uma consequência muito comum é o endividamento excessivo, o qual pode trazer também o empobrecimento.

Nesse contexto, os trabalhadores são a parte mais frágil dessa relação, pois, de maneira geral, não dispõem de meios adequados para enfrentar os poderosos instrumentos midiáticos que objetivam convencê-los de que adquirir bens por intermédio do endividamento é uma coisa boa, sofrendo as consequências da perda de parte de sua renda com o pagamento de juros (FERMIANO, 2016).

Segundo Soares (2017), no que se refere à educação financeira, a OCDE é uma importante referência, que tem produzido estudos nessa área. Acrescenta que suas recomendações têm sido seguidas por muitos governos, inclusive o brasileiro, a fim de desenvolver seus programas sobre educação financeira, embora não pareça ser uma entidade

neutra, haja vista que seu discurso favorece o capital financeiro. Dessa forma, com o objetivo de retratar o *status* da educação financeira no Brasil, acreditamos que não seja possível ignorar as publicações dessa organização, mesmo considerando que são passíveis de críticas, em decorrência de seu posicionamento favorável ao capital.

Quanto ao desenvolvimento da educação financeira no Brasil, Savoia, Saito e Santana (2007), buscando fazer um diagnóstico, promoveram um levantamento das principais ações realizadas pelas entidades governamentais, instituições financeiras e de ensino, associações e mídia, constatando que ainda havia um tratamento incipiente dessa questão, determinado pela limitada atuação das entidades governamentais e organizações da sociedade.

Em 2008, em uma pesquisa que visou averiguar as condições gerais da educação financeira no Brasil, o Data Popular⁶ realizou pesquisas que tiveram como resultado informações desfavoráveis sobre o controle das finanças das famílias brasileiras, demonstrando que 36% dos pesquisados informaram ter um perfil gastador, 54% pelo menos uma vez na vida não haviam conseguido pagar suas dívidas, e apenas 31% poupavam com frequência para aposentadoria.

Vale mencionar também que, em 2016, em uma pesquisa da OCDE, envolvendo trinta países de diferentes localidades do mundo, a qual teve a finalidade de medir a competência da população adulta no que tange à educação financeira, foram avaliados os seguintes aspectos: conhecimento, comportamento e atitude. Os resultados mostraram um desempenho insatisfatório do Brasil nos três aspectos mencionados, tendo o país ficado na 27ª colocação geral (OCDE, 2016).

Nos últimos anos, porém, as discussões em torno da educação financeira no Brasil vêm tendo um significativo aumento, esse fato comprova a realização da Estratégia Nacional de Educação Financeira, a partir de 2010, em consonância com as políticas propostas pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que vêm sendo aplicadas por diversos países no mundo, buscando fomentar uma cultura de educação financeira.

Segundo a OCDE (2014), o Estado, a iniciativa privada e a sociedade civil são incentivados a criar ações a respeito da educação financeira, por meio da adoção de estratégias nacionais de educação financeira, favorecendo a discussão do tema no país.

O Decreto nº 7.397/2010 instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira

⁶ Pesquisa relatada em documento oriundo do site vida e dinheiro, relacionada ao processo de implantação da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). Disponível em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Plano-Diretor-ENEF-anexos-ATUALIZADO_compressed.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2018.

brasileira, como se observa no texto legal abaixo:

Art. 1º Fica instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF – com a finalidade de promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores (BRASIL, 2010, p.01).

Conforme a citada organização, uma estratégia nacional para a educação financeira é uma abordagem de âmbito nacional que consiste em reconhecer a importância do tema e as necessidades identificadas, envolvendo diferentes órgãos e entidades tanto governamentais como da sociedade em geral interessados em contribuir, o que acaba por estabelecer procedimentos e metas a serem alcançados em um determinado espaço de tempo, incentivando e fornecendo orientações a programas menores que possam ajudar a estratégia nacional (OCDE, 2014).

A ENEF brasileira foi instituída como política de Estado e tem como linhas orientadoras gerais a gratuidade de suas realizações, a disponibilização de informações, procurando orientar os indivíduos, bem como busca estabelecer parcerias com diversas entidades, para a promoção do tema (BRASIL, 2010).

Nesse processo, a execução da ENEF ficou sob a responsabilidade do Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF), que é um órgão criado pelo Ministério da Fazenda, o qual congrega tanto representantes do governo como de entidades da sociedade civil, valendo destacar integrantes como o Banco Central do Brasil (BCB), a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), entre outros. Entre os ministérios participantes, destacamos o Ministério da Fazenda e o Ministério da Educação. Ademais, participam também, como representantes da sociedade civil, a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros (BM&FBovespa), Federação Brasileira de Bancos (Febraban) (BRASIL, 2010; BCB, sd).

Cabe enfatizar que as atividades da ENEF têm reflexos sobre as escolas que aderirem a essa política, pois o Ministério da Educação participa dessa política pública, fornecendo assessoria quanto aos aspectos pedagógicos (BRASIL, 2010).

Segundo Soares (2017), tratando das implicações do modelo de educação financeira no Brasil, no mundo, como recomendação da OCDE, a escola de educação básica vem sendo escolhida como local privilegiado para disseminação de conceitos financeiros e isso vem sendo seguido por diversos países, sem que ocorra, aparentemente, uma reflexão por parte do Poder Público sobre essas nações.

Por sua vez, Britto (2012) faz um estudo que busca definir o cenário no qual surge a

educação financeira, abordando os aspectos que geram impacto sobre o que chamou de “Processo de Legitimação da Educação Financeira”, denominando-os como neoliberalismo, globalização, consumo, comodificação e financeirização do capital, considerando que a educação financeira é uma prática social que se molda a estas perspectivas.

O autor supracitado, de maneira crítica, realiza uma análise das Estratégias Nacionais de Educação Financeira da Espanha, Portugal e Brasil, procurando perceber a ocorrência de um posicionamento favorável ao capital e lança um olhar cuidadoso sobre a inclusão dessa proposta da OCDE, nos currículos no Brasil, refletindo sobre tal processo, o qual

consiste num conjunto de asserções, não des-intencionadas, sobre a necessidade que os indivíduos dominem, na modernidade líquida, competências que lhes permitam dentre outras coisas, utilizar ‘melhor’ produtos financeiros, transformando-se, em melhores consumidores (BRITTO, 2012, p.06).

Para ele, a educação financeira, tal como vem sendo proposta, é um instrumento que procura transformar o próprio consumidor em mercadoria a ser consumida pelo mercado financeiro, contribuindo para seu processo de comodificação.

Ribeiro e Lara (2016, p.01) compreendem que o que se vem chamando de “educação financeira” representa uma “ideologia estratégica do capital financeiro, com o objetivo de manipular o consumo e controlar os riscos de inadimplência.” Assim, acrescentam que as instituições financeiras, tanto governamentais quanto privadas e demais instituições de crédito, orientadas pela OCDE, apresentam a necessidade de formação como sendo a maneira pela qual as pessoas, por meio de uma postura ativa na aquisição de conhecimentos, passam a ter uma melhor compreensão no que se refere a conceitos e produtos financeiros (OCDE, 2005).

De acordo com os referidos autores, a ideologia presente nas estratégias de educação financeira, orientadas por tal organização, representa uma forma de reprodução do capitalismo na atualidade, porque, no caso, ocorre uma manipulação, em que o capital financeiro, ao mesmo tempo em que vende seus produtos, procura estabelecer a maneira de educar o consumidor. Assim, Ribeiro e Lara (2016) compreendem que a manipulação do consumo e a ideologia da “educação financeira” são características particulares do capitalismo contemporâneo e têm como principais papéis aparentar o mundo atual como natural.

Dados os aspectos mencionados, concordamos com Britto (2012), quando esse recomenda aos professores que se posicionem de maneira crítica, desenvolvendo propostas alternativas de educação financeira e estando atentos, pois a proposta de uma Estratégia Nacional de Educação Financeira, nos moldes em que está posta, estaria inserida num processo mais amplo, ligado a interesses do capital financeiro.

Nesse sentido, é fundamental que os cidadãos brasileiros compreendam que a sociedade contemporânea possui aspectos sobre os quais eles precisam tomar consciência, tais como: a) que os recursos financeiros que a maioria de nós dispõe são limitados, devendo ser utilizados para atender prioritariamente as necessidades básicas e ter cautela quanto às incertezas do futuro; b) que os bens são apresentados por meio de estratégias de *marketing* cuidadosamente elaboradas, a fim de despertar as emoções e os desejos, ressaltando aspectos de *status*, pertencimento a grupos, autoestima, etc; e c) que a oferta de crédito instiga o consumo fácil e rápido, escondendo suas armadilhas (FERMIANO, 2016).

Dessa forma, não resta dúvida de que a educação financeira necessita ser abordada a partir de um ângulo que coloque o trabalhador como principal preocupação, e não seja um meio de realização dos interesses do capital. Nesse ponto de vista, é preciso que a comunidade escolar esteja preparada para reconhecer os diversos interesses implicados em uma proposta dessa natureza, para que possa desenvolver uma proposição crítica e que represente os verdadeiros interesses do trabalhador. Logo, para que isso seja realizado, é necessário compreender o conceito de currículo e como ocorrem as interações nesse campo.

2.2 Concepções de Currículo

Inicialmente, com base em Lopes e Macedo (2002), o campo do currículo pode ser entendido como uma área em que os estudiosos defendem seus pontos de vista e disputam a autoridade para influenciar os currículos oficiais e as práticas pedagógicas nas escolas, sendo também produtor de teorias que se legitimam por meio das disputas em seu âmbito.

Sobre a origem do currículo, Sacristán (2010) afirma que correspondia a conhecimentos que os professores e as escolas deveriam ensinar aos estudantes, estando relacionado com a seleção de conteúdos, a qual orientaria e limitaria a atuação do professor, configurando-se como um instrumento de regulação dos conteúdos e das práticas de ensino e aprendizagem.

Ademais, o currículo não é algo desinteressado, representa um território de conflitos, no qual existem opções a serem feitas que podem influenciar a sociedade. Nesse sentido, a fim de imprimir seus interesses, diferentes forças agem sobre ele (SACRISTÁN, 2010).

Para Moreira e Silva (1994), o currículo é resultado do confronto das forças existentes na sociedade, não sendo algo neutro e desinteressado. Por esse ângulo, acrescentam que possui uma história e transmite certa visão de mundo que é própria das classes dominantes, buscando perpetuar seus interesses.

O artigo 6º da Resolução CNE/CEB nº 2/2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, conceitua o currículo como:

a proposta de ação educativa constituída pela seleção de conhecimentos construídos pela sociedade, expressando-se por práticas escolares que se desdobram em torno de conhecimentos relevantes e pertinentes, permeadas pelas relações sociais, articulando vivências e saberes dos estudantes e contribuindo para o desenvolvimento de suas identidades e condições cognitivas e sócio-afetivas (BRASIL, 2012, p.02).

Segundo Santomé (1998), o currículo é uma idealização educacional que procura proporcionar aos jovens uma formação para a cidadania e que os tornem pessoas democráticas e solidárias, definindo os aspectos culturais que tais indivíduos devem apropriar-se.

Contudo, vale mencionar que, em decorrência dos diversos projetos de sociedade em disputa, o currículo é um instrumento que, conforme Lopes e Macedo (2002), reflete a mistura de diferentes concepções de educação, o que elas chamam de “hibridização”, havendo uma dificuldade de manter a originalidade dos conceitos.

Nesse sentido, conforme Cardoso e Rocha (2018), nos últimos vinte anos no Brasil, vem ocorrendo uma disputa entre uma proposta de integração de base unitária e politécnica, com objetivo de proporcionar aos jovens uma formação omnilateral, e uma proposta de integração para desenvolver competências úteis ao mercado. Acrescentam que, desse confronto, nenhum dos dois polos saiu completamente vitorioso, tendo como consequência a elaboração de documentos curriculares “híbridos” e “ambíguos”.

Sendo assim, entendemos que o currículo é um campo de disputa entre diferentes setores da sociedade, que, por meio do estabelecimento de conhecimentos e práticas educativas, objetiva influenciar a sociedade, e que pode contribuir para a formação ampla das pessoas por meio desses mesmos conhecimentos e práticas que são apresentados no ambiente escolar.

2.2.1 O currículo integrado

Sobre as origens da modalidade de Currículo Integrado, Santomé (1998) afirma que se trata de uma proposta identificada com reivindicações progressistas, destacando-se conceitos relativos à participação, à democracia, ao trabalho em equipe, à abrangência, à autonomia, procurando formar pessoas com capacidade crítica e solidária. Ademais, informa também que busca uma maior interdisciplinaridade e uma compreensão global do conhecimento.

Entre os motivos para a elaboração do currículo integrado, o citado autor informa o mundo globalizado, em que as coisas não podem ser compreendidas de maneira isolada, mas de maneira interdependente. Assim, acresce que a educação vem sendo caracterizada, em todo o mundo, por uma preocupação com a promoção da integração dos conhecimentos com um entendimento mais reflexivo e crítico da realidade.

A respeito do “currículo globalizado e interdisciplinar”, Santomé (1998) entende que se trata de uma categoria que considera um conjunto expressivo de práticas em sala de aula, sendo uma maneira de contribuir para desenvolver melhores estratégias de ensino e aprendizagem.

Historicamente, desde o surgimento dessa modalidade de currículo, foram várias as justificativas para seu desenvolvimento. Contudo, recentemente, tem sido destacada a necessidade de maior aproximação da escola com a sociedade, possibilitando aos estudantes o melhor relacionamento dos conhecimentos com a realidade de suas comunidades (SANTOMÉ, 1998).

Entretanto, para o autor citado, a necessidade e a força dos conceitos de globalização e interdisciplinaridade são relativas, estando relacionadas com a discussão sobre a definição e as funções que eles devem possuir em cada momento histórico.

A respeito da globalização, Santomé (1998) explica que esse conceito frequentemente está relacionado com a compreensão da estrutura cognitiva e afetiva da criança, buscando formas mais acessíveis para a aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, esclarece que as crianças possuem uma percepção que não se prende aos detalhes, sendo ela de caráter global. A partir dessa compreensão, foi desenvolvida a pedagogia dos interesses e da significatividade, entendendo que os novos conhecimentos devem ser relacionados com conhecimentos e experiências que as pessoas já possuem. Dessa forma, para facilitar a aprendizagem, é necessário “criar situações de ensino e aprendizagem nas quais a relevância dos conteúdos culturais no projeto curricular possa interagir e propiciar processos de reconstrução junto com o que já existe nas estruturas cógicas dos alunos” (SANTOMÉ, 1998, p. 42-43).

2.2.1.1 O currículo integrado no Ensino Médio Integrado

No Ensino Médio Integrado, o currículo integrado possui, conforme Ramos (2014), uma perspectiva de educação comprometida com a formação humana integral, observando conceitos como a formação politécnica e omnilateral, trabalho como princípio educativo e

pesquisa como princípio pedagógico.

Nesse sentido, a referida autora defende a formação humana integral como algo que busca desfazer a histórica divisão dos indivíduos em duas categorias: os favorecidos economicamente, que teriam uma formação dirigida ao desenvolvimento intelectual, e os desprovidos de recursos financeiros, para os quais seria apenas possibilitada uma formação orientada ao trabalho manual. Nesse pressuposto, a autora considera “a compreensão dos seres humanos como históricos e sociais”, bem como ressalta que “a realidade concreta é uma totalidade, síntese de múltiplas relações” (RAMOS, 2014, p. 84).

A politécnia e a omnilateralidade são consideradas como perspectivas no currículo, possibilitando aos alunos uma compreensão ampla da realidade, contribuindo para transformá-la em seu benefício como classe trabalhadora (RAMOS, 2014).

Uma educação de natureza politécnica possibilita “a compreensão dos princípios científico-tecnológicos e históricos da produção moderna, de modo a orientar os estudantes à realização de múltiplas escolhas” (RAMOS, 2008, p.3). Assim, o significado desse termo não corresponde a muitas técnicas, refere-se a um tipo de formação que permita aos alunos ter o entendimento dos conhecimentos que possibilitaram o avanço produtivo moderno (RAMOS, 2008). Além disso, opõe-se às pedagogias liberais, como a pedagogia das competências, estando relacionada com uma educação integrada (SILVA, 2014). Por fim, a omnilateralidade se relaciona com uma formação ampla, abrangendo as várias dimensões da vida, compreendendo o trabalho, a ciência e a cultura (RAMOS, 2008; RAMOS, 2014).

Outro conceito relevante é o de trabalho como princípio educativo. Nesse sentido, conforme Saviani (2007), o trabalho é fundamental à existência humana, sendo o meio pelo qual o homem atua sobre a natureza, alterando-a, buscando atender suas necessidades. De acordo com o autor, enquanto os outros animais têm sua sobrevivência proporcionada pela própria natureza, o ser humano precisa trabalhar para produzi-la.

Cabe acrescentar que o trabalho pode ser considerado no seu sentido ontológico, como atividade que engrandece e deixa o homem feliz, ou no sentido histórico, como atividade explorada, mão de obra assalariada dentro do sistema capitalista (CIAVATTA, 2005). Nessa perspectiva, no ensino médio, deve ser dada prioridade ao trabalho no sentido ontológico, pois o trabalho explorado não serve como base para o estabelecimento de um projeto de educação emancipatória (RAMOS, 2008; TADDEI, DIAS E SILVA, 2014).

Ademais, o Decreto nº 5.154/2004, em artigo 2º, inciso III, tratando das premissas que devem ser observadas pela educação profissional, põe o trabalho como princípio educativo em posição central (BRASIL, 2004). Nesse ponto de vista, Ramos (2009) afirma

que o currículo integrado possui como orientação o trabalho, a ciência e a cultura, bem como propõe uma relação entre as disciplinas e cursos, procurando integrar também a formação geral e técnica. Por sua vez, em Ramos (2014), a autora informa que os conceitos de trabalho, cultura, ciência e tecnologia não podem ser afastados da formação humana, devendo ser considerados como uma unidade.

Por conseguinte, no currículo integrado, no que se refere ao exercício profissional, deve ocorrer a integração entre conhecimentos de formação específica e formação geral, pois os conhecimentos específicos não possuem uma função apenas instrumental e produtiva, não estando isolados das ciências e das linguagens (RAMOS, 2009).

Essa formação integrada procura proporcionar ao aluno uma educação para seu posicionamento consciente como cidadão, sugerindo:

tornar íntegro, inteiro, o ser humano dividido pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico tecnológica e na sua apropriação histórico-social (CIAVATTA, 2005, p.02).

Além disso, o currículo escolar não pode dar prioridade ao mercado de trabalho, ele deve considerar uma formação omnilateral. Nesse sentido, os acontecimentos sociais ou aspectos produtivos devem ser compreendidos buscando uma visão de totalidade (RAMOS, 2008).

A esse respeito, Henrique e Nascimento (2015) compreendem que a proposta de currículo integrado não aceita uma formação restrita apenas ao aspecto teórico ou apenas ao prático, devendo considerar as múltiplas dimensões do ser humano. Essa proposta de formação tem como preocupação a pessoa humana e busca formar um ser humano crítico e socialmente solidário. Para isso, almeja uma educação de caráter amplo, que permita a emancipação do trabalhador, não aceitando que o capital se aproprie da educação para formação de trabalhadores social e economicamente marginalizados. Por fim, entendemos que, para contribuir com o Ensino Médio Integrado, além da compreensão dos conceitos a ele atrelados, é relevante o desenvolvimento de práticas pedagógicas integradoras.

2.2.2 Práticas pedagógicas integradoras

Entendemos que o desenvolvimento de práticas pedagógicas integradoras colabora para fazer frente à fragmentação dos conhecimentos, de maneira a ajudar na consecução de uma proposta de educação que permita aos alunos uma visão ampla da realidade, contribuindo

para sua emancipação.

Hoje as práticas pedagógicas integradoras são um tema relevante e muitos professores sentem-se preocupados ao serem abordados para que realizem atividades integradoras, que podem ocorrer entre diferentes disciplinas, áreas ou conhecimentos, haja vista que, muitas vezes, não receberam um treinamento adequado para esse fim (HENRIQUE; NASCIMENTO, 2015).

Tais práticas integradoras correspondem à realização de integração entre sujeitos, saberes e instituições, podendo dar-se em diferentes níveis, possibilitando o diálogo entre os saberes, proporcionando uma compreensão mais adequada da realidade (HENRIQUE; NASCIMENTO, 2015).

Segundo Henrique e Nascimento (2015), entre os problemas que dificultam a ocorrência da integração, cabe mencionar os seguintes: deficiências das próprias instituições de ensino em incentivar tais práticas; ausência de formação para os docentes e a alegação de indisposição dos professores, a pretexto de que a proposta é complexa. Além disso, os autores compreendem que há carência de divulgação de experiências dessa natureza.

Em seu estudo sobre práticas pedagógicas integradoras, Henrique e Nascimento (2015) realizaram a análise dos textos dos Anais do *II Colóquio Nacional A Produção do Conhecimento em Educação Profissional*, oriundos do Eixo 2, ponderando sobre os tipos de práticas integradoras vivenciadas nas instituições de educação do país. Dos textos analisados, os quais perfazem um total de 21, segundo os autores, 42,9% não informavam experiência integradora, 28,6% foram consideradas práticas integradoras, entretanto, de iniciativa pessoal e ocasional e geralmente carente de relações interdisciplinares, 28,5% foram práticas integradoras em atividades institucionais, sendo que dessas, 19% estavam relacionadas a projetos de pesquisa e 9,5% a projetos de extensão, sendo considerados também ocasionais.

Esse estudo mostrou que a fragmentação do conhecimento é um aspecto difícil de ser abandonado, bem como que alguns profissionais ainda não compreendem corretamente o conceito de integração e isso tem atrapalhado a efetivação desses tipos de práticas pedagógicas nos cursos e nas instituições. Entretanto, de forma geral, “percebe-se um movimento em relação à existência de práticas pedagógicas de integração, embora não sistematizadas e/ou inclusas nos currículos e projetos de cursos” (HENRIQUE; NASCIMENTO, 2015, p.75).

Nesse contexto, Araújo (2018, p.06) entende que a “valorização do trabalho cooperativo”, a “ênfase na problematização da realidade e dos saberes” e o “estímulo à auto-organização dos alunos”, são meio didáticos mais favoráveis à compreensão mais ampla da

realidade. Sendo assim, cabe mencionar que a integração dos conhecimentos precisa considerar não só a interdisciplinaridade como também a contextualização.

A respeito da interdisciplinaridade, a pesquisa em questão traz como perspectiva o diálogo entre as disciplinas e a colaboração dos envolvidos no projeto interdisciplinar, procurando debater conhecimentos nos quais “a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa” (FAZENDA, 2002, p. 25).

De acordo com os PCN's (BRASIL, 2000, p. 76):

[...] a interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados.

De acordo com Santomé (1998), a interdisciplinaridade é um tema bastante discutido atualmente, porém a preocupação com essa matéria é antiga, pois, em tempos passados esse assunto também causava inquietação, como na antiguidade, em que Platão, provavelmente, levantava “a necessidade de uma ciência unificada” (SANTOMÉ, 1998, p. 47). Além disso, conforme o autor, a entidade mais remota a pretender um projeto de integração do conhecimento em várias áreas do conhecimento pode ser aceita como a Escola de Alexandria.

O referido autor informa também que, no período renascentista, o pensador Francis Bacon, por meio de sua obra *New Atlantis*, vê como importante a unificação do conhecimento, apresentando a Casa de Salomão, a qual representava “um centro de pesquisa científica interdisciplinar a serviço da humanidade” (SANTOMÉ, 1998, p. 46-47). Ressalta também que Juan Amós Comenio, no século XVII, também defendeu “a unidade do saber”, procurando relacionar os conhecimentos uns com os outros (SANTOMÉ, 1998, p. 47).

Ademais, Santomé (1998) informa que a *Enciclopédia Iluminista* no século XVIII faz a defesa de um conhecimento unificado e pluralista, destacando a importância da inter-relação dos saberes.

Entretanto, com a Revolução Industrial ocorreu maior disciplinaridade do conhecimento, dando ênfase ao positivismo, sendo cada disciplina considerada de maneira isolada, assim, proporcionando mais valorização para as ciências exatas. Consequentemente, estimulando maior fragmentação do conhecimento (SANTOMÉ, 1998).

Embora a Revolução Industrial tenha trazido como consequência maior necessidade de especialização, a contestação à fragmentação do conhecimento sempre ocorreu. No entanto, é no século XX que a interdisciplinaridade passa a ser considerada relevante, para possibilitar

o enfrentamento dos problemas de uma sociedade complexa e que muda rapidamente (SANTOMÉ, 1998).

Além disso, Santomé (1998, p.62) explica que “o termo interdisciplinaridade surge ligado à finalidade de corrigir possíveis erros e a esterilidade acarretada por uma ciência excessivamente compartimentada e sem comunicação interdisciplinar”.

A respeito do tema, vale ressaltar também a concepção de Pombo (2005), a qual prescreve que na interdisciplinaridade o professor precisa ter a disposição para abandonar o conforto de sua linguagem técnica, para adentrar no domínio de todos.

Para Santomé (1998), no trabalho interdisciplinar, os indivíduos envolvidos devem ter uma postura receptiva. Além disso, embora informe que não existe uma única maneira de realizar a interdisciplinaridade, indica alguns passos que frequentemente estão presentes em uma proposta dessa natureza:

1. a) *Definir* o problema (interrogação, tópico, questão).
 - b) *Determinar* os conhecimentos necessários, inclusive as disciplinas representativas e com necessidade de consulta, bem como os modelos mais relevantes, tradições e bibliografia.
 - c) *Desenvolver* um marco integrador e as questões a serem pesquisadas.
2. a) *Especificar* os estudos ou pesquisas concretas que devem ser empreendidos.
 - b) *Reunir* todos os conhecimentos atuais e *buscar* nova informação.
 - c) *Resolver* os conflitos entre as diferentes disciplinas implicadas, tratando de trabalhar com um vocabulário comum e em equipe.
 - d) *Construir e manter* a comunicação através de técnicas integradoras (encontros e intercâmbios, interações frequentes, etc.).
3. a) *Comparar* todas as contribuições e *avaliar* sua adequação, relevância e adaptabilidade.
 - b) *Integrar* os dados obtidos individualmente para determinar um modelo coerente e relevante.
 - c) *Ratificar ou não* a solução ou resposta oferecida.
 - d) *Decidir* sobre o futuro da tarefa, bem como sobre a equipe de trabalho. (KLEIN 1990, p. 188-189 *apud* SANTOMÉ, 1998, p.65, *grifo do autor*).

De acordo com Ramos (2008, p.19), a interdisciplinaridade pode ser definida como “a reconstituição da totalidade pela relação entre os conceitos originados a partir de distintos recortes da realidade”. Portanto, percebemos que a interdisciplinaridade está relacionada com a ideia de totalidade, de que o conhecimento não deve ser fragmentado, devendo haver uma relação entre as disciplinas.

Para Lopes (1999), a superação da fragmentação não se dá por meio do abandono da especialização, e a interdisciplinaridade não deve ser confundida com um conhecimento de caráter geral, em que não se reconhecera a importância dos conhecimentos disciplinares. Por fim, compreende que a interdisciplinaridade tem sido tratada com diferentes sentidos.

A autora supracitada entende que as disciplinas hoje existentes possuem raízes

históricas e sociais, por isso, acabar com elas não representa uma solução para um conhecimento mais amplo. Nesse sentido, defende a garantia do espaço para o específico, sem prejuízo da relação entre as diferentes disciplinas. Para ela, a interdisciplinaridade precisa ser entendida como diálogo entre as disciplinas, porém sem permitir que esta se torne excessivamente valorizada. Ademais, a autora também ressalta que a interdisciplinaridade não deve ser vista como algo capaz de resolver todos os problemas da educação.

Outro aspecto relevante é a contextualização. Para Moura (2007, p.24), “contextualizar a aprendizagem significa superar a aridez das abstrações científicas para dar vida ao conteúdo escolar, relacionando-o com as experiências passadas e atuais vivenciadas pelos estudantes/educadores”.

A educação financeira precisa considerar a realidade dos discentes e professores, tomando situações que acontecem no seu cotidiano, na sociedade, no Brasil e no mundo, fazendo o relacionamento com os conhecimentos escolares.

Segundo Araújo e Frigotto (2015), a contextualização deve ser desenvolvida de maneira a trabalhar a realidade da sociedade e os projetos de transformação da sociedade em benefício da classe trabalhadora.

A Resolução CNE/CEB nº 2/2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, fixa que esta etapa da educação deve focar tanto no desenvolvimento do aluno como pessoa humana, como na compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos que possibilitam o avanço produtivo. Além disso, prevê, em seu artigo 4º, que a sua oferta deve ter como base:

- I - formação integral do estudante;
- II - trabalho e pesquisa como princípios educativos e pedagógicos, respectivamente;
- III - educação em direitos humanos como princípio nacional norteador;
- IV - sustentabilidade ambiental como meta universal;
- V – indissociabilidade entre educação e prática social, considerando-se a historicidade dos conhecimentos e dos sujeitos do processo educativo, bem como entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem;
- VI - integração de conhecimentos gerais e, quando for o caso, técnico-profissionais realizada na perspectiva da interdisciplinaridade e da contextualização;
- VII - reconhecimento e aceitação da diversidade e da realidade concreta dos sujeitos do processo educativo, das formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a eles subjacentes;
- VIII - integração entre educação e as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como base da proposta e do desenvolvimento curricular. (BRASIL, 2012, p.02).

Vale ressaltar o inciso VIII, artigo nº 4º, da Resolução CNE/CEB nº 02/2012, acima exposto, que coloca como fundamento da proposta de desenvolvimento do ensino médio a integração entre a educação e as dimensões do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia.

Além disso, de acordo com a citada Resolução, o currículo do Ensino Médio deve observar a contextualização e a interdisciplinaridade, com mútua influência entre os conhecimentos e campos do saber.

A Resolução CNE/CEB nº6/2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, em seu artigo 14, informa que os cursos do referido âmbito devem possibilitar ao seu público alvo:

- I - diálogo com diversos campos do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como referências fundamentais de sua formação;
- II - elementos para compreender e discutir as relações sociais de produção e de trabalho, bem como as especificidades históricas nas sociedades contemporâneas (BRASIL, 2012, p.5).

Consoante Araújo e Frigotto (2015), quanto ao desenvolvimento de práticas pedagógicas integradoras, embora considerem que a forma de dispor o ensino e a organização do currículo sejam aspectos relevantes, entendem que o mais importante é que os professores e alunos precisam ter uma postura comprometida com a classe trabalhadora, para promover a emancipação dos indivíduos e a transformação social.

Portanto, o desenvolvimento de práticas pedagógicas integradoras compromissadas com a classe trabalhadora representa um desafio aos professores, haja vista as dificuldades que se apresentam nesse processo. Entretanto, não resta dúvida dos benefícios da proposta, pois favorece a integração dos conhecimentos, a maior interação entre os próprios professores e entre os professores e alunos e uma formação mais crítica e transformadora da sociedade. Nessa direção, defendemos a ideia de que a vivência de práticas pedagógicas integradoras pode ser desenvolvida por meio de sequência didática.

2.2.3 Sequência didática

A sequência didática originou-se na França na década de 1980, constituindo atividades que eram aplicadas ao ensino de qualquer conteúdo. Ademais, destacou-se no ensino de Língua Portuguesa, em decorrência do trabalho realizado por pesquisadores da área de linguística da Universidade de Genebra, Suíça (GARCIA, 2014).

Nesse sentido, cabe mencionar que, conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.97), sequência didática corresponde a “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Segundo Zabala (1998, p.18), sequência didática é “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”.

De acordo com Amaral (2015), sequência didática corresponde a uma sequência de atividades, planejada e que possui um relacionamento umas com as outras, para alcançar o objetivo de ensino e aprendizagem almejado pelo professor.

Oliveira (2013) entende que a sequência didática contribui para aperfeiçoar o ensino-aprendizagem, tratando-se de atividades planejadas e organizadas de maneira ordenada, para trabalhar os conteúdos escolares de maneira integrada. Acresce que corresponde a uma forma inovadora de buscar a superação da fragmentação do conhecimento.

Segundo Zabala (1998), a forma como as atividades são organizadas é relevante, pois determina as características da prática educativa. Adiciona que os modelos de aulas são identificados pelas atividades que os compõem, possuindo características diferentes de acordo com a organização e articulação dessas atividades.

O último autor supracitado informa que a sequência didática compreende toda a complexidade da prática e contribui para a coesão dela, sendo uma ferramenta que considera as três fases de toda intervenção reflexiva, quais sejam, o planejamento, a aplicação e a avaliação. Nesse contexto:

Poderemos ver de que maneira a ordem e as relações que se estabelecem entre diferentes atividades determinam de maneira significativa o tipo e as características do ensino. Levando em conta o valor que as atividades adquirem quando as colocamos numa série ou sequência significativa, é preciso ampliar esta unidade elementar e identificar, também, como nova unidade de análise, *as seqüências de atividades* ou seqüências didáticas como unidade preferencial para a análise da prática, que permitirá o estudo e a avaliação sob uma perspectiva processual, que inclua as fases de planejamento, aplicação e avaliação (ZABALA, 1998, p.18).

De acordo com Cabral (2017), em uma sequência didática, as atividades de planejamento, aplicação e avaliação, como já referidas por Zabala (1998), constituem três fases de um processo que contribui para o aperfeiçoamento do ensino como uma unidade. Cabral afirma que o planejamento “racionaliza a inevitável articulação entre as reconstruções conceituais e as metodologias alternativas”, a aplicação “materializa a viabilidade e pertinência do material sequenciado disponibilizado aos aprendizes” e a avaliação “permite a (re)elaborações necessárias a partir da análise e discussão dos dados” (CABRAL, 2017, p.32).

Por conseguinte, uma sequência didática pode corresponder às fases abaixo:

a) Atividade motivadora relacionada com uma situação conflitante da realidade experiencial dos alunos.

- b) Explicação das perguntas ou problemas que esta situação coloca.
- c) Respostas intuitivas ou "hipóteses".
- d) Seleção e esboço das fontes de informação e planejamento da investigação.
- e) Coleta, seleção e classificação dos dados.
- f) Generalização das conclusões tiradas.
- g) Expressão e comunicação. (ZABALA, 1998, p. 55).

Segundo Oliveira (2013), hoje as diversas áreas do conhecimento podem beneficiar-se do uso da sequência didática, devendo observar os seguintes passos:

- Escolha do tema a ser trabalhado;
- Questionamentos para problematização do assunto a ser trabalhado;
- Planejamento dos conteúdos;
- Objetivos a serem atingidos no processo ensino-aprendizagem;
- Delimitação da sequência de atividades, levando-se em consideração a formação de grupos, material didático, cronograma, integração entre cada atividade e etapas, e avaliação dos resultados (OLIVEIRA, 2013, p. 54).

Conforme Kobashigawa et al. (2008), a elaboração de sequências didáticas é um momento em que devem ser priorizadas atividades desenvolvidas coletivamente e o debate do ensino e de estratégias favoráveis à aplicação em sala de aula, havendo uma maior aproximação entre os docentes.

Vale ressaltar também que, ao abordar um conteúdo, é recomendado que o professor realize atividades para determinar os conhecimentos prévios dos alunos, bem como que tal assunto precisa ser proposto considerando o desenvolvimento apresentado pelos estudantes. Nesse sentido, para que o professor possa se informar sobre tais aspectos, é possível partir, por exemplo, de um diálogo ou debate a respeito do tema (ZABALA, 1998). Assim, “será necessário introduzir atividades que estimulem os alunos a expressarem o que pensam sobre o tema tratado, de forma que nos deem pistas acerca dos diferentes níveis de complexidade que deve ter a exposição” (ZABALA, 1998, p. 65). Assim, a participação dos alunos do início ao fim é essencial (OLIVEIRA, 2013).

No mesmo sentido, posiciona-se o Ministério da Educação em publicação que trata do Pacto nacional pela alfabetização na idade certa, informando que o trabalho com sequências didáticas é importante, havendo uma disposição das atividades que leva em consideração não só os conhecimentos prévios dos alunos, mas também possibilita a consolidação dos conhecimentos em processo de construção, bem como que a aquisição de novos conhecimentos ocorra de maneira gradual.

Além disso, para que os conteúdos sejam compreendidos pelos alunos como necessários para suas vidas, as atividades precisam ser desenvolvidas, considerando os conhecimentos próximos à vida deles, partindo de alguma situação conflitante ou problemática (ZABALA, 1998).

Em uma sequência didática, procura-se trabalhar um tema, desde o momento inicial até o desenvolvimento de “um conceito, uma ideia, uma elaboração prática, uma produção escrita”, de forma que poderão ser incluídas atividades variadas, tais como “leitura, pesquisa individual ou coletiva, aula dialogada, produções textuais, aulas práticas, etc.” (BRASIL, 2012, p.21).

No que se refere à avaliação, conforme Zabala (1998), a aprendizagem é o aspecto a ser focado, qualquer que seja o sentido da avaliação que se adote, sendo, conseqüentemente, um instrumento que é importante para que o professor possa adequar a metodologia de ensino e aprendizagem que entende que será necessário utilizar em suas aulas.

Portanto, com a finalidade de ensinar um assunto qualquer aos estudantes, o professor precisa planejar as atividades a serem desenvolvidas, elaborando os passos que serão seguidos, de maneira a realizar uma série de atividades organizadas que favoreça a integração dos conhecimentos e poderão contribuir para um melhor processo de ensino e aprendizagem.

3 CAPÍTULO II: METODOLOGIA

Neste capítulo, serão discutidos os elementos que delinearão a pesquisa, tais como a metodologia escolhida, o local e os sujeitos de pesquisa, os procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados e o planejamento e execução do trabalho de campo.

3.1 Concepção de Pesquisa

Esta investigação possui uma abordagem qualitativa. Minayo et al. (2009) entendem que a pesquisa qualitativa se refere a um campo mais profundo das relações humanas, trabalhando com aspectos subjetivos, como crenças, valores, algo não representado em números ou equações.

Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador conduz a investigação, indo diretamente ao local onde está o participante, procurando estabelecer uma relação próxima e harmônica com as pessoas envolvidas (CRESWELL, 2007).

À medida que o pesquisador vai dominando sua investigação, tanto as questões de pesquisa como o processo de coleta de dados podem ser alterados; no primeiro caso, para aperfeiçoamento e, no segundo, para adequar-se às condições materiais encontradas. Assim, ocorre um dinâmico processo que vai desde a coleta e análise de dados até a reformulação do

problema, e vice-versa. Além disso, o pesquisador observa os dados de acordo com seu ponto de vista, fazendo a análise e a interpretação deles para encontrar temas ou categorias, a fim de chegar a conclusões (CRESWELL, 2007).

Classificamos a pesquisa quanto aos fins e quanto aos meios, seguindo a classificação proposta por Vergara (1998). Quanto aos fins, consideramos que se trata de uma pesquisa aplicada, porque procura resolver problemas concretos, tendo como característica básica a aplicação, a utilização, a finalidade prática (VERGARA, 1998; GIL, 2008). Quanto aos meios, trata-se de uma pesquisa participante.

Nesse sentido, Vergara (1998, p. 47) afirma que:

a pesquisa participante não se esgota na figura do pesquisador. Dela tomam parte pessoas implicadas no problema sob investigação, fazendo com que a fronteira pesquisador/pesquisado, ao contrário do que ocorre na pesquisa tradicional, seja tênue.

Na pesquisa participante, o pesquisador estabelece uma relação próxima com os participantes, em um processo em que ocorre uma influência mútua, uma identificação entre eles (Gil, 2008; MINAYO et al., 2009). Nessa direção, a participação do pesquisador foi ativa, relacionando-se diretamente com os sujeitos da pesquisa, planejando, elaborando e vivenciando as atividades junto com eles, bem como avaliando o processo com os sujeitos envolvidos.

Dado o exposto, trata-se de uma pesquisa qualitativa participante, em que, além de ocorrer um dinâmico processo de construção da pesquisa, destaca-se o relacionamento entre o pesquisador e os participantes.

3.2 Campo e sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi efetivada com professores e estudantes da segunda série do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do *Campus* Esperança do Instituto Federal de Educação da Paraíba. Elegemos o referido *campus*, porque esse tem se mostrado empenhado na efetivação do Ensino Médio Integrado, realizando diversas ações que caminham na direção de sua concretização.

A opção pela segunda série do curso Técnico em Informática deu-se após análise do Projeto Pedagógico do curso e de conversas com os professores de História, Geografia e Língua Portuguesa, em que os citados professores também consideraram adequada a realização do trabalho nessa série. Adicionalmente, observamos que em tal série, além de

existirem os componentes curriculares com os quais pretendíamos trabalhar, também havia conteúdos que consideramos mais favoráveis a uma abordagem de compreensão da sociedade de consumo.

A referida turma é composta por 36 estudantes e, dentro desse universo, foram sujeitos dessa investigação, voluntariamente, onze estudantes, dos quais três se dispuseram a participar apenas da entrevista semiestruturada, outros quatro somente da produção escrita a respeito da intervenção realizada e os quatro restantes participaram tanto da entrevista como da produção escrita.

Quadro 2: Perfil dos estudantes

Estudantes	Sexo
Estudante 1	Masculino
Estudante 2	Masculino
Estudante 3	Feminino
Estudante 4	Feminino
Estudante 5	Feminino
Estudante 6	Masculino
Estudante 7	Masculino
Estudante 8	Masculino
Estudante 9	Feminino
Estudante 10	Feminino
Estudante 11	Feminino

Fonte: dados da pesquisa.

Além dos estudantes, fizeram parte da pesquisa três professores, quais sejam, os professores de História, Geografia e Língua Portuguesa, que participaram igualmente de forma voluntária da entrevista semiestruturada.

Quadro 3: Perfil dos professores

Professor	Formação	Tempo de Serviço no IFPB
Professor 1	Graduado em História e mestre em História.	1 ano e 9 meses
Professor 2	Graduado em Geografia, mestre em formação de professores e doutorando em Geografia.	1 ano e 2 meses
Professor 3	Graduada em Letras, especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa e mestranda em formação de professores.	7 anos e 7 meses

Fonte: dados da pesquisa.

Do quadro acima verificamos que os professores são relativamente recentes no IFPB e apresentam formação pedagógica para a realização de suas atividades.

Para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, sequenciamos as informações coletadas de cada professor e de cada estudante, como exposto na primeira coluna dos quadros acima.

Por fim, atendendo as exigências do programa de Pós-Graduação, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa do IFPB.

3.3 Curso técnico em informática

A respeito do curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do *campus* Esperança do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), cabe mencionar que, além de oferecer anualmente quarenta vagas, tem tempo de permanência de três anos, tendo começado suas atividades em 2016 (BRASIL, 2015).

O referido curso está localizado em Esperança (PB), município situado a 156 km de distância de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, com uma área de 163,780 km². Possui um relativo desenvolvimento econômico, influenciando mais de dez cidades vizinhas que utilizam os produtos e serviços fornecidos no município (BRASIL, 2015).

O Curso Técnico em Informática do referido *Campus* habilita o profissional concluinte para realizar atividades voltadas a sistemas computacionais, com destaque para a área de programação (BRASIL, 2015).

Outro aspecto que merece atenção é a análise do Projeto Pedagógico do citado curso, no que se refere à existência de conteúdos de educação financeira. Por esse ângulo, constatamos haver no componente curricular de Sociologia I, na 1ª série do curso, o conteúdo “Juventude e o trabalho: cidadania, mercado de trabalho, consumo e desemprego”, o qual pode ser relacionado com a educação financeira (BRASIL, 2015, p. 57).

Na 2ª série, na disciplina de Geografia II, está previsto o conteúdo: “Capitalismo, espaço e população: As fases do capitalismo, a distribuição e organização das forças de trabalho, grandes navegações, industrialização, financeirização e a questão do subdesenvolvimento”; “Globalização e espaço geográfico: entre integração e exclusão”; “O impacto da globalização sobre a cotidianidade: da cultura popular ao facebook” (BRASIL,

2015, p. 88). Tais assuntos são relevantes para a compreensão do Capitalismo e do consequente desenvolvimento da sociedade de consumo.

Ainda, na 2ª série, na disciplina de História II, há o conteúdo “Revolução Industrial”, o qual aborda um importante acontecimento do século XIX (BRASIL, 2015, p.85). Tais assuntos podem ser relacionados não só com a origem da atual sociedade de consumo, mas também com sua expansão.

Além disso, no componente curricular de Sociologia III, na 3ª série, identificamos a abordagem do tema “Ética e Cidadania”, tendo como subtema “A representação política e a cidadania”, bem como referência ao tema “Estado e democracia no Brasil”, tendo como subtema “Democracia, cidadania e as alternativas para o Brasil” (BRASIL, 2015, p. 123).

Já em Filosofia III, ainda na 3ª série, estão previstas como conteúdo programático noções de cidadania (BRASIL, 2015, p. 125).

Em Matemática III, na 3ª série, existem conteúdos que podem ser considerados de educação financeira. O referido componente curricular apresenta como objetivo geral “Estudar de forma relevante e significativa os conceitos principais da matemática financeira” (BRASIL, 2015, p. 113) e como objetivos específicos:

- Compreender a essencialidade do conhecimento de matemática financeira;
- Representar taxas percentuais nas suas diferentes formas;
- Resolver problemas que envolvam porcentagem;
- Deduzir a expressão para o cálculo do montante nos juros simples;
- Resolver problemas que envolvam o conceito de juros simples;
- Compreender a equivalência de taxas na capitalização simples;
- Calcular descontos comerciais simples;
- Compreender o conceito da capitalização composta;
- Calcular Montantes no regime composto;
- Resolver problemas com juros compostos;
- Calcular o valor atual de um capital no regime de capitalização composta;
- Interpretar situações problemas envolvendo conceitos de matemática financeira

(BRASIL, 2015, p. 113).

Esses conceitos trabalhados em Matemática Financeira possibilitam aos alunos compreenderem o que são taxas de juros, diferenciarem juros simples de juros compostos, observarem com cuidado as taxas de juros cobradas em operações de crédito, entenderem as operações de desconto, etc.

Dessa forma, embora existam disciplinas cujos conteúdos possam ser relacionados com a educação financeira, não existe no curso um componente curricular dedicado especificamente a desenvolver esse tema.

3.4 Processo de construção da sequência didática

Inicialmente, no dia 20 de fevereiro de 2019, o pesquisador se reuniu com o Diretor de Ensino e com o Coordenador do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do *Campus* Esperança do IFPB, realizando a apresentação do projeto de pesquisa e obtendo a autorização necessária à sua execução.

No mesmo dia, mediante convite do Diretor de Ensino, procedeu com a apresentação do projeto de pesquisa não só para os possíveis professores participantes, mas também para todos os professores do *Campus*, explicando os objetivos da pesquisa e como pretendia atendê-los. Ademais, evidenciando o engajamento do *Campus* na realização do Ensino Médio Integrado, a partir da exposição do pesquisador, iniciou-se uma discussão entre os docentes a respeito das propostas de práticas pedagógicas integradoras que esses pretendiam realizar.

Feitas essas apresentações, o pesquisador conversou com os professores de Geografia, História, Língua Portuguesa, Matemática e da área técnica de informática, explicando que a elaboração das aulas que comporiam a sequência didática seria uma atividade em que haveria a interação entre os professores e o pesquisador, a qual seria vivenciada em suas respectivas aulas.

Nessa perspectiva, o professor de Geografia aceitou participar do trabalho e trouxe diversas sugestões. Isso também ocorreu em relação ao professor de História. Contudo, os professores de Matemática e das disciplinas técnicas de informática informaram que não poderiam participar, haja vista a sobrecarga de trabalho e atribuições de caráter pessoal.

Entretanto, o pesquisador percebeu que apenas duas disciplinas não eram suficientes para atingir o objetivo da pesquisa. Sendo assim, convidou a docente responsável pelo componente curricular de Língua Portuguesa, a qual aceitou prontamente.

Ademais, em consonância com as análises realizadas pelo pesquisador no Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática e em consulta aos docentes participantes da pesquisa, foi escolhida a segunda série do referido curso para vivência da sequência didática.

No dia 08 de março de 2019, o pesquisador apresentou o projeto de pesquisa aos alunos do citado curso, expondo os objetivos da pesquisa, a necessidade de elaboração da sequência didática interdisciplinar e explicou os detalhes da intervenção, bem como a maneira que os dados seriam coletados. Em seguida, explicou os termos de consentimento e assentimento, solicitando que os alunos que concordassem em participar assinassem o termo de assentimento. Além disso, encaminhou os termos de consentimento para a apreciação e

assinatura dos pais ou responsáveis dos alunos e recomendou que fossem devolvidos até o dia 14 de março de 2019, data do início da vivência da sequência didática.

Em contato com os professores de História, Geografia e Língua Portuguesa, o pesquisador buscou desenvolver a sequência didática, interagindo tanto presencialmente como por meio de contato telefônico, em que o pesquisador apresentou o que possuía em mente para o trabalho com a educação financeira em relação a cada disciplina e os respectivos professores trouxeram suas ideias e propostas a fim de ser formada a sequência de atividades a serem vivenciadas em cada aula, existindo preocupação também em promover uma sequência entre as etapas.

No tocante ao processo de planejamento coletivo da sequência didática, o professor de História sugeriu acrescentar, na sondagem dos conhecimentos prévios dos estudantes, uma pergunta sobre o que eles entendiam a respeito de sociedade de consumo, sugeriu também abordarmos, não só o papel da Revolução Industrial na construção da atual sociedade, mas também a consolidação do capitalismo no século XIX, ressaltando a questão do fim da escravidão, não como uma iniciativa humanitária, mas como uma forma encontrada pela Inglaterra, naquele momento, para aumentar o mercado consumidor; o papel do imperialismo como resultado desse processo de expansão capitalista da sociedade de consumo, levando à dominação de outros países, para acréscimo do mercado consumidor e obtenção de matérias-primas. O assunto abordado anteciparia um tema que só seria apresentado aos estudantes na disciplina posteriormente, referente ao Brasil Colônia, que se encontrava relacionado com o século XIX, qual seja: a influência da Revolução Industrial, que iria gerar mais tarde as questões do século XX, em especial: a Primeira Guerra Mundial e a Crise de 1929, ressaltando a interligação dos assuntos.

Quanto ao professor de Geografia, esse sugeriu que fosse incluído na proposta o poema “Eu Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade. Ele informou que a vivência da sequência didática em suas aulas ocorreria de maneira que não haveria intercalação, ou interrupção da sequência prevista para os conteúdos de suas aulas, pois seu planejamento o levou a ministrar, antes da execução da sequência didática, o assunto capitalismo, e, em seguida, no momento em que fôssemos aplicar a sequência didática, estaria ministrando o tema globalização e sua relação com o consumo e discutiríamos a integração do sujeito na sociedade por meio do consumo. O referido professor sugeriu incluímos, na sequência de atividades, o tema globalização e sua relação com o consumo e o consumismo. Por fim, sugeriu também que elaborássemos em conjunto uma avaliação, solicitando que enviássemos duas perguntas.

Em relação à disciplina de Língua Portuguesa, a professora informou que iria iniciar o conteúdo de produção textual, trabalhando os gêneros textuais entrevista, reportagem e documentário e que faria isso a partir da aula em que abordaríamos a educação financeira. Nesse sentido, sugeriu que incluíssemos, na sequência didática, uma reportagem, a qual seria trabalhada sob o ponto de vista da educação financeira e da Língua Portuguesa. Ademais, sugeriu também fazermos a relação entre as tiras expostas na página 70 (Figuras 9 e 10), informando que as tiras também representam um gênero textual e que a primeira delas apresenta uma situação com linguagem figurada. A partir das citadas tiras, a professora de Língua Portuguesa e o pesquisador trabalhariam o endividamento e o controle financeiro. Nessa perspectiva, a professora elaborou sete questões para poder relacionar o processo de leitura com a educação financeira, articulando a ideia de uma tira com a outra e integrando ao entendimento de Bauman (2008).

Nesse sentido, segue abaixo a sequência didática, que corresponde ao produto educacional elaborado com a participação dos referidos professores:

- Tema da sequência didática: educação financeira como prática integradora no Ensino Médio Integrado;
- Objetivo geral: Contribuir com a formação do estudante de maneira a ajudá-lo a compreender a sociedade de consumo construída pelo sistema capitalista, a fim de que não se torne vítima dela;
- Objetivos específicos:
 - Realizar uma reflexão sobre sociedade de consumo, cultura consumista e consumismo, no âmbito das disciplinas de História e Geografia;
 - Debater, durante a aula de Língua Portuguesa, sobre o crédito e o endividamento e mostrar como os estudantes podem elaborar seu orçamento pessoal e ajudar suas famílias na elaboração do orçamento familiar, bem como debater a importância da poupança.

Segue abaixo o planejamento da sequência didática:

Quadro 4: Planejamento da sequência didática

ETAPAS	PROCEDIMENTOS	DURAÇÃO
1. Apresentação da proposta. Refletir sobre a sociedade de consumo e tratar da sua origem histórica.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sondar os alunos sobre seus conhecimentos prévios acerca da educação financeira; ▪ Abordar conceitos introdutórios sobre educação financeira; ▪ Refletir sobre a atual sociedade de consumo; ▪ Fazer uma abordagem histórica, mostrando o surgimento da sociedade de consumo e da cultura consumista; ▪ Desenvolver as atividades de modo interdisciplinar com o componente curricular de História. 	100 minutos (duas aulas contínuas de 50 min)
2. Abordar a questão do consumismo e suas consequências.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Discutir o tema globalização e consumo; ▪ Mostrar as consequências do consumismo para o planeta e para a vida das pessoas; ▪ Mostrar a importância do consumo consciente; ▪ Discutir como a educação financeira pode contribuir para o exercício da cidadania; ▪ Desenvolver as atividades de modo interdisciplinar com o componente curricular de Geografia. 	100 minutos (duas aulas contínuas de 50 min)
3. Refletir sobre o crédito e o endividamento. Mostrar a importância do planejamento e da elaboração do orçamento pessoal e do orçamento familiar.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mostrar que o uso do crédito não deve ser banalizado, ao contrário, deve ser evitado; ▪ Trabalhar os conceitos de crédito, juros, dívidas e endividamento; ▪ Mostrar a importância da poupança para enfrentar situações de dificuldade e se preparar para o futuro; ▪ Desenvolver as atividades de modo interdisciplinar com o componente curricular de Língua Portuguesa. 	100 minutos (duas aulas contínuas de 50 min)

Fonte: próprio autor (2018-2019).

SEQUÊNCIA DIDÁTICA:

• Etapa 1: Educação Financeira x História

Inicialmente, o professor pesquisador explicou as etapas que seriam realizadas durante a sequência didática.

Em seguida, o professor pesquisador, junto com o professor de História, realiza um diálogo com os alunos, a fim de sondar os seus conhecimentos prévios sobre educação financeira, bem como obter uma noção do nível de conhecimento deles, por meio das seguintes perguntas:

- a) Vocês já ouviram falar sobre educação financeira?
- b) O que vocês acham que é educação financeira?
- c) O que vocês acham que seja a sociedade de consumo?
- d) Como vocês se sentem diante da publicidade que tenta convencê-los a comprar algum produto?
- e) Vocês possuem algum tipo de organização para cuidar do seu dinheiro?
- f) Ao comprar um produto, vocês preferem pagar à vista com desconto ou parcelar a compra sem desconto se o valor da parcela for pequeno?

A partir desse levantamento, adaptaram as atividades planejadas às impressões observadas; e, logo após, o professor pesquisador fez uma breve conceituação relativa ao tema, informando que a educação financeira seria trabalhada em uma perspectiva crítica, buscando compreender a sociedade de consumo em que vivemos e adquirindo conhecimentos para proteger-se dela, procurando utilizar os nossos recursos financeiros de maneira a atender nossas necessidades e, desse modo, evitando cair em situações de endividamento que venham a prejudicar as nossas vidas.

Em seguida, os professores apresentaram o vídeo de Engenheiros do Hawaii, “3ª do plural⁷”, as tirinhas presentes nas imagens a seguir e o vídeo “Obsolescência Programada”⁸:



Figura 3: Como ser feliz.

Fonte: Quino (2003, p. 350, tira 2).

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LeE3NtDUmN4>. Acesso em: 08 jan. 2019.

⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f900b-_RTYo. Acesso em: 08 jan. 2019.



Figura 4: Compra de maridos.
 Fonte: Quino (2003, p. 310, tira 2).

Tais apresentações foram feitas a fim de provocar a reflexão sobre a atual sociedade, desenvolvida dentro do sistema capitalista, chamando a atenção dos alunos para como os detentores do poder econômico, as grandes corporações empresariais, procuram impor seus interesses, fazendo com que os indivíduos tenham uma mentalidade consumista.

Com base no pensamento do sociólogo Zygmunt Bauman, em sua obra *Vida para Consumo* (2008), os professores trabalharam a concepção de que a sociedade, por meio da publicidade e da mídia, incute nas pessoas a ideia de que a felicidade está condicionada ao consumo, mas ao adquirir um produto, o consumidor é enganado e sua satisfação dura pouco, pois, logo em seguida, é lançado um novo produto dito superior, para que ele esteja sempre insatisfeito e em busca de novas compras. Além disso, destaca-se que, segundo o referido autor, vivemos em uma sociedade em que as coisas não são feitas para durar. Nessa sociedade, as mercadorias são planejadas para ter uma curta vida útil (obsolescência programada), para que sejam rapidamente descartadas, a fim de dar espaço a novas compras.

Foi importante mencionar também que, conforme o autor supracitado, o maior objetivo dessa sociedade é transformar o próprio consumidor em uma mercadoria, formar consumidores dóceis e atentos aos apelos do mercado, marionetes. Além disso, Bauman (2008) afirma que o trabalhador, para poder adquirir bens de consumo, necessita vender a única mercadoria que possui, que é a sua força de trabalho, sendo estimulado a desenvolver-se como uma mercadoria desejada. Ainda acrescenta que essa lógica interfere nas relações sociais e na própria subjetividade das pessoas, pois, por meio do consumo, as pessoas desenvolvem sua identidade e projetam sua imagem dentro da sociedade. Nesse sentido, para ampliar esse tipo de reflexão, foi interessante apresentar o trecho a seguir:

O objetivo crucial, talvez decisivo, do consumo na sociedade de consumidores (...) não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades, mas a comodificação ou recomodificação do consumidor: *eleva a condição dos consumidores à de mercadorias vendáveis* (BAUMAN, 2008, p. 76).

Diante do exposto, fica claro que, em vez de as pessoas sentirem-se felizes com atividades em família ou junto à natureza, elas são conduzidas a shoppings centers e gastam seu tempo comprando ou se preparando para comprar, nessa situação, conforme Bauman (2008), elas próprias são mercadorias em busca de mercadorias.

Sendo assim, para contrapor-se a tal sociedade e as suas armadilhas, é importante que o cidadão tenha consciência de sua realidade e que tenha uma postura crítica, adquirindo informações para se instrumentalizar, não se deixando seduzir pela publicidade, valorizando as atividades em família, os amigos, a natureza, não se submetendo aos apelos do mercado de consumo.

Feita essa abordagem problematizadora, os professores partiram para um tratamento histórico do surgimento da sociedade de consumo. Nessa lógica, apresentaram o vídeo “sociedade e consumo⁹” e, a partir dele, discutiram com os alunos como essa sociedade se originou a partir da Revolução Industrial no século XVIII, evoluindo até os dias atuais com a participação da mídia, resultando na formação de uma sociedade e de uma cultura consumistas. Destacaram também, nesse processo de evolução, o contexto histórico do século XIX, tendo em vista ser esse o momento de consolidação do capitalismo.

Nesse sentido, esclareceram que a abolição da escravidão não foi realizada tendo em vista uma perspectiva humanitária, mas para que ocorresse a expansão do mercado consumidor. Por fim, ressaltam que a expansão imperialista do século XIX esteve relacionada com o interesse das nações hegemônicas em aumentar o mercado consumidor e obter matérias-primas para a fabricação de seus produtos.

Refletir sobre o texto abaixo de Bauman (2008, p. 63) é mais um passo interessante para o desenvolvimento dessa sequência didática:

Assim como os “trabalhadores tradicionais” fáceis de satisfazer – que não concordariam em trabalhar mais que o necessário do modo de vida habitual – eram o pesadelo da nascente “sociedade de produtores”, da mesma forma os “consumidores tradicionais”, guiados pelas necessidades familiares de ontem, fechando com alegria os olhos e tampando os ouvidos aos afagos do mercado de bens de consumo para poderem seguir suas velhas rotinas e manter seus hábitos – significariam o dobro de finados da sociedade de consumidores, da indústria de consumo e dos mercados de bens.

⁹ Sociedade e consumo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dhdpWmm2RH0>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

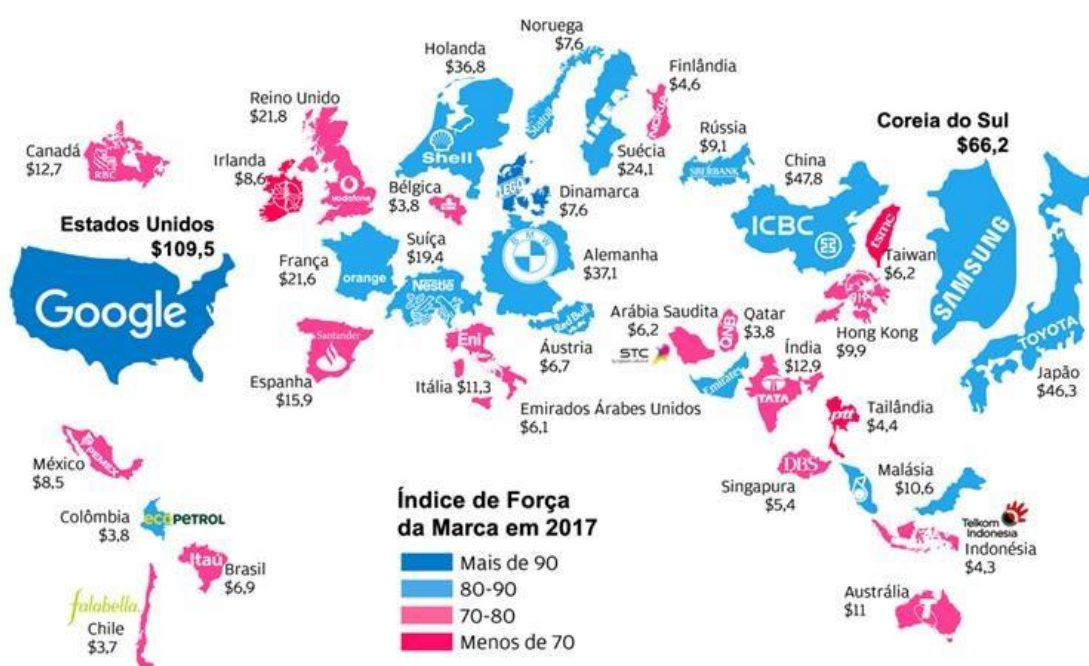
A partir do referido trecho, suscitaram a reflexão sobre como os indivíduos podem posicionar-se em tal sociedade, indicando que eles podem, por exemplo, buscar uma vida baseada nas necessidades.

Por fim, para aprofundamento dos conceitos que os estudantes tiveram acesso, solicitaram que eles assistissem em casa ao filme “Amor por contrato¹⁰”, o qual faz uma crítica à sociedade, mostrando que as pessoas consomem produtos não pela sua utilidade, mas pela representação que tais bens projetam para elas na sociedade e que as empresas não estão vendendo apenas os produtos, mas principalmente um estilo de vida.

• Etapa 2: Educação Financeira x Geografia

Para a realização dessa segunda etapa, foi importante iniciar com o professor de Geografia tratando do tema “globalização e consumo”, a partir da citação de Santos (2001, p.33) e do mapa sobre a localização das marcas mundiais mais valiosas, respectivamente:

As empresas, na busca da mais-valia desejada, valorizam diferentemente as localizações. Não é qualquer lugar que interessa a tal ou qual firma. A cognoscibilidade do planeta constitui um dado essencial à operação das empresas e à produção do sistema histórico atual.



¹⁰AMOR POR CONTRATO. Título Original “The Joneses”. Direção e roteiro: Derrick Borte, EUA, 2009, DVD (96 min.), colorido. Gênero: drama. Distribuidora: Califórnia Filmes.

Figura 5: As marcas mais valiosas em 2017, por país.

Fonte: <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/conheca-as-marcas-mais-valiosas-do-mundo-em-cada-pais>.

Em seguida, o professor de Geografia e o professor pesquisador debateram com os estudantes a respeito da diferença entre consumo e consumismo, procurando realçar os conceitos por meio das imagens abaixo:



Figura 6: en el mercado de San Juan de Dios en Guadalajara, Jalisco, México

Autor: Christian Frausto Bernal

Creative Commons Attribution-Share Alike 2.0 Generic

Fonte: <https://www1.educacao.pe.gov.br/cpar/ProfessorAutor/Geografia/Geografia%20I%207%C2%BA%20ano%20I%20Fundamental/As%20tend%C3%Aancias%20de%20consumismo%20da%20sociedade%20brasileira%20contempor%C3%A2nea%20no%20mundo%20globalizado.ppt>



Figura 7: Shopping Ahmedabad /

Autor: ashwinrb

Creative Commons Attribution-Share Alike 2.0 Generic

Fonte: <https://www1.educacao.pe.gov.br/cpar/ProfessorAutor/Geografia/Geografia%20I%207%C2%BA%20ano%20I%20Fundamental/As%20tend%C3%A2ncias%20de%20consumismo%20da%20sociedade%20brasileira%20contempor%C3%A2nea%20no%20mundo%20globalizado.ppt>

Para refletir sobre a tendência da “sociedade de consumidores”, que transforma as pessoas em mercadorias, lançaram mão do texto de Bauman (2008), a imagem da figura 8 e o poema, Eu Etiqueta, de Carlos Drummond de Andrade:

TEXTO 1:

Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. Tornar-se e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação do consumidor, mesmo que geral latente e quase nunca consciente... (BAUMAN, 2008, p. 63-64)

TEXTO 2:

Figura 8: Globalização.

Fonte: <http://rodrigobennett.blogspot.com/2010/03/revisao-parte-2-globalizacao.html>

TEXTO 3:**EU, ETIQUETA**

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.
Em minha camiseta, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produto
que nunca experimentei
mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.

É duro andar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando
todas as marcas registradas,
todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia
tão diverso de outros, tão mim mesmo,
ser pensante, sentinte e solidário
com outros seres diversos e conscientes
de sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio,
ora vulgar ora bizarro,
em língua nacional ou em qualquer língua
(qualquer, principalmente).
E nisto me comparo, tiro glória
de minha anulação.
Não sou - vê lá - anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
para anunciar, para vender
em bares festas praias pérgulas piscinas,
e bem à vista exibo esta etiqueta
global no corpo que desiste
de ser veste e sandália de uma essência
tão viva, independente,
que moda ou suborno algum a compromete.
Onde terei jogado fora
meu gosto e capacidade de escolher, .

minhas idiossincrasias tão pessoais,
 tão minhas que no rosto se espelhavam
 e cada gesto, cada olhar
 cada vinco da roupa
 sou gravado de forma universal,
 saio da estamparia, não de casa,
 da vitrine me tiram, recolocam,
 objeto pulsante mas objeto
 que se oferece como signo de outros
 objetos estáticos, tarifados.
 Por me ostentar assim, tão orgulhoso
 de ser não eu, mas artigo industrial,
 peço que meu nome retifiquem.
 Já não me convém o título de homem.
 Meu nome novo é coisa.
 Eu sou a coisa, coisamente.

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MjAyODM0/>

Em seguida, os professores fizeram uma breve retomada do filme “Amor contrato”, procurando observar as impressões dos alunos a respeito da mensagem transmitida e apresentaram o vídeo “Trabalho Consumo e Consumismo 2 novo”¹¹ e, então, debateram com os alunos sobre o consumismo e suas consequências.

Ressaltaram que, conforme Bauman (2008), o consumismo está relacionado com o infinito despertar dos desejos, levando ao desfazimento imediato dos recursos financeiros dos indivíduos e à rápida substituição dos objetos possuídos, ao exagero e ao desperdício, sendo mais uma etapa desse processo. Assim, há um estímulo para que os desejos sejam sempre crescentes, tornado a economia dependente e fazendo com que as pessoas vivam de maneira agitada, tensa, ansiando pela aquisição de novas mercadorias.

Além disso, foi importante abordar a questão do consumo no mundo, a desigualdade (onde poucos consomem em excesso, enquanto uma grande parcela da humanidade não consegue suprir suas necessidades básicas), dos efeitos sobre o planeta e sobre o esgotamento dos recursos naturais, a geração de lixo, a necessidade de reciclagem.

Em seguida, foi necessário apresentar o vídeo “Sociedade do Consumo”¹², bem como o vídeo “Consciente Coletivo 10/10 - Como consumir de forma consciente”¹³, do Instituto Akatu, para reflexão com os alunos e pedir que eles identificassem a relação que havia entre as mensagens transmitidas pelos dois vídeos.

¹¹Trabalho, consumo e consumismo 2 novo. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=9FBUYwKGFcs>. Acesso em: 08 jan. 2019.

¹² Sociedade do consumo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QBHvsSdy56A>. Acesso em: 12 mar. 2019.

¹³ Como consumir de forma consciente. Disponível em: < <https://www.akatu.org.br/noticia/consciente-coletivo-como-consumir-de-forma-consciente> >. Acesso em: 08 jan. 2019.

Os professores, após esse momento, debatem com os alunos sobre o consumo consciente e relacionaram a educação financeira com o exercício da cidadania, trabalhando o conceito de cidadania e como a educação financeira poderia contribuir para a formação de um cidadão consciente.

Em seguida, realizaram com os alunos um teste sobre o consumo consciente, solicitando que cada aluno utilizasse uma folha de papel em branco, na qual iria escrever as alternativas por ele escolhidas, de maneira que fosse formando um rol de respostas que, no final, possibilitaria o levantamento do seu nível de desenvolvimento em relação a um consumo consciente.

Para cada item abaixo, foram dadas duas opções, uma delas remete ao consumo consciente e a outra ao consumismo, cada aluno deveria escolher a sua e depois verificar se poderia ser considerado um consumidor consciente:

Questão 1:

- a. Não pensa com cuidado antes de comprar e depois se arrepende.
- b. Planeja suas compras, para adquirir aquilo que é realmente necessário e a um melhor preço.

Questão 2:

- a. Só pensa em você no momento da compra.
- b. No momento da compra, você leva em consideração os impactos sobre a sociedade e o meio ambiente.

Questão 3:

- a. Não reutiliza embalagens e, quando o bem que você possui apresenta defeito, descarta e compra logo outro novo.
- b. Reutiliza embalagens e conserta seus bens com defeito.

Questão 4:

- a. Não separa seu lixo para reciclagem.
- b. Separa seu lixo para reciclagem, buscando contribuir para diminuir a degradação ambiental e ajudar na geração de empregos.

Questão 5:

- a. Ao pensar em obter um empréstimo, você observa apenas se o valor da parcela é baixo.

b. Você pensa com cuidado sobre a necessidade de comprar algo por meio de empréstimo e se a aquisição não pode aguardar até que obtenha o recurso financeiro suficiente para realizar a compra à vista.

Questão 6:

- a. Na hora de comprar um produto, você observa apenas se o preço está atrativo.
- b. Na hora de comprar um produto, você observa não só o preço e a qualidade, mas também a forma como a empresa se relaciona com seus empregados, a sociedade e o meio ambiente.

Questão 7:

- a. Você costuma comprar produtos piratas, tendo em vista o baixo preço.
- b. Você dá preferência a produtos legalizados, evitando comprar produtos piratas.

Questão 8:

- a. Gasta tudo que ganha, sem preocupação com o futuro.
- b. Poupa um pouco do que ganha buscando se resguardar para o futuro.

Questão 9:

- a. Deixa torneiras abertas desnecessariamente, lâmpadas e televisão ligadas sem ninguém presente no local.
- b. Evita o desperdício de água, não deixa lâmpadas e aparelhos eletrônicos ligados sem ninguém presente no ambiente.

Questão 10:

- a. Na escolha de seus governantes, você não se preocupa com a postura deles em relação ao meio ambiente e à exploração dos trabalhadores, desde que procurem promover o desenvolvimento econômico e a geração de empregos.
- b. Na escolha dos governantes, você considera o posicionamento do político a respeito da conservação do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável.

Fonte: adaptado dos 12 princípios do consumo consciente¹⁴ do Akatu.

Por fim, o professor de Geografia propôs aos alunos que resolvessem, em casa,

¹⁴ Disponível em: <https://www.akatu.org.br/noticia/conheca-os-12-principios-do-consumo-consciente/>. Acesso em: 24 jan. 2019.

algumas perguntas sobre os temas abordados, as quais foram elaboradas por ele com a participação do professor pesquisador.

- **Etapa 3: Educação Financeira x Língua Portuguesa**

Nesse momento, foi interessante iniciar o diálogo sobre o crédito e o endividamento a partir da reflexão da situação descrita nas tiras abaixo.



Figura 9: Gastos
Fonte: Quino (2003, p. 363, tira 5).



Figura 10: É preciso planejamento para proteger o próprio bolso.
Fonte: Adaptado de Revista Previ¹⁵

Com base na leitura das tiras, foi respondido:

1. Na 1ª tira, Mafalda, após acompanhar sua mãe nas compras, faz um comentário a seu amigo Miguelito.

¹⁵ Disponível em: <http://www.previ.com.br/revista/outros/detalhes-midia-3.htm>. Acesso em: 18 jan. 2019.

- a) Qual foi o comentário?
- b) Identifique a expressão apresentada em sentido figurado. O que ela significa?
2. Observe o comportamento entre a mãe de Mafalda (na 1ª tira) e o novato (na 2ª tira). Em seguida, monte um quadro comparativo, apontando semelhanças e/ou diferenças entre eles, de acordo com os seguintes itens: tipo de gasto, forma de pagamento, planejamento dos gastos, possibilidade de endividamento.

Quadro 5: Quadro comparativo

	Mãe de Mafalda	Novato
Tipo de gasto		
Forma de pagamento		
Planejamento dos gastos		
Possibilidade de endividamento.		

Fonte: próprio autor (2019)

3. Na segunda tira, em que situação financeira o “novato” se encontra? Qual a decisão dele diante dessa situação?
4. Ainda na segunda tira, a personagem feminina apresenta uma solução para o novato resolver sua situação. Qual é ela? Na sua opinião, vai resolver o problema detectado? Explique.
5. Segundo Bauman (2008, p.71), vivemos em uma “sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas.” Qual das personagens das tiras melhor representa esse pensamento? Por quê? Relacione o pensamento de Bauman com as tiras estudadas.
6. Na sua opinião, quais os fatores determinantes para as pessoas se sentirem “presas” nas teias dessa sociedade de que trata Bauman?
7. O que fazer para resistir aos ditames do mercado de consumo?

Compreender os conceitos de crédito, juros, dívida e endividamento também fez fazer parte da presente sequência didática.

Iniciando pela definição de crédito, foi preciso trazer como aporte teórico um fragmento de texto de Fulgencio (2007, p. 176), para o qual crédito significa:

situação positiva, ter crédito com alguém, poder comprar a prazo. (...) Operação através da qual uma instituição financiadora põe uma determinada soma à disposição de uma pessoa ou organização, mediante o compromisso desta lhe pagar os juros e lhe restituir, na data fixada, uma soma equivalente a que lhe foi fornecida.

Ainda, fez parte desse processo educativo, explicar que o crédito é colocado à

disposição das pessoas, proporcionando ganhos às instituições bancárias e esclarecendo que tais lucros são oriundos dos juros. Assim, de maneira geral, o trabalhador que utiliza o crédito fica mais pobre, em decorrência do pagamento de juros, enquanto as instituições que recebem esses valores provenientes do empréstimo do dinheiro enriquecem.

Os juros, conforme Mathias e Gomes (2002), seriam considerados um prêmio pago àquele que deixa de utilizar seu dinheiro para consumir no momento presente e o empresta para que outra pessoa possa utilizá-lo temporariamente. É acrescido que, para esta última, pode ser considerado o preço do crédito.

Por sua vez, os mesmos autores entendem que a dívida nasce quando se obtém uma determinada quantia emprestada por certo tempo, havendo a obrigação, para aquele que a adquiriu, de devolver o valor que lhe foi emprestado acrescido de juros (MATHIAS E GOMES, 2002). Ao fim, por meio da aquisição de empréstimos e obrigações, as pessoas seriam levadas ao aumento de suas dívidas, ao endividamento (FULGENCIO, 2007).

Foi importante ressaltar que, segundo Bauman (2008), atualmente, tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos, as pessoas passaram a ser incentivadas a viver endividadas, sendo uma postura inclusive acolhida pelo próprio governo, inserida nos currículos escolares e considerada uma forma adequada de viver, fazendo a poupança tornar-se algo em esquecimento. Isso faz lembrar que, a todo momento, são oferecidas facilidades aos trabalhadores para que eles adquiram bens por meio de financiamentos, tentando naturalizar a ideia de que viver endividado é normal e de que todas as suas realizações materiais sejam mediadas pelo crédito, de maneira que acarretem, cada vez mais, ganhos às instituições financeiras.

Nesse contexto, foi, praticamente, obrigatório mencionar que os trabalhadores são a parte mais frágil dessa relação, pois não dispõem de meios adequados para enfrentar os poderosos instrumentos midiáticos que objetivam convencê-los de que adquirir bens por intermédio do endividamento é uma coisa boa (FERMIANO, 2016). Nesse contexto, foi necessário tratar também da necessidade de regulação das instituições financeiras, para proteção do trabalhador (SOARES, 2017).

Ademais, como necessidade, tem-se que abordar o nível de endividamento dos trabalhadores brasileiros a partir dos dados da pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, da Confederação Nacional do Comércio de Bens e Serviços (CNC) e da reportagem abaixo:

Quadro resumo – Principais indicadores

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
PEIC (Percentual do total) – Média anual								
Famílias endividadadas	59,1%	62,2%	58,3%	62,5%	61,9%	61,1%	60,2%	60,8%
Famílias com conta em atraso	24,9%	22,9%	21,4%	21,2%	19,4%	20,9%	24,2%	25,4%
Famílias sem condições de pagar as dívidas em atraso	8,9%	8,0%	7,1%	6,9%	6,3%	7,7%	9,2%	10,2%
PEIC – Var. em p.p.								
Famílias endividadadas	-	3,1	-4,0	4,3	-0,6	-0,8	-1,0	0,6
Famílias com conta em atraso	-	-2,0	-1,5	-0,2	-1,8	1,5	3,2	1,2
Famílias sem condições de pagar as dívidas em atraso	-	-0,9	-0,9	-0,2	-0,6	1,4	1,5	1,1

Fonte: Peic/CNC

Figura 11: Principais indicadores da pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo

Edição do dia 31/07/2018

31/07/2018 21h46 - Atualizado em 31/07/2018 21h46

Mercado de trabalho enfraquecido gera o endividamento das famílias

Em janeiro, endividamento voltou a crescer, diz BC. Dos brasileiros que usam cartão, 20% entendem que ele é complemento da renda.

Com o mercado de trabalho enfraquecido, famílias brasileiras estão se endividando mais para cobrir o orçamento.

O combustível era despesa para o cartão de crédito, mas, de tanto andar na reserva da conta bancária, o motorista Rafael Rodrigues acabou a pé.

“Tive que vender para pagar dívidas, dívidas de cartão. O cartão eu dei um jeito de salvar porque a gente fala que não precisa, mas no final não tem como”, disse.

Dos brasileiros que usam cartão, 20% entendem que ele é um complemento da renda. O Rafael não sai sem o dele nem para uma refeição rápida. A conta de R\$ 3 da coxinha com suco de manga foi para a fatura.

“O salário não dá, a gente usa uma boa parte do salário para poder pagar conta e o que sobra é o cartão de crédito para a gente jogar a dívida de hoje para o mês que vem”, falou o motorista.

“No crédito, no débito, a partir de R\$ 5 a gente passa no cartão. O pessoal fala que estava nessa crise, aí muita gente não tem o dinheiro e só tem o cartão”, diz o pipoqueiro.

As famílias brasileiras estão mais endividadadas, é o que mostra o último dado do Banco Central: 23% do que recebem estão comprometidos. Foi em janeiro que o endividamento voltou a crescer. Em 2017, ele estava em queda.

“O que não é normal é observar que a renda dos indivíduos e das famílias, que deveria ser suficiente para a sobrevivência dos indivíduos e das famílias, não dá conta. Mais preocupante é quando elas recorrem a cartão de crédito ou cheque especial, que tem altíssimas taxas de juros, para conseguir fazer compras de itens básicos de sobrevivências”, afirma Alberto Ajzenal, professor de economia da FGV.

São itens básicos que os brasileiros estão mais comprando. Na comparação anual, aumentou muito o consumo de alimentos e bebidas, artigos pessoais, domésticos e farmacêuticos, além de perfumaria. Enquanto a compra de móveis e eletrodomésticos, recuou.

Na linguagem popular, é vender o almoço para pagar a janta. Mais um motivo de atraso para a recuperação econômica.

“Na medida em que a renda está corroída dessa forma, que ela nem conseguem custear a sua sobrevivência, você tem uma transferência de renda enorme de consumo e investimentos para pagamento de juros”.

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/07/mercado-de-trabalho-enfraquecido-gera-o-endividamento-das-familias.html>.

A professora de Língua Portuguesa, na ocasião, trabalhou a partir desse texto os

gêneros textuais reportagem e entrevista, e o professor pesquisador abordou a questão de que o sistema capitalista, conforme Ramos (2008), tenta imputar ao trabalhador a culpa pelo seu desemprego e sua exclusão, atribuindo o desemprego à falta de qualificação do trabalhador, escamoteando o fato de que o próprio sistema é responsável por destruir os postos de trabalho.

Foi mencionado também que, de acordo com Bauman (2008), os pobres são tidos como um dos efeitos colaterais do consumismo, pois, por possuírem uma baixa capacidade de consumo ou por não terem capacidade de consumo, representariam um peso para a sociedade. O autor ainda afirma que a culpa de sua pobreza seria deles mesmos, individualmente, a sociedade nada teria a ver com isso e que tal pobreza deveria ser criminalizada, a fim de que não aborreça aqueles que são considerados consumidores adequados.

Diante dessas informações, foi positivo que os professores mostrassem a necessidade de que o trabalhador organize com cuidado suas finanças, valorizando os seus recursos financeiros que são obtidos de maneira sacrificada dentro do sistema capitalista, a fim de tentar evitar a utilização do crédito e o pagamento de juros.

Também foi imperioso ressaltar que, muitas vezes, o trabalhador é levado a comprar coisas supérfluas por meio de endividamento, tendo como consequência o seu empobrecimento cada vez maior, já que uma parte de sua renda deixa de ser utilizada para a satisfação de suas necessidades básicas para aumentar a lucratividade dos empresários capitalistas (BAUMAN, 2008).

Em seguida, os professores destacaram a necessidade de debater a importância do orçamento pessoal e do orçamento familiar; perguntaram aos alunos se eles sabiam para que tais instrumentos eram utilizados; e explicaram que a elaboração do orçamento poderia propiciar o melhor atendimento das necessidades, valorizando os recursos que são obtidos por meio do trabalho, pois poderíamos acompanhar e controlar como e em que estaríamos gastando nossos rendimentos. Nesse sentido, conforme Bugarim et al. (2011, p. 25), o “orçamento familiar permite indicar se comprar determinado produto ou serviço cabe, ou não, no orçamento familiar; se está, ou não, dentro das possibilidades financeiras e auxilia na decisão de compra”. Assim, os professores chamaram a atenção que a elaboração do orçamento poderia contribuir para evitar situações desagradáveis como a apresentada na tira da Figura 10, em que o personagem “Novato” gastou mais do que poderia, comprometendo sua tranquilidade.

Os professores pediram para que os estudantes relatassem como suas famílias se organizavam financeiramente para, com base nessa informação, explicar como elaborar o orçamento pessoal ou familiar, indicando que ele pode ser realizado tanto em uma simples

folha de papel, como com a utilização de recursos tecnológicos, a exemplo da planilha Excel ou aplicativos disponíveis no *Play Store* ou *App Store* do aparelho celular.

Sendo assim, foi mostrada a importância de os estudantes adquirirem o hábito de elaborar seu orçamento todo mês – fazendo a previsão daquilo que esperam obter de ganhos e dos respectivos gastos associados e acompanhando se aquilo que foi previsto realmente está sendo realizado – foi uma maneira de conscientizá-los da dominação que o mercado consumista exerce sobre nós. Assim, dentro do possível, é importante gastar menos do que aquilo que se ganha, pois, dessa maneira, poderá sobrar um valor todo mês que poderá ser guardado para momentos de dificuldade que possam surgir no futuro ou para alcançar alguma finalidade.

Por isso, foi sugerido que eles poderiam elaborar seu orçamento da seguinte maneira:

Quadro 6: Proposta de orçamento pessoal ou familiar.

ORÇAMENTO PESSOAL OU FAMILIAR MÊS: _____		
1. RENDIMENTOS		
	Previsão	Realidade
Salário		
Mesada		
Outros		
1.1 Rendimento total		
2. GASTOS		
	Previsão	Realidade
a) Moradia		
Prestação da casa		
Aluguel		
Conta de luz		
Conta de água		
Gás/Água Mineral		
IPTU		
Telefone residencial/Internet		
Telefone celular		
Consertos/manutenção		
b) Alimentação		
Supermercado		
Restaurante		
Feira/ambulantes		
Lanches		
c) Transporte		
Combustível		
Manutenção do carro		
Estacionamento		
IPVA		
Ônibus		

d) Saúde		
Plano de saúde		
Médicos/dentistas		
Farmácia		
e) Lazer/informação		
Academia		
Jornais/revistas		
TV por assinatura		
Cinema		
Parque de diversão		
f) Outros gastos		
Eletrodomésticos		
Roupas		
Doações		
Ração/Pet shop		
Veterinária		
Débito bancários		
Presentes		
2.1 Gasto total (a+b+c+d+e+f)		
3. Resultado do mês (1.1 Rendimento total - 2.1 Gasto Total)		

Fonte: adaptado da Planilha Simplificada de Orçamento Doméstico¹⁶

A referida planilha representa uma sugestão que pode ser ajustada de acordo com a realidade de cada estudante e de sua família por meio da alteração dos itens apresentados.

Além disso, os professores indicaram que os alunos preenchessem o modelo de orçamento familiar acima exposto em casa junto com suas famílias, a fim de que pudessem ajudá-las no processo de planejamento e organização de suas finanças.

Para encerrar a sequência, os professores solicitaram que os alunos realizassem uma síntese escrita de no mínimo 10 linhas, a respeito dos assuntos abordados durante a sequência didática, ressaltando os aspectos que mais lhes chamaram atenção ou que pretendem levar para suas vidas.

Segue abaixo tabela que ilustra as datas e as atividades desenvolvidas em cada etapa da referida sequência didática:

¹⁶ Disponível em: <https://br.ccm.net/download/baixaki-4961-planilha-simplificada-de-orcamento-domestico>. Acesso em: 18 jan. 2019.

Quadro 7: Datas e atividades realizadas

Data	Etapas e descrição das atividades realizadas
14 de março de 2019	Etapa 1: educação financeira trabalhada com a disciplina de História. O pesquisador se reuniu com o professor de História, durante a aula regular deste, no período da tarde (de 13h50min a 15h30min), realizando as atividades previstas na sequência didática. Após a vivência, o pesquisador entrevistou o respectivo professor.
21 de março de 2019	Etapa 2: educação financeira trabalhada com a disciplina de Geografia. O pesquisador se reuniu com o professor de Geografia, durante a aula regular deste, no período da manhã (de 10h40m a 12h20min), realizando as atividades previstas na sequência didática. Após a vivência, o pesquisador entrevistou o citado professor.
29 de março de 2019	Etapa 3: educação financeira trabalhada com a disciplina de Língua Portuguesa. O pesquisador se reuniu com a professora de Língua Portuguesa, durante a aula regular deste, no período da manhã (de 10h40m a 12h20min), realizando as atividades previstas na sequência didática. Após a vivência, o pesquisador entrevistou a referida professora.

Fonte: próprio autor (2019).

As entrevistas com os alunos foram realizadas no dia 1º de abril de 2019.

O trabalho de campo transcorreu, como previsto no projeto aprovado, sem nenhum fato relevante que mereça destacar, exceto a limitação em relação à participação dos professores de Matemática e da disciplina técnica de informática. Assim, percebemos um interesse significativo dos professores e alunos envolvidos.

Após a vivência da sequência didática, como meio para buscar seu aperfeiçoamento, os sujeitos da pesquisa sugeriram o acréscimo de atividades práticas. Nesse sentido, na versão final, foi adicionada uma quarta etapa que sugere uma visita técnica.

Ao final desta Dissertação, no apêndice D, segue o Produto Educacional e sua descrição.

Após o desenvolvimento da sequência didática, procedemos com a realização de entrevista semiestruturada com estudantes e professores (APÊNDICE A, APÊNDICE B). Escolhemos esse instrumento, pois acreditamos que atenda adequadamente às necessidades de coleta de dados da pesquisa, uma vez que, de maneira geral, a entrevista semiestruturada:

[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

As informações das entrevistas foram registradas por meio de gravações de áudio, as quais foram posteriormente transcritas para análise.

Também foi solicitada aos estudantes uma produção escrita a respeito do processo de vivência da sequência didática. Oportuno salientar que, durante o desenvolvimento da sequência didática, o pesquisador fez uso do diário de campo para registrar as informações levantadas por meio da observação.

Quanto à análise de documento, procedemos com a apreciação do Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. Nessa análise, buscamos apreender a concepção de formação proposta no referido instrumento, quanto à existência de conceitos que remetem a uma formação humana integral ou que se direcionem a uma formação que atenda ao mercado de trabalho.

Por fim, como forma de autorizar o uso dos dados coletados para o desenvolvimento da pesquisa, não só os professores, mas também os alunos maiores de idade foram convidados a assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (*TCLE*). Quanto aos demais alunos, menores de idade, foram encaminhados os termos para que os pais ou responsáveis autorizassem. Junto a isso, os alunos menores de idade ainda assinaram um termo de assentimento.

3.5 Tratamento e análise dos dados

A análise dos dados coletados foi realizada utilizando procedimentos de conteúdo temático, considerando os ensinamentos de Minayo et al. (2009). Segundo a referida autora, essa análise busca “a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar” (MINAYO et al., 2009, p.79) e possui como ponto central o tema.

Nesse sentido, a referida análise se divide em três etapas: “Leitura compreensiva do material”, “Exploração do material” e “Elaboração de síntese final” (MINAYO et al., 2009, p.100-101).

Começamos pela realização da leitura do material coletado, buscando obter uma compreensão geral e também de aspectos específicos. A partir dessa etapa, foi possível obter temas, unidades de registro e falas ou trechos dos documentos coletados que servissem para interpretação das informações. Para tanto, o material da pesquisa foi organizado nos seguintes grupos: as entrevistas com os professores, as entrevistas com os alunos, o Projeto Pedagógico do Curso, a transcrição das aulas em que houve a vivência da sequência didática e a síntese escrita feita pelos alunos ao final da vivência da sequência didática.

Em seguida, foi elaborada uma estrutura final, a qual trouxe os temas e as unidades de registro definitivos, a serem utilizados para a análise, sempre tendo em vista a

fundamentação teórica e os objetivos da pesquisa. Além disso, a exploração do material foi realizada procurando mostrar as ideias comuns e contradições entre os seguimentos analisados, fazendo inferências, almejando um entendimento mais amplo das situações e fatos abordados. Por fim, chegamos à interpretação dos resultados, procurando sintetizar as ideias observadas, por meio das categorias empíricas que os dados revelaram.

4 CAPÍTULO III: DESENVOLVIMENTO DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INTEGRADORA A PARTIR DO TEMA EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Neste capítulo, faremos a análise do Projeto Pedagógico do Curso, buscando captar sua concepção de formação, bem como analisar a experiência vivenciada por meio do desenvolvimento de uma sequência didática que utilizou a educação financeira como possibilidade de integração. Por fim, analisaremos também a visão dos professores e alunos a respeito do consumo e do consumismo.

4.1 Concepção de formação: caminhos para a articulação entre formação geral e formação profissional

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do *Campus* Esperança do IFPB, o referido Instituto procura promover a integração entre formação geral e formação profissional, exercendo suas atividades em conformidade com o ordenamento jurídico do país, buscando a expansão e melhor qualidade do ensino público. Além disso, menciona o Decreto nº 5.154/2004, que permitiu o resgate da possibilidade de integração do ensino técnico de nível médio com o Ensino Médio propedêutico, ressaltando a relação entre os conhecimentos e considerando também que a referida integração deve perpassar todo o curso, conforme pode ser depreendido dos seguintes trechos:

O Instituto Federal da Paraíba atuará em observância com a legislação vigente com as seguintes finalidades: (...) **Promover a integração** e a verticalização **da educação básica à educação profissional** (...) (BRASIL, p.14, grifo nosso).

Considerando-se que, entre os objetivos do *Campus* Esperança está em expandir, (...) e **contribuir para a melhoria da qualidade do ensino médio público, por meio da articulação com a educação profissional** (...) (BRASIL, p.19, grifo nosso).

O Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004, resgatou diante das várias

possibilidades e riscos de enfrentamento, enquanto percursos metodológicos e princípios, **a articulação da educação profissional de nível médio e o ensino médio** (...) (BRASIL, p.22, grifo nosso).

O currículo, na forma integrada, **preconiza a articulação entre educação geral e formação profissional**, com planejamento e desenvolvimento de Plano Pedagógico construído coletivamente, que remete a elaboração de uma matriz curricular integrada, consolidando uma perspectiva educacional que assegure o diálogo permanente entre saber geral e profissional (...) (BRASIL, p.25, grifo nosso).

O currículo do Curso Técnico Integrado em Informática será estruturado em regime anual, (...), **considerando a formação geral e a formação técnica como plenamente integradas** desde o início até o final do curso (...) (BRASIL, p.148, grifo nosso).

Tal encaminhamento está em consonância com Ramos (2014), para a qual o que se deseja com o Ensino Médio Integrado é que a formação geral se integre à educação profissional, permitindo que o trabalhador não fique limitado apenas ao conhecimento operacional, mas que lhe seja proporcionada uma formação que desenvolva sua intelectualidade, de maneira que tenha a possibilidade de também tornar-se protagonista dentro da sociedade. Ademais, Ramos (2009) informa que, no que se refere ao ensino técnico-profissional, deve existir a integração entre formação geral e específica, uma vez que os conhecimentos gerais servem de base para o desenvolvimento produtivo, e os conhecimentos específicos também se relacionam com as ciências e com as linguagens.

O citado documento considera não só a articulação entre formação geral e formação profissional, mas também **outras formas de integração**, as quais são estabelecidas como princípios a serem observados pela Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Por esse ângulo, visando à formação integral do estudante, o referido PPC prevê a possibilidade de integração dos conhecimentos, não só da formação geral com a formação profissional, mas também entre os componentes curriculares pertencentes à própria formação geral e entre os componentes curriculares da formação profissional. Além disso, tal processo deve considerar a pluralidade dos sujeitos e sua integração à sociedade como cidadãos, o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio pedagógico:

Relação e articulação entre a formação geral desenvolvida no ensino médio na preparação para o exercício das profissões técnicas, visando à formação integral do estudante. (...) Integração de conhecimentos gerais e profissionais, na perspectiva da articulação entre saberes específicos, tendo trabalho e pesquisa, respectivamente, como princípios educativo e pedagógico. (...) Reconhecimento das diversidades dos sujeitos, inclusive de suas realidades étnico-culturais, como a dos negros, quilombolas, povos indígenas e populações do campo (BRASIL, p.26).

No exercício da Gestão, a partir de uma administração descentralizada, o IFPB dispõe ao campus de Esperança a autonomia da Gestão Institucional democrática, tendo como referência os seguintes princípios, o que não se dissocia do que preceitua a Instituição: (...) b) Desenvolvimento Humano: desenvolver o ser humano,

buscando sua integração à sociedade através do exercício da cidadania, promovendo o seu bem-estar social (BRASIL, p. 13).

De acordo com Ramos (2014), o trabalho como princípio educativo corresponde a consideração de que o ser humano possui sua autonomia, sendo um agente capaz de dominar sua realidade e transformá-la. Além disso, a autora ressalta a pesquisa como princípio pedagógico, permitindo o desenvolvimento da capacidade do estudante e seu interesse para a pesquisa científica, de maneira que procure contribuir para o bem da coletividade, e não apenas para produzir bens visando ao ganho financeiro.

O referido PPC prevê também que o IFPB promoverá “a integração e correlação com instituições congêneres, nacionais e internacionais, com vista ao desenvolvimento e aperfeiçoamento dos processos de ensino-aprendizagem, pesquisa e extensão” (BRASIL, 2015, p.14). Nesse sentido, segundo Henrique e Nascimento (2015), as práticas integradoras podem dar-se não só entre sujeitos e saberes, mas também entre instituições. Logo, vemos que há a pretensão de integração, tanto de conhecimentos entre as disciplinas, como também de instituições no âmbito nacional e internacional, para avançar na melhoria do ensino-aprendizagem.

Ademais, almejando a integração dos conhecimentos, o referido documento de constituição do curso ressalta o trabalho coletivo, bem como o planejamento como aspectos relevantes, lembrando que o referido instrumento leva em consideração esses pontos em sua construção:

É fruto de uma construção coletiva dos ideais didático-pedagógicos, do envolvimento e contribuição conjunta do pensar crítico dos docentes do referido curso, sempre se norteando na legislação educacional vigente e visando o estabelecimento de procedimentos de ensino e de aprendizagem aplicáveis à realidade (BRASIL, p.5).

Nesse ponto de vista, a valorização da cooperação entre os próprios docentes é um aspecto que precisa ser observado na integração entre formação geral e formação profissional.

O aludido projeto pedagógico do curso preconiza a interação dos conhecimentos, destacando o papel da interdisciplinaridade e da contextualização no currículo como metodologia para possibilitar a articulação entre as diferentes áreas do saber, a fim de possibilitar a construção do conhecimento, considerando a realidade dos estudantes e de suas comunidades:

O currículo do Curso Técnico em Informática deve contemplar as quatro áreas do conhecimento, com tratamento metodológico que evidencie a contextualização e a interdisciplinaridade ou outras formas de interação e articulação propiciando a interlocução entre os saberes e os diferentes campos do conhecimento (BRASIL,

p.30-31).

A partir da experiência e da reflexão desta prática, do ensino contextualizado, cria-se possibilidade para a produção e/ou construção do conhecimento, desenvolvem-se instrumentos, esquemas ou posturas mentais que podem facilitar a aquisição de competências. Isso significa que na prática educativa deve-se procurar, através dos conteúdos e dos métodos, o respeito aos interesses dos discentes e da comunidade onde vivem e constroem suas experiências (BRASIL, p.32).

(...) os conteúdos devem possibilitar aos alunos meios para uma aproximação de novos conhecimentos, experiências e vivências. (...) Uma educação que seja o fio condutor, o problema, a ideia-chave que possibilite aos alunos estabelecer correspondência com outros conhecimentos e com sua própria vida (BRASIL, p.33).

O desenvolvimento da prática profissional ocorrerá de forma articulada possibilitando a integração entre os diferentes componentes curriculares (BRASIL, p.34).

No que se refere à realização de práticas pedagógicas, há a previsão de valorização da diversidade e de estímulo aos professores para a realização de projetos disciplinares e interdisciplinares:

Faz-se necessário aos professores reconhecer a pluralidade, a diversidade de abordagens, abrindo possibilidades de interação com os diversos contextos culturais. Assim, o corpo docente será constantemente incentivado a utilizar metodologias e instrumentos criativos e estimuladores (...). Isto será orientado através da execução de ações que promovam desafios, problemas e projetos disciplinares e interdisciplinares orientados pelos professores (BRASIL, 2015, p.33).

Nessa perspectiva, segundo Henrique e Nascimento (2015), as práticas integradoras proporcionam o diálogo entre os conhecimentos e uma melhor compreensão da realidade. Por sua vez, Araújo (2018) entende que o “trabalho cooperativo”, a “problematização da realidade” e o “estímulo à auto-organização dos alunos” são aspectos que contribuem positivamente para uma formação mais ampla. Além disso, vale lembrar que, consoante Araújo e Frigotto (2015), o mais importante é que os professores e alunos precisam ter compromisso com a classe trabalhadora e com a sua emancipação.

Somado a isso, há previsão também de interação dos componentes curriculares na efetivação das práticas profissionais: “O desenvolvimento da prática profissional ocorrerá de forma articulada possibilitando a integração entre os diferentes componentes curriculares” (BRASIL, 2015, p.34).

Outro ponto que merece ser aludido é que a concepção de formação do PPC almeja integrar as dimensões do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia, corroborando tal entendimento os seguintes trechos do referido documento:

A concepção de uma formação técnica que articule as dimensões do trabalho, ciência,

cultura e tecnologia sintetiza todo o processo formativo por meio de estratégias pedagógicas apropriadas e recursos tecnológicos fundados em uma sólida base cultural, científica e tecnológica, de maneira integrada na organização curricular do curso (BRASIL, 2015, p.24).

(...) o discente tenha acesso ao conhecimento das inter-relações existentes entre o trabalho, a cultura, a ciência e a tecnologia, que são os eixos norteadores para o alcance de uma formação humana integral (BRASIL, 2015, p.24).

Dentre os princípios norteadores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio – EPTNM, conforme Parecer CNE/CEB nº 11/2012 e Resolução CNE/CEB Nº 6 de 20 de Setembro de 2012, destacamos: (...) Integração entre educação e trabalho, ciência, tecnologia e cultura como base da proposta e do desenvolvimento curricular (BRASIL, 2015, p.26).

Assim, ressalta que as referidas dimensões são essenciais ao desenvolvimento do currículo, preconizando uma formação humana integral. Isso está de acordo com Ramos (2014), haja vista que a autora considera os conceitos de trabalho, ciência, cultura e tecnologia como imperativos à formação humana.

O referido PPC defende que não é adequada uma formação que desenvolva as capacidades dos alunos apenas para atender ao mercado de trabalho, sem o domínio dos conhecimentos científicos e tecnológicos, procurando viabilizar um ensino que busque superar uma formação que seja somente voltada para a prática ou somente voltada para a teoria. Acrescenta também que a matriz curricular do curso foi elaborada para permitir ao estudante entender que a prática profissional está intimamente relacionada com os conhecimentos teóricos das ciências e da tecnologia, fazendo parte de sua trajetória no curso:

Conforme recomendação, ao considerar o Parecer do CNE/CEB nº 11/2012, pode-se enfatizar que não é adequada a concepção de educação profissional como simples instrumento para o ajustamento às demandas do mercado de trabalho, mas como importante estratégia para que os cidadãos tenham efetivo acesso às conquistas científicas e tecnológicas da sociedade (BRASIL, 2015, p.23).

A matriz curricular do curso busca a interação pedagógica no sentido de compreender como o processo produtivo (prática) está intrinsecamente vinculado aos fundamentos científico-tecnológicos (teoria), propiciando ao educando uma formação plena, (...) (BRASIL, p.29-30).

As práticas profissionais integram o currículo do curso, contribuindo para que a relação teoria-prática e sua dimensão dialógica estejam presentes em todo o percurso formativo (BRASIL, p.34).

Esse pressuposto faz referência à politecnia, que, conforme Ramos (2008, p.03), corresponde a “uma educação que possibilita a compreensão dos princípios científico-tecnológicos e históricos da produção moderna, de modo a orientar os estudantes à realização de múltiplas escolhas”.

Contudo, analisando a matriz curricular do curso, vemos que o citado instrumento

apresenta-se de uma forma tradicional, em disciplinas justapostas, não sendo explicitada nele a proposta de integração dos conhecimentos defendida no texto do PPC. Na verdade, o que há, na referida matriz, é a separação das disciplinas em três seções: formação geral, preparação para o trabalho e formação profissional. Logo, entendemos que a matriz curricular necessita ser alterada no sentido da efetivação da integração dos conhecimentos, buscando concretizar, tanto a integração entre formação geral e formação profissional, quanto a onmlateralidade e a formação humana integral.

O referido PPC tem uma formação que procura atender também ao mercado de trabalho, haja vista a utilização de expressões próprias desse campo, como podemos depreender nos trechos a seguir:

Com a introdução de novas tecnologias e as novas formas de organização da produção, a qualificação do trabalhador passa a ser uma **exigência do mercado de trabalho atual**. Um dos impactos mais preocupantes neste início de século está no setor educacional, representado pelas relações “educação x trabalho” e **seu propósito, a empregabilidade** (BRASIL, p.5, grifo nosso).

O Instituto Federal da Paraíba, **em sintonia com o mercado de trabalho** e com a expansão da Rede Federal de Educação Profissional, traça as estratégias para a implantação de 06 (seis) novos *campi* nas cidades de Guarabira, Itaporanga, Itabaiana, Catolé do Rocha, Santa Rita e Esperança, contemplados no Plano de Expansão III (BRASIL, p.11, grifo nosso).

Atento às novas tendências do mercado tecnológico, após a vinda a lume da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba **se inseriu no contexto mercadológico** e passou a oferecer os Cursos Técnicos em Informática, **qualificando recursos humanos** e fornecendo suporte tecnológico a instituições públicas e privadas nos Estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte (BRASIL, p.18-19, grifo nosso).

Nesse cenário, o Campus Esperança oferece o Curso Técnico em Informática entendendo que este é um **espaço promissor no que diz respeito à geração de emprego e valorização do profissional**. E isso é perceptível quando se faz a relação entre **a demanda do mercado** com a quantidade mínima de profissionais da área de informática, formados pelas instituições de ensino (BRASIL, p.20, grifo nosso).

Corresponde a um compromisso firmado pelo IFPB, *Campus* Esperança, com a sociedade no sentido de **lançar ao mercado de trabalho** um profissional de nível médio, com domínio técnico da sua área, criativo, com postura crítica, ético e compromissado com a nova ordem da sustentabilidade que o meio social exige (BRASIL, p.22, grifo nosso).

Sob esse prisma, ressalta, em muitos pontos, a finalidade de que os estudantes desenvolvam competências, como se observa nos fragmentos abaixo:

(...) A Instituição desenvolve um amplo trabalho de oferta de cursos extraordinários, de curta e média duração, atendendo a uma expressiva parcela da população, a quem são destinados também cursos técnicos básicos, programas de qualificação, profissionalização e re-profissionalização, **para melhoria das habilidades de**

competência técnica no exercício da profissão (BRASIL, p.8, grifo nosso).

(...) esse plano pedagógico busca **fomentar competências** para formação de um profissional com sólido saber qualitativo e com domínio técnico na área, criativo, ágil na resolução de problemas, espírito empreendedor, com postura crítica, ético e comprometido com a nova ordem da sustentabilidade que o meio social exige (BRASIL, p.19, grifo nosso).

Oferecer aos alunos oportunidades para **construção de competências profissionais**, na perspectiva do mundo da produção e do trabalho, bem como do sistema educativo (BRASIL, p.26, grifo nosso).

O profissional concluinte do Curso Técnico em Informática oferecido pelo IFPB deverá apresentar, após conclusão da sequência curricular, **as competências profissionais gerais da área profissional** previstas no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos – CNCT (2012) (BRASIL, p. 27, grifo nosso).

Para viabilizar aos educandos o **desenvolvimento de competências** relacionadas às bases técnicas, científicas e instrumentais, serão adotadas, como prática metodológica, formas ativas de ensino-aprendizagem, (...) A partir da experiência e da reflexão desta prática, do ensino contextualizado, cria-se possibilidade para a produção e/ou construção do conhecimento, desenvolvem-se instrumentos, esquemas ou posturas mentais que podem facilitar **a aquisição de competências** (BRASIL, p.32, grifo nosso).

Contribuir para o desenvolvimento da capacidade empreendedora dos acadêmicos de forma que eles possam **ter habilidades e competências** para criar e gerenciar novos negócios (BRASIL, p.134, grifo nosso).

Cabe mencionar que, conforme Araújo e Rodrigues (2010), o desenvolvimento de competências diz respeito a uma concepção de formação que está de acordo com a ideia de formação proposta pelo capital.

A omnilateralidade, também citada no referido documento de constituição do curso, segundo Ramos (2008), corresponde a uma formação ampla que considera todos os aspectos da existência humana. Nesse sentido, o citado PPC prevê que ela deve observar as competências almejadas pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): “Na perspectiva de uma educação integral articulada que contemple a dimensão omnilateral do educando há de se considerar as competências específicas para a formação geral expressas na Matriz de Referência para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM” (BRASIL, p. 28). Isso demonstra uma contradição no currículo, haja vista que estas duas concepções de formação são antagônicas, pois, enquanto a omnilateralidade corresponde a uma formação ampla e emancipadora, o desenvolvimento de competências é uma concepção que se confronta com os interesses da classe trabalhadora e com uma formação humana.

Partindo desse ponto de vista, pode-se afirmar que existe uma incoerência no texto do PPC, pois, ao mesmo tempo em que trata da formação integral, reforça a ideia de uma formação voltada para o mercado. Embora o referido curso considere aspectos como a

integração entre formação geral e formação profissional, trabalho como princípio educativo, pesquisa como princípio pedagógico, politecnicidade e ênfase no trabalho, na ciência, na cultura e na tecnologia, como bases consideradas no currículo, também põe como aspecto essencial o desenvolvimento de competências úteis ao mercado de trabalho.

O currículo é uma área disputada, traduzindo o anseio de diferentes projetos de sociedade (SACRISTÁN, 2010; MOREIRA E SILVA, 1994), e a “hibridização” do currículo representa o resultado dessa luta. Nesse sentido, o currículo do citado curso pode ser compreendido como um currículo de natureza híbrida, conforme concepção de Lopes e Macedo (2002), pois promove a mistura de diferentes compreensões de educação.

4.2 A temática educação financeira como possibilidade de integração de conhecimentos: relato de uma experiência a partir do desenvolvimento de uma sequência didática

Nesta pesquisa, buscamos trabalhar com a educação financeira em uma perspectiva crítica, movimentando uma visão de compreensão da sociedade, a partir do entendimento da sociedade de consumo, da sociedade capitalista. Sob tal ponto de vista, é preciso discutir e entender a lógica de tal sociedade, procurando contribuir para o desenvolvimento dos estudantes enquanto cidadãos e trabalhadores, almejando elaborar uma proposta diferente daquelas que são prescritas por instituições financeiras.

Nessa perspectiva, a sequência didática foi elaborada com a interação entre o pesquisador e os professores de História, Geografia e Língua Portuguesa, e vivenciada junto aos referidos professores e junto aos estudantes da segunda série do curso Técnico em Informática do *Campus* Esperança do IFPB. A vivência ocorreu em cada disciplina de maneira que se buscou o máximo de interação possível entre os professores e entre os professores e estudantes.

O processo de planejamento da sequência didática foi realizado de maneira coletiva, oportunizando a participação dos professores envolvidos e, nesse sentido, os professores e o pesquisador buscaram relacionar os conhecimentos específicos de cada disciplina com os conhecimentos da temática educação financeira.

Sobre a experiência do planejamento coletivo e dos acordos que foram realizados com os professores participantes da pesquisa, destacamos os seguintes trechos:

(...) quando eu começar a trabalhar a temática, à medida que você já tinha entrado em contato comigo, eu já sinalizei para os alunos e dentro do meu próprio planejamento que eu iria direcionar a minha temática dentro dessa perspectiva de

uma educação financeira (...) (Professor 2).

(...) então à medida que a gente organizou a aula a partir de uma sequência didática, onde a gente iniciou discutindo sobre a questão geral da globalização e do consumo, a partir da geografia econômica, posteriormente a gente entrou nas questões mais voltadas ao consumo e ao consumismo até terminar com a ideia do consumo consciente faz com que haja uma sequência no processo de ensino e aprendizagem (...) (Professor 2).

(...) como quando você trouxe as tiras, eu já fiquei pensando que questões de interpretação a gente poderia colocar ali para relacionar as tiras e relacionar o seu conteúdo, por isso que, inclusive, eu perguntei assim: que foco você quer pegar? Como é que eu faço aqui? E quando eu elaborei as perguntas que mandei para você e você deu o seu posicionamento, a gente vai percebendo como dar para a gente fazer esse jogo de conteúdos, para criar até uma situação multidisciplinar, muito mais do que interdisciplinar não é? (Professor 3).

Os professores mencionaram a sequência didática como instrumento de planejamento, que contribui para o desenvolvimento de um processo contínuo, organizado, contribuindo para concretização das práticas pedagógicas, como relatado nos fragmentos a seguir:

(...) as sequências didáticas, elas servem justamente pra isso, pra dá um norte, um planejamento ao professor em seu processo pedagógico (...) (Professor 2).

Eu vejo essa sequência didática mais na perspectiva de planejamento. Eu acho que todo professor, ele deve ser planejado, a gente planeja um aula, a gente planeja um bimestre, a gente planeja um curso, então a sequência didática ela serve justamente para dar uma continuidade, um início, um meio e fim na verdade a esse processo, então essa sequência didática de hoje, a partir da aula, na verdade é um processo que vem sendo feito (...) (Professor 2).

(...) então a sequência didática, ela serviu não somente para aplicação do planejamento da aula, mas pra eu pensar o meu planejamento da temática que eu estava mobilizando em minhas aulas durante esse processo que eu venho constituindo nesse primeiro bimestre (Professor 2).

É preciso planejar. É preciso estabelecer uma sequência, se não houver uma sequência fica aquela coisa solta, não há a conversa, ou seja, é muito do que falta na educação, esse planejamento efetivo, o tempo para que haja esse planejamento para que as práticas se consolidem cada vez mais e isso é a sequência didática que nos dar esse caminho, nos dar essa possibilidade desse diálogo entre os conteúdos de diferentes disciplinas (...) (Professor 3).

De acordo com os depoimentos dos professores entrevistados, fica evidente a relevância do planejamento e, segundo Zabala (2008), ele representa uma das três fases de qualquer prática reflexiva, as outras fases seriam a intervenção e a avaliação. Ademais, para Oliveira (2013), o planejamento é um dos passos a serem observados no uso de uma sequência didática, em qualquer área do conhecimento. Por sua vez, Amaral (2015) compreende que, em uma sequência didática, as atividades devem ser planejadas e atreladas entre si. Logo, o pensamento dos referidos autores não diverge da literatura que trabalhamos sobre o tema.

No processo de planejamento da sequência didática, a educação financeira foi o eixo integrador dos conhecimentos considerados em cada disciplina. Foi ressaltado pela maioria dos professores também o diálogo que precisou ser realizado entre os docentes, a fim de elaborar as atividades. Nesse sentido, conforme Kobashigawa et al. (2008), a elaboração de uma sequência didática é um momento de aproximação entre os docentes, em que se dá prioridade a atividades realizadas coletivamente e que se discute a melhor maneira de ensino e aplicação em sala de aula.

Além disso, considerando a mensagem transmitida durante a vivência da sequência didática, constatamos que a maioria dos estudantes reconhece a relevância da educação financeira, citando aspectos relacionados com a compreensão da sociedade de consumo, consequências negativas do consumo exagerado e organização de sua vida no aspecto financeiro, como vemos nos trechos a seguir:

(...) o ensino da educação financeira contribui muito para a gente saber quais vão ser as consequências do impacto no meio ambiente, na nossa sociedade em geral, e para termos uma vida melhor sobre a educação, sobre como devemos consumir de maneira consciente, como não ter dívidas e etc (Estudante 1).

(..) exacerbou mais ainda, coisa que eu não percebia antes que estava ali, que fazia parte da sociedade de consumo, mostrou isso e serviu para eu abrir cada vez mais os olhos para essa sociedade e para não entrar nela (Estudante 2).

Pode contribuir de várias formas, principalmente, fazendo com que a gente entenda a sociedade de consumo atual e tente não se tornar um ser alienado, um fantoche dessa sociedade (Estudante 2).

Eu acho que ela é essencial, principalmente na sociedade da gente, a brasileira, que a gente tá vivendo agora, porque com essa crise que aconteceu e tudo mais, as pessoas estão cada vez mais se endividando e ter uma consciência financeira seria essencial para ajudar no desenvolvimento e na melhoria, isso eu acho que seria essencial (Estudante 3).

Através dela, eu posso me tornar uma cidadã mais consciente, foi discutido muito nas aulas, eu acho que vai ajudar a eu ter consciência nos meus atos futuros (Estudante 4).

Bom, ela vai me ajudar, como eu posso dizer, a me organizar financeiramente e não ser uma pessoa tão consumista como vemos hoje em dia. A não consumir tanto, a pensar antes de comprar (...) (Estudante 5).

Eu acho que a educação financeira tem um papel bem importante, primeiro para evitar, digamos assim, primeiro para conscientizar o consumidor, para você poder fazer seu papel na sociedade como consumidor e se importando com as consequências daquilo tanto sociais quanto com o meio ambiente (..) (Estudante 6).

Me ajudou a ter um ponto de vista totalmente diferente, antes de eu comprar, porque antes eu comprava o que eu achava que precisava, só que não precisava (...) (Estudante 7).

Durante as aulas de educação financeira, percebi a importância de estudá-la e aplicá-la no nosso cotidiano (Estudante 8).

(...) pudemos refletir o quanto somos consumistas e o quanto a sociedade influencia nesse comportamento. Um dos fatores que me impressionaram é que muitas das pessoas não percebem esse comportamento e é, por meio de aulas como essas, que isso pode mudar (Estudante 11).

A partir da compreensão da sociedade de consumo, muitos destacaram também a intenção de comprar apenas coisas necessárias para suas vidas:

Refletimos, analisamos, compreendemos, praticamos durante este momento de aprendizado sobre o mundo do consumidor, vimos o consumo consciente a que devemos aderir, consumir só no momento certo e o necessário (Estudante 1).

Ajudaram a mostrar como me organizar mais, porque realmente se a gente não prestar atenção vai consumindo, consumindo, além do que dá, como é que se diz, além do que a gente precisa de verdade e além do que a gente tem condições de consumir (Estudante 3).

Posso citar um caso que aconteceu comigo agora? Eu tenho um monte de livro em casa que eu ganhei e eu estava querendo comprar mais livro, só que já, através da aula, eu parei para refletir, eu falei: não, eu não vou comprar mais, porque eu tenho livro em casa, eu não preciso, entendeu? Eu já fiz essa ligação, a aula já me ajudou nesse quesito. Não era necessário, que eu tinha livros em casa que eu ainda não tinha lido e eu queria comprar mais, eu disse não, não dar certo (Estudante 4).

As aulas me tornaram um cidadão consciente a comprar só o que é necessário (Estudante 7).

As aulas foram fundamentais para o entendimento do que é ser um consumidor (comprar o que é necessário para sobreviver) e o que é ser consumista (comprar mais do que o necessário) (Estudante 8).

Uma pessoa consumista não age como um consumidor, que compra o necessário para sua existência (Estudante 10).

Nessa lógica, os estudantes manifestaram o propósito de consumir para satisfazer suas necessidades, não se dobrando aos ditames da sociedade de consumo, estando esse posicionamento, portanto, de acordo com Bauman (2008, p. 63), para quem “um baixo patamar para os sonhos”, “a crença em limites objetivos, difíceis ou impossíveis de negociar, assim como necessidades ‘genuínas’” representam convicções de enfrentamento a tal sociedade.

Outro ponto mencionado por alguns estudantes foi o endividamento, como algo que necessita ser evitado, destacando que a educação financeira pode trazer elementos que ajudem a diminuir sua possibilidade de endividamento:

(...) as pessoas estão cada vez mais se endividando e ter uma consciência financeira seria essencial para ajudar no desenvolvimento e na melhoria (...) (Estudante 3).

Muitas coisas que foram discutidas irei levar comigo, como a questão de sempre refletir antes de comprar algo, preferir sempre que possível recorrer a compras à vista, e não ficar parcelando em cartões, para, assim, não acabar endividada no

futuro (Estudante 4).

Antes da sequência didática, a minha possibilidade de endividamento era grande, enquanto agora, após o ministrado, essa possibilidade se reduziu significativamente (Estudante 6).

Além disso, os alunos entenderam que a sequência didática teve uma contribuição positiva, inclusive uma das alunas enfatizou a adequação do material utilizado: (...) “primeiro, o material que o senhor trouxe foi muito bom, os vídeos e tudo mais, deu para a gente entender, deu para entrar na nossa cabeça tudo direitinho” (Estudante 4).

Quanto aos professores entrevistados, eles consideraram que a organização das aulas, por intermédio do desenvolvimento de uma sequência didática, foi adequada e colaborou para uma melhor prática de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, quando indagados se consideravam que a sequência didática havia sido um instrumento apropriado para utilização nas aulas, responderam: “A sequência didática favoreceu sim” (Professor 1); “sim, elas contribuem positivamente” (Professor 2); “Com certeza” (Professor 3).

A maioria dos docentes ressaltou que a sequência didática favoreceu o bom andamento das aulas, pois permitiu a execução organizada das atividades, possibilitando que os estudantes pudessem ir relacionando os conhecimentos anteriormente discutidos com os novos conhecimentos que iam sendo tratados, como evidenciado nestes fragmentos:

(...)à medida que você planeja uma aula, pensando seu início, meio e fim, que é o que a gente tentou buscar, e de forma com que os alunos se situem dentro de uma temática que a gente vem trabalhando, faz com que a atividade de ensino, ela se torne mais significativa (...)(Professor 2).

Então essa sequência de atividade amplia muito o conteúdo, porque cada atividade que você trouxe vai acrescentando. Cada atividade que a gente trabalhou em sala ela ia complementando o conteúdo e amarrando as ideias do que você já vinha trabalhando e tanto é que eles associaram ao que você viu com os outros professores, na hora da discussão, eles acabaram associando as atividades que foram feitas nas outras aulas, às discussões que foram feitas nas outras aulas (Professor 3).

Nesse ponto de vista, é importante dispor as atividades de maneira organizada e sequenciada, pois, segundo Zabala (2008), a forma como as atividades são organizadas e articuladas caracteriza a prática educativa e ajuda em sua coesão. Já Oliveira (2013) compreende que a sequência didática corresponde a um procedimento que procura realizar um melhor ensino-aprendizagem, com atividades interligadas, favorecendo a integração dos conhecimentos.

Vale ressaltar também que os professores entenderam que as atividades realizadas colaboraram para a integração dos conhecimentos, como expressado em suas falas: “Acredito (...) (Professor 1); Sim (...) (Professor 2); “Com certeza, num é?!” (Professor 3).

Por esse ângulo, um dos entrevistados compreendeu que as atividades abordaram a educação financeira de uma perspectiva interdisciplinar, não apenas sob o entendimento de operações matemáticas, mas também considerando o aspecto histórico, e isso representou um fator relevante para possibilitar a compreensão do porquê da sociedade de consumo:

Não podemos tipo colocá-la só para a Matemática, por exemplo, ou só para a História. A partir do momento em que ela é desenvolvida nessa visão interdisciplinar, ela fica mais interessante mesmo, fica compreensível para os estudos (Professor 1).

(...) se você chega numa sala para ministrar apenas, por exemplo, o assunto a partir do viés dos números, financeira, então provavelmente faltaria ao estudante essa perspectiva histórica. Então, a perspectiva histórica que foi apontada de como nós chegamos a essa sociedade atual, ela foi importante nesse sentido, certo? Então é por isso que eu acho que há uma integração entre a História e um conhecimento elementar da sociedade atual, que é entender o porquê dessa sociedade de consumo (Professor 1).

Outro professor informou que as atividades possibilitaram uma integração em diversas dimensões, tanto da relação da educação financeira com a Geografia, como também pela compreensão da realidade, pelas relações sociais e pelo trabalho, dentro de uma perspectiva mais ampla de formação do aluno:

(...) à medida que a gente pensou uma prática, que a gente mobilizou hoje não somente no campo da Geografia, até porque a geografia por si só, ela não se limita a um determinado campo de conhecimento, então quando a gente traz uma geografia pensada dentro de uma perspectiva financeira e matemática para pensar não somente as atitudes individuais do sujeito, digo mais, não só pra pensar a Geografia enquanto disciplina escolar, mas pra pensar a geografia como disciplina escolar dentro de uma perspectiva da educação financeira (...) (Professor 2).

(...) então, esse tipo de atividade integrada veio possibilitar aos alunos o quê? Uma integração que circulou pela geografia, pela educação financeira, pela leitura de realidade, pela questão ambiental, ou seja, embora eu tenha trabalhado o conteúdo na minha disciplina e juntamente com o seu, mas a gente pensou não somente no campo interdisciplinar, a gente pensou no campo interdisciplinar pensando nas relações do cotidiano e pensando nas relações sociais e no trabalho (Professor 2).

(...) Então, unir sociedade, trabalho, formação humana, dentro de uma perspectiva do sujeito, para pensar o todo, é um modelo de formação que eu acredito ser significativo para formação do aluno enquanto sujeito, para atuação social e atuação para o trabalho também, o trabalho não na concepção de mercado, mas o trabalho enquanto concepção de pensar os mecanismos de manutenção da vida (Professor 2).

O terceiro entrevistado destacou que a sequência didática contribuiu para a integração dos conhecimentos, proporcionando uma maior interação entre os docentes, participação ativa dos alunos, a utilização de diversos recursos para trabalhar com o conteúdo, possibilitando um aproveitamento do que foi trabalhado na continuidade de suas aulas, como exposto nos segmentos abaixo:

Veja que a gente estava lá trabalhando a tira, aí vinha uma questão de inferência que comparou com o conhecimento deles, que veio com o seu suporte do conteúdo da educação financeira, ao pensamento de Bauman que estava atrelado à tirinha, você também trouxe suporte teórico, (...) começou com a interpretação das tiras, passa para uma leitura de uma matéria, vai para uma planilha, depois vem para uma avaliação e os alunos o tempo todo interagindo, e cada atividade que foi realizada, uma acrescentava um elemento a mais para contribuir com a informação dos meninos (Professor 3).

(...) eu já preparei uma entrevista para dar continuidade ao meu conteúdo, né?! Já preparei uma entrevista que vai complementar as atividades que você realizou e que você trouxe, você trouxe algumas, a gente conversou, complementou, encaixou algumas coisas de Português e, na da reportagem que você trouxe, eu já vou associar a uma entrevista e aí dentro do conteúdo do consumismo, da educação e já vou dar continuidade ao estudo da estrutura dos gêneros textuais (Professor 3).

Ainda, quanto à integração dos conhecimentos, o conjunto dos alunos entrevistados conseguiu perceber a sua ocorrência; uns numa proporção maior, e outros em uma proporção menor, haja vista que alguns citaram ter percebido a relação da educação financeira nas três disciplinas trabalhadas, como vemos nos fragmentos a seguir:

(...) sobre história, o senhor começou a falar desde quando a gente começou a ter esse modo de vida para poder chegar a educação financeira com a Revolução Industrial, eu percebi essa integração nessa disciplina de História; Geografia para nós refletirmos sobre a educação financeira no nosso mundo global, na nossa sociedade em geral; e Português para a gente refletir, como exemplos, o senhor deu tiras, charges para gente poder refletir também sobre isso, então eu consegui perceber sim as maneiras e foi o que eu pensei, tipo, no primeiro dia de aula, em que o senhor chegou, aí tinha educação financeira, aí tinha lá Português, Geografia e História, eu fiquei com dúvida por que o que tem haver isso com essas disciplinas? E durante, no decorrer das aulas, eu consegui perceber dessa maneira (Estudante 1).

(...) a gente teve a questão da Geografia que o senhor falou sobre a globalização, na História foi como se deu o processo para a gente se tornar meio que essa sociedade consumista. E deu para perceber sim essa integração entre as disciplinas. Sim, teve a questão, aí pera, foi a gente fez o orçamento lá, o senhor entregou e também teve sim as tirinhas, a reflexão que a gente fez, o senhor entregou a atividade, a gente respondeu e discutiu em sala (Estudante 4).

(...) principalmente em disciplinas como Geografia, que têm uma visão assim mais social, geografia, sociologia também, que a educação financeira, ela contribui justamente na integração do cidadão à sociedade, ela busca fazer com que o cidadão não perca sua identidade, não se entregue aos apelos da mídia e não perca sua identidade social, então, não só sociologia ou geografia, mas também nas outras matérias, como, por exemplo, português (Estudante 6).

A maior parte, porém, só conseguiu perceber em algumas disciplinas, como notamos nos seguintes trechos:

(...) tem essa conexão, se eu não me engano é com a área da Geografia, porque ela estuda ali como nós estávamos em globalização, meio que pegou ali essa globalização, o processo de integração econômico e meio que essa globalização exacerbou mais ainda o consumo das pessoas, tipo é em relação às multinacionais, que vão se expandindo e vão meio que tomando espaço na vida das pessoas e vão meio que influenciando elas para consumo (Estudante 2).

Na história, foi a origem, a origem do consumismo e globalização e tudo mais; acho que na Geografia explicou mais sobre a sociedade consumista e a globalização e as relações sociais entre si; e em Português foi que eu fiquei assim tipo assim meio que tem que encaixar uma coisa na outra, não entendi direito assim (Estudante 3).

(...) mais em Geografia por conta da globalização, com a inovação da tecnologia e com o passar do tempo, foi crescendo e a sociedade consumista também foi aumentando. (Estudante 5).

A educação financeira, ela foi meio que ligada a uma mente, foi liga à História, tipo na visão capitalista, e em Geografia também na visão capitalista, puxando para a globalização e que tipo a integração da educação financeira ocorreu e foi um momento massa (...) (Estudante 7).

Contudo, entre as disciplinas trabalhadas, todos relataram ter percebido a integração com a disciplina de Geografia.

Nesse sentido, a interdisciplinaridade é reconhecida como elemento importante para a prática do ensino e aprendizagem, não só pelos professores participantes, mas também pelo documento de constituição do curso, sendo percebida pelos alunos nas atividades realizadas.

Assim sendo, a interdisciplinaridade constituiu um importante instrumento que contribuiu para a realização da integração do saber, cabendo mencionar que, conforme Fazenda (2002), a referida metodologia de ensino busca promover o diálogo entre as disciplinas, de maneira que o conhecimento não seja tratado isoladamente em cada uma delas, bem como cabe ressaltar a colaboração dos envolvidos no projeto interdisciplinar.

Ademais, vale destacar que os professores necessitaram dialogar de maneira que pudessem harmonizar os conhecimentos de cada disciplina aos conhecimentos trazidos pelo pesquisador, e vice-versa. Tal postura remete à concepção de Pombo (2005), a qual entende que, para desenvolver um trabalho interdisciplinar, o professor precisa ter a disposição para flexibilizar sua linguagem técnica, para entrar em um domínio comum a todos os envolvidos.

Outro aspecto fundamental é a contextualização, porque todos os professores reconheceram a relevância de relacionar os conteúdos abordados com o cotidiano dos alunos, de maneira que estes entendam que tais conhecimentos permeiam sua realidade e que não é algo distante:

A partir do momento em que a gente chama atenção para o cotidiano, para a vivência deles, a partir da sociedade de consumo, eles conseguem perceber isso no mundo atual (Professor 1).

(...) a gente pensou no campo interdisciplinar, pensando nas relações do cotidiano e pensando nas relações sociais e no trabalho (Professor 2).

(...) pra pensar o espaço desse sujeito, que é o espaço do cidadão, a partir das relações planetárias de um capitalismo, de um consumo, de um modo de organização espacial, a partir do capital financeiro, que faz com que o sujeito, o

aluno, ele se compreenda como indivíduo na sociedade ou como sujeito social, mas que está totalmente inserido em um contexto local, com relação interescolar, ou seja, é uma atitude que se reverbera no dia a dia do cotidiano do aluno, ele reflete um modelo de política pública, de política, né nem pública, de política maior em escala planetária (Professor 2).

(...) eles veem a coisa prática, eles veem que é algo que faz parte da realidade deles, faz parte da realidade do brasileiro quando se discutiu na matéria, quando vai se discutir na entrevista e quando eles comparam com o dia a dia deles, como eu vi vários exemplos saíram aqui, ah eu conheço uma pessoa que é assim, eu conheço minha mãe tem crédito, fulano faz assim, sicrano está criando dívida, então ele vai relacionando, vê que é uma coisa do dia a dia, não é uma coisa teórica, abstrata que se vê os conceitos na sala de aula e ali morre, nem de exemplos que são só da ficção, eles veem que é uma coisa que faz parte da vida diária, do cotidiano (...) (Professor 3).

O Projeto pedagógico do curso também destaca a contextualização como metodologia para buscar uma melhor prática de ensino e aprendizagem, pois os conhecimentos ficariam mais próximos dos interesses dos alunos e do próprio dia a dia deles.

Os dados revelaram que, durante a vivência da sequência didática, os estudantes e os professores procuravam, frequentemente, fazer a relação daquilo que estava sendo discutido com situações do cotidiano, trazendo situações e exemplos ocorridos, para ilustrar melhor o conhecimento abordado, como podemos notar no trecho a seguir, em que, após a passagem da música de Engenheiros do Hawaii, “3ª do plural”, os professores procuraram refletir a respeito da sociedade de consumo. Nesse sentido, foi solicitado aos estudantes que observassem as passagens da música e tentassem relacionar com acontecimentos da realidade. Vejamos um trecho do diário de observação que ilustra essa assertiva:

Pesquisador: Então pessoal, que passagem da música vocês conseguem relacionar com a nossa realidade na sociedade?

Aluno: obsolescência programada.

Pesquisador: obsolescência programada, né?

Aluno: as coisas são feitas para quebrar, para serem consumidas mais ainda.

Pesquisador: muito bem. O que mais, pessoal? Quem se lembra de outra passagem da música que consegue relacionar com a nossa realidade, com a nossa sociedade?

Aluno: eles tentam nos comprar.

Pesquisador: eles tentam nos comprar. Será que nós somos mercadorias para eles quererem nos comprar?

Pesquisador: Oi? O que mais pessoal? O que mais?

Aluna: a questão do cigarro. Eles incentivam a venda e depois produzem o remédio.

Pesquisador: muito bem. Que mais, pessoal?

Aluno: é bem comum nos dias de hoje, “fast food”, essas comidas de hoje em dia, eles tentam aumentar a produção, sendo que faz mal para a saúde, aí a medicina avança, mas não resolve.

Pesquisador: alguém mais se lembra de alguma passagem?

Aluno: a gasolina.

Pesquisador: a gasolina, né? Corrida para vender os carros, né. Muito bem. Então pessoal, então quem são eles? A música fala quem são eles? Quem são eles para vocês? Vocês entenderam?

Aluno: os empresários.

Pesquisador: são os grandes empresários, não é? As empresas multinacionais, os

empresários capitalistas, não é? Os donos do poder, a burguesia que arquitetou essa nossa sociedade, não, é isso? Não é, professor? Então tem algumas passagens interessantes aí da música. Eu destaquei algumas passagens aí da música: corrida para vender os carros, então isso aí é típico da sociedade de consumo, a publicidade para vender os carros, não é? E aí as pessoas vão ser estimuladas a comprar cada vez mais, não é isso? Outras passagens também muito interessantes da música, cabeça para usar boné e professar a fé de quem patrocina, e aí?

Professor: o que é que essa passagem diz? Cabeça para usar, como é, cabeça para usar boné?

Pesquisador: cabeça para usar boné e professar a fé de quem patrocina.

Aluno: algumas pessoas usam produtos para mostrar a marca e estão fazendo propaganda indiretamente.

(...)

Pesquisador: E aí, pessoal, vocês têm exemplos na casa de vocês que vocês conseguiram identificar a obsolescência planejada?

Aluno: um caso, digamos assim, famoso foi o de uma empresa conhecida de aparelhos de celular, que ela foi processada por vários usuários, pois eles alegaram que eram atualizações que estavam sendo lançadas para quebrar o dispositivo, a atualização era feita para deixar o dispositivo lento, para praticamente forçar a comprar.

Segundo Moura (2007, p. 24), a contextualização contribui para “superar a aridez das abstrações científicas para dar vida ao conteúdo escolar”. Além disso, para Zabala (1998), as atividades necessitam considerar situações próximas à vida dos alunos. Nessa lógica, os conhecimentos escolares levam em consideração a realidade vivenciada pelos docentes e alunos.

Ademais, no que se refere à possibilidade de aprimoramento da sequência didática aplicada, o aspecto mais ressaltado pelos entrevistados consistiu a necessidade de realização de atividades práticas, conforme fragmentos abaixo:

(...) pensar em questões mais práticas para que o aluno entenda de fato o que é uma educação financeira (Professor 2).

(...) eu acho que também poderia trazer diante disso questões do dia a dia mesmo, que se revelam nas práticas de consumo, para que esses alunos compreendam, à medida que você faz isso, você é um consumista, então eu acho que pegar mais recortes de realidade e trazer (...) (Professor 2).

Dar exemplos de aulas práticas, tipo, como que a gente sai e ver como aquela sociedade consumista se comporta, mesmo a gente não influenciando em nada, só ver aquela realidade no nosso dia a dia (Estudante 1).

É o que o senhor deu na sala de aula pra ser de verdade, pra não ser só didático e sim prático (Estudante 1).

Uma coisa legal pra tratar com os jovens seria meio que algumas atividades assim, tipo uma atividade meio que uma dinâmica assim, pra tipo venhamos sentir na pele tipo o efeito daquela sociedade, dessa sociedade de consumo, consumista, não ficar só preso meio que didático (Estudante 2).

Portanto, na intervenção realizada, ficou evidente, não só a importância conferida pelos estudantes à educação financeira, desenvolvida numa perspectiva crítica, para contribuir

com uma formação ampla e emancipadora dos estudantes, mas também a utilização da sequência didática, como meio para buscar a integração dos conhecimentos, possibilitando o planejamento, o sequenciamento, a organização, a coesão das atividades, a cooperação entre os docentes, para uma melhor prática de ensino e aprendizagem. Ademais, foi reconhecido o papel da interdisciplinaridade e da contextualização, bem como se buscou a inter-relação entre o trabalho, a ciência e a cultura. Por fim, para aperfeiçoar a sequência didática aplicada, foi sugerido o acréscimo de atividades práticas, propiciando a busca da pesquisa como princípio pedagógico.

4.3 Consumo e consumismo a partir do olhar de professores e estudantes

Neste momento os professores e os estudantes realizaram uma reflexão a respeito da sociedade de consumo, tentando posicionar-se sobre suas características e sua influência sobre a vida das pessoas.

Nessa lógica, esta temática foi trabalhada pelos professores, buscando destacar que a sociedade procura dominar o intelecto dos indivíduos, a fim de que desenvolvam uma mentalidade voltada ao consumo desnecessário, como demonstrado no trecho abaixo, originado do diário de observação, referente à vivência da sequência didática:

Pesquisador: então, recapitulando, pessoal, o que é a sociedade de consumo?

Professor: eu acho que você consegue dar uma resposta melhor agora, vá lá. Depois dessa conversa todinha, o que é sociedade de consumo? Vá lá, melhore seu argumento, lapide sua ideia.

Aluno: é uma sociedade em que as pessoas são induzidas a consumir coisas que não são tão necessárias para elas.

Professor: parabéns! Melhorou já, tá vendo. (aplausos da turma).

Pesquisador: é uma sociedade, né?!, que faz com que as pessoas, colocando o consumo no centro de tudo, a economia dos países passa a ser dependente do consumo, tudo passa a ser dependente do consumo. Agora, quem tem interesse na construção dessa sociedade? Somos nós cidadãos?

Aluno: as empresas.

Pesquisador: muito bem. Qual o maior objetivo dessa sociedade de consumo?

Aluno: o lucro.

Pesquisador: e, segundo Bauman, qual o maior objetivo? Ele fala lá que não é a satisfação de necessidades e desejos, é o que? O maior objetivo dela? A transformação...

Aluno: Ah, em mercadoria.

Pesquisador: das pessoas em mercadoria. Qual a mercadoria que o trabalhador possui para vender?

Alunos: sua força de trabalho.

Pesquisador: muito bem! Como essa sociedade influencia as relações sociais e a subjetividade das pessoas?

Aluno: Se você não tem determinado produto, você é excluído da sociedade. Se você tem um produto que seja inferior ao produto de outra pessoa você é excluído de determinado grupo.

Aluno: se eu não tenho isso, as pessoas não vão me aceitar do jeito que eu sou, então

eu tenho que comprar isso.

Pesquisador: aceitação, muito bem. O que mais pessoal? Ela afeta a formação da identidade das pessoas, do eu, quem sou eu?

Professor: quem sou eu, é.

Pesquisador: alterando sua identidade por meio do consumo, não é isso?

Aluno: e se você possuir uma visão crítica em relação um determinado produto, por exemplo, se eu não tenho um determinado celular e eu vou criticar outra pessoa que comprou aquele celular tão caro, aí ela vai alegar que eu estou com inveja.

Aluno: a influência da mídia na cabeça das pessoas faz com que elas não vejam que estão sendo enganadas.

Pesquisador: as empresas querem que as pessoas compitam entre si, né?!, que um compre um veículo, o outro já queira comprar um melhor, um compre um smartphone, o outro já queira comprar outro melhor, e isso é interessante pra elas.

Pesquisador: Por que as pessoas vivem sempre insatisfeitas e são enganadas?

Aluno: por que cada vez querem mais.

Pesquisador: isso. E a sociedade vai fazer o quê?

Aluno: fazer com que elas queiram mais.

Aluno: o mundo inteiro colabora para promover o consumo, pra que as pessoas fiquem insatisfeitas, a mídia força isso, fazendo com que o que você tem nunca seja o suficiente.

Nessa perspectiva, a fala dos estudantes retrata a influência que a sociedade exerce sobre as pessoas e, segundo Bauman (2008), a sociedade atual, a qual ele nomeia de “sociedade de consumidores”, para despertar o desejo pelo consumo, procura controlar a mente das pessoas desde crianças. Ademais, os indivíduos, mesmo que não estejam conscientes de sua condição, segundo o referido autor, portam-se como mercadorias que necessitam vender-se no mercado. Por fim, acrescenta que a sociedade ludibria as pessoas, prometendo que a felicidade está na compra infinita de mais mercadorias, levando-as a uma situação de frustração.

Aparece, com frequência na fala dos estudantes, a questão da pressão para que as pessoas sigam um padrão na sociedade, para que observem as tendências da moda, comprem os produtos indicados pelo mercado, sob pena de, não fazendo isso, poderem vir a sofrer um processo de exclusão social:

(...) busca desse status de se considerar no padrão da sociedade (...) (Estudante 3).

(...) é, também tem a questão é, de você ter um padrão, (...), você é excluído se você não comprar, se você não tiver, seguir a moda, como ela está indo (Estudante 4).

(...) mas, principalmente, a mídia televisiva e essas coisas que de toda forma ataca o consumidor, ataca entre aspas, forçando ele, de certa forma, pra entrar num padrão social, ele tem que consumir determinados produtos (...) (Estudante 6).

A sociedade pressiona tipo se eu tenho um carro, vamos supor uma hilux, e você tem uma chevette, a sociedade vai impor a você que você tem que comprar um carro melhor que um chevette e parecido com a hilux, que é para você está no mesmo padrão da sociedade (Estudante 7).

Nesse viés, conforme Bauman (2008), a sociedade dissemina a ideia de que, para que

as pessoas sejam consideradas importantes, devem consumir ativamente, seguir as orientações do mercado, e isso as leva a viver uma vida tensa, preocupadas em serem aceitas pelos grupos onde estão inseridas. Bauman afirma que atuar de maneira diferente, guiado apenas pela necessidade não é algo bem visto.

Outro aspecto relatado foi a questão do consumo como meio de *status* social:

(...) como em propagandas que eles meio que induzem você a usar tal produto, mesmo sem você precisar usar, colocam aquela sensação de *status* (...) se vê hoje é muita gente achando que ter, sei lá, uma marca boa meio que é sinônimo de *status*, que é mais que alguém, mas você não é aquilo (...) (Estudante 2).

(...) o *status* social que é pregado na sociedade que se você tiver aquele produto você vai adquirir um *status* social, tipo roupa principalmente, roupa e acessório, acessórios e principalmente e também dispositivos eletrônicos, acho que isso causa um certo status social na sociedade (...) (Estudante 3).

Eu tenho uma opinião muito forte quanto à mídia, porque em todo lugar que a gente chega até nós somos objeto da mídia, da roupa que a gente usa e tudo mais, *status* social, entre outras coisas, (...) (Estudante 6).

Nesses fragmentos, os estudantes reconhecem que os produtos de consumo são colocados dentro da sociedade como instrumentos de poder e de diferenciação para aqueles que os possuem. Esse posicionamento está em conformidade com Featherstone (1995), para o qual os estilos, as marcas e os produtos da moda são utilizados para classificação das pessoas, refletindo o *status* social. Logo, os indivíduos seriam julgados por seus pares, conforme a maneira de se apresentarem ou os bens que adquirem. Ademais, conforme Polon (2016), os bens deixaram de ser adquiridos apenas pela sua utilidade, mas pelas imagens e valores que transmitem na sociedade.

Quanto ao processo de alienação imposto na sociedade de consumo, dois dos estudantes expuseram o seguinte:

A sociedade meio que se apresenta como (...) uma sociedade muito alienada e que esquece de como esse consumismo todo afetaria sua vida e acaba meio que aplicando esse consumismo na sua vida, contribuindo para, como eu disse antes, tornar um cidadão alienado, um fantoche dessa sociedade de consumo (Estudante 2).

(...) às vezes nem percebemos que estamos sendo manipulados para comprar mais e mais (...) (Estudante 4)

Isso remete ao pensamento de Vaisman (2014), para quem atualmente o capital vem buscando moldar o ser humano para atender seus interesses, alienando-o de maneira a influenciar sua vida e suas relações sociais. Além disso, segundo Bauman (2008), na sociedade atual, as pessoas são levadas a se preocuparem apenas com o agora e a não cuidarem do futuro. Acrescenta também que, para poder obter as mercadorias que almeja, o

trabalhador precisa, ele próprio, se vender como uma mercadoria, pois, em tal sociedade, para que o indivíduo se torne sujeito, primeiro precisa ser objetificado.

Nessa lógica, as pessoas são submetidas a um processo de alienação, a fim de consumir para atender ao que o mercado impõe como sendo adequado, sendo preciso sempre está seguindo a moda, comprando novos produtos, sempre está atualizado com relação aos lançamentos do mercado de consumo. Assim, esse mercado passa a ditar como elas devem viver, dominando sua subjetividade, definindo seus gostos e interesses, deixando em segundo plano aspectos importantes na vida do ser humano, como a família, os amigos e a natureza.

Além disso, os estudantes, de maneira geral, indicam a mídia como principal instrumento utilizado pelas empresas, para impulsionar o consumo, por meio de diversos artifícios, levando os indivíduos a comprar de maneira desnecessária. As propagandas são destacadas por transmitirem uma imagem muito vantajosa das mercadorias e sua influência se estende a todos, começando pelas crianças, passando pelos jovens, os adultos, enfim, atingindo todas as faixas etárias, como vemos nos fragmentos abaixo:

Influência de empresas multinacionais, transnacionais, empresas locais, regionais, essas influências que vemos em propagandas, em qualquer lugar que andamos (...) (Estudante 1).

Eu acho que o principal fator seria esse *marketing* que é feito para a sociedade, meio que desde criança, como o senhor mostrou até naquele vídeo, desde criança a gente tipo tem *marketing* por faixa etária, eles têm um tipo para as crianças, um tipo para os jovens, um tipo para os adultos e isso meio que contribui para que, desde pequeno, nós venhamos sendo um cidadão consumista (Estudante 2).

Eu acho que as propagandas (...) (Estudante 3).

Eu acho que tá ligado muito à propaganda (...) (Estudante 4).

Bom, acho que as pessoas se levam pelas propagandas que aparecem na televisão, tanto pela globalização que as empresas fazem que a pessoa leve a comprar aquilo. Isso, eu acho, no meu ver, é só as propagandas que fazem com que as pessoas comprem, porque é o mais que a pessoa vê hoje em dia (Estudante 5).

Eu tenho uma opinião muito forte quanto à mídia, porque em todo lugar que a gente chega até nós somos objeto da mídia, da roupa que a gente usa e tudo mais (...) (Estudante 6).

Eu acho que o grande *marketing* das empresas para a gente ser consumista são as propagandas, porque tipo as propagandas falam muito bem dos produtos e influenciam muito a gente comprar, que desde pequeno a gente é influenciado a comprar, porque tipo, desde que a gente é pequeno, acontecem as propagandas, até do próprio leite que o bebê toma, então eu acho que contribuem para a sociedade consumista (...) (Estudante 7).

O consumismo é influenciado excessivamente pela mídia, o que causa ao indivíduo a compra de forma ilimitada e sem necessidade bens, mercadorias e serviços. (Estudante 10).

Segundo Costa e Godoy (2008), as empresas utilizam os meios de comunicação de maneira intensa, para convencer o consumidor a comprar suas mercadorias. Além disso, conforme Fermiano (2016), existe uma relação desproporcional entre o *marketing*, que busca seduzir os indivíduos, para comprar cada vez mais, e as pessoas, as quais não possuem meios suficientes para enfrentar tal situação.

Nessa perspectiva, no fragmento a seguir, obtido por meio do diário de observação, referente à vivência da sequência didática, os professores procuram refletir junto com os estudantes a respeito do papel desempenhado pela mídia:

Pesquisador: Pessoal, e aí como é que a publicidade age? Age igualmente para todas as pessoas da mesma maneira ou tem uma maneira de agir para cada faixa etária? (...)

Aluno: tem uma maneira específica.

Pesquisador: então de acordo com o público, ela tem a maneira de atender aquele público, a gente vê a publicidade para as crianças, é uma publicidade que não é saudável. É saudável? Faz bem ao desenvolvimento da criança?

Aluno: não.

Aluno: deixa mimada.

Pesquisador: mimada, não é?

Professor: pessoal, olha, só complementando aí, eu vou fazer uma observação para vocês. A televisão, por exemplo, ela é um veículo ainda de influência propagandística publicitária. Então, as propagandas elas estão muito vinculadas ao tipo de programa de TV, por exemplo, na parte da manhã, aqueles programas vão adotar a ideia de dona de casa, as propagandas, elas são voltadas àquele público. Na hora de malhação, por exemplo, as propagandas elas são voltadas ao público juvenil. Na hora de uma corrida, do jogo de futebol, ao público masculino. Isso é intencional, tá certo? Não é à toa que existe curso de comunicação com habilitação em publicidade, marketing, que é para influenciar a consumir. Então a TV, ela segue todo um cronograma de programa e dentro desse cronograma de programa você paga para veicular sua propaganda, de acordo com o programa, então isso vai encarecer ou não, você anunciar um produto no Faustão, por exemplo, é extremamente caro, porque sabe que a maior parte dos brasileiros, hoje em dia, está de frente ao Faustão e o público é diverso, então o programa de TV, por exemplo, está direcionado à faixa etária e ao público que eles querem atingir, aí isso encarece ou não ou encarece mais ainda o produto na verdade.

Pesquisador: aí você vê naquela propaganda para a faixa etária ali adolescente, então eles vão explorar o quê? (...). Com relação, por exemplo, àquela propaganda da barbie, que as meninas teriam que todas usarem produtos da barbie, todas serem padronizadas, será que o mais importante não seria cada uma ter a sua maneira de ser original, do que seguir um padrão?

Aluno: seguir um padrão, aí todo mundo vai comprar.

(...)

Aluno: a ilusão de felicidade, que as pessoas devem correr atrás, aí é algo temporário.

De acordo com Featherstone (1995), a publicidade consegue transmitir diversas imagens e mostrar uma vida atraente por meio dos objetos de consumo, como já perceberam os alunos participantes da pesquisa.

Outro aspecto ressaltado é que as propagandas levam as pessoas a comprarem com a promessa de felicidade, “eu acho que tá ligado muito à propaganda que, se você comprar, você vai ser feliz” (Estudante 4). Isso pode ser relacionado ao pensamento de Bauman (2008),

o qual compreende que o *marketing* estimula os indivíduos a comprarem de maneira desenfreada, descartando rapidamente aquilo que possuem, colocando a felicidade como o objetivo mais propagado. Assim, acrescenta que as pessoas nunca estão satisfeitas com o que possuem, pois a publicidade atua constantemente, convencendo que a pessoa só será feliz se adquirir um novo produto, tendo o desperdício como principal consequência.

Parte dos estudantes ressalta o endividamento como uma das consequências do consumismo:

(...) porque como o consumismo vai influenciando, as pessoas vão se endividando cada vez mais (Estudante 3).

(...) isso é tão presente nos dias atuais que às vezes nem percebemos que estamos sendo manipulados para comprar mais e mais. Com isso acabamos nos endividando (...) (Estudante 4).

Conforme Bauman (2008 *apud* MARTINS e VIEGAS, 2013), os indivíduos, ao serem levados a consumir em exagero, para atender as orientações do mercado, podem ser prejudicados até no atendimento de suas necessidades básicas, pois se submetem a um processo de endividamento tão grande que podem deixar de dispor do mínimo de recursos para manter sua sobrevivência digna.

Por esse ângulo, podemos notar, durante a execução da sequência didática, uma situação em que os professores dialogam com os estudantes a respeito do comportamento do personagem novato (Figura 10) em comparação com a mãe de Mafalda (Figura 9). Enquanto esta compra itens alimentícios, como frutas, verduras, leite, etc. e paga à vista; o novato é levado pela sociedade de consumo a adquirir coisas que não são necessárias por meio do endividamento, submetendo-se a uma situação em que aquilo que ganha não é suficiente para cobrir seus gastos, tendo como consequência seu endividamento excessivo e representando um exemplo de endividamento que pode prejudicar a sobrevivência digna de um indivíduo. Vejamos um trecho do diário de observação que mostra essa assertiva:

Professora: vamos pensar sobre isso nesse quadrinho da sequência que pede pra fazer um quadro comparando a atitude da mãe de Mafalda com a do novato, então vamos pensar.

Aluno: professora, eu acho que não tem a ver, porque ela gastou muito dinheiro, mais com comida e tal, e ele gastou com carro, com presentes de natal.

Professora: vamos começar com esse ponto que você colocou, o tipo de gasto da mãe de Mafalda foi com comida, não dá pra gente ficar sem comer, o tipo de gasto do novato?

Aluno: carro.

Professora: será que não dá pra ficar sem carro? E com o que ele gastou mais? Presente pra família que não é pequena. Será que é preciso dar presente de natal pra família todinha? Ou dá pra ficar sem fazer isso? Então esses gastos dele não são tão necessários, básicos quanto os da mãe de Mafalda.

Professora: Aí vai um pergunta, que depois vocês vão discutir com João Paulo: E o empréstimo, vale a pena ou não fazer numa situação dessa?

Aluno: se o juro for baixo.

Professora: ele tá arranjando outra dívida, mas isso é saudável, é positivo ou é negativo? (...) O novato se encontra todo endividado não é? Na questão três não é? (...)

Professora: ele decidiu fazer o que diante disso? Um empréstimo, não é?

Pesquisador: esse empréstimo, vocês acham que vai solucionar a situação dele? (...)

Professora: um de cada vez, meninos.

Aluna: a curto prazo, se ele fizer um empréstimo, meio que vai servir, meio que vai tranquilizar, mas a longo prazo não, porque vão vir as contas, vai vir o dinheiro, vai vir o juro, tudo isso vai virar uma bola de neve e talvez a conta só vai aumentar, se ele não conseguir pagar.

Pesquisador: e qual seria a solução para ele então? Já que ele está no vermelho. O que é estar no vermelho? (...) Significa que ele fez dívidas que ele vai gastar mais todo mês do que aquilo que ele tem de renda. Então todo mês ele vai estar no vermelho e aí? Até 2021 e aí? Como é que faz, por exemplo, com uma pessoa que ganha mil reais e tem dois mil reais de dívida até 2021? Qual seria a solução para ela?

Aluno: empréstimo a longo prazo.

Pesquisador: vocês lembram que eu falei aqui, lembrando de Bauman, Bauman dizia que, quando a pessoa sucumbe aos apelos do mercado de consumo, ela pode cair numa situação de exclusão social?

Aluno: sim.

Pesquisador: então agora, nessa situação que ele está, ele está caminhando para uma situação de exclusão (...).

A esse respeito, para Bauman (2008), a sociedade estimula um modo de vida consumista e, conseqüentemente, uma parcela significativa de seus membros tende a desenvolver uma mentalidade voltada ao consumismo.

Dessa forma, os professores e estudantes ressaltaram o papel de dominação imposto pela sociedade de consumo, exercendo coação sobre os indivíduos para que se adequem aos seus ditames, que representam interesses hegemônicos do capital. Além disso, destacaram a atuação da mídia como instrumento utilizado largamente para incentivar o consumo exagerado, levando ao consumismo e podendo ter como consequência o endividamento excessivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos o trabalho de pesquisa, decidimos trabalhar a educação financeira como prática pedagógica integradora, tendo como cenário o Ensino Médio Integrado, por entendermos que este tema, sendo trabalhado do ponto de vista da autonomia dos sujeitos, poderia contribuir para a formação dos cidadãos, bem como poderia trazer conhecimentos relevantes para o campo da educação profissional.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral compreender as contribuições de uma proposta integradora em educação financeira para o fortalecimento de práticas

pedagógicas integradoras no ensino médio integrado. Por meio desta pesquisa, foi possível adentrar a sala de aula, para realização de uma prática pedagógica integradora que envolveu professores e estudantes. Nessa perspectiva, tal objetivo foi atingido, porque conseguimos compreender que a educação financeira pode ser desenvolvida nessa modalidade de ensino como uma prática pedagógica integradora, procurando articular princípios orientadores do Ensino Médio Integrado, tais como a busca de uma formação ampla, crítica e emancipadora do trabalhador, bem como a inter-relação entre trabalho, ciência e cultura e a pesquisa como princípio pedagógico, por intermédio de uma sequência didática, que considerou a interdisciplinaridade, a contextualização e a cooperação entre os professores envolvidos.

Para encaminhamento da pesquisa, foi necessário analisar a relação entre consumo e cidadania, à luz da relação entre sociedade capitalista e cultura consumista, e foi conseguido, porque procuramos compreender a sociedade de consumo como parte integrante do sistema capitalista, mostrando sua origem e desenvolvimento e o papel que o consumo tomou nessa sociedade, deixando de ser apenas uma necessidade básica do ser humano e tornando-se o centro de todas as atenções, passando a influenciar o âmbito econômico e social e a própria subjetividade dos indivíduos. Assim, por intermédio da compreensão de tal sociedade e de suas armadilhas, é possível que o trabalhador tente não se tornar vítima dela, sendo levado ao consumismo, desperdiçando seus recursos financeiros e vindo a cair em uma situação de endividamento excessivo.

Com base na reflexão teórica que fundamentou este estudo, analisamos a concepção de formação proposta no Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do *Campus* Esperança do IFPB. Nesse processo, percebemos que o citado curso almeja uma formação ampla, que integre a formação geral e a formação profissional, integre também as dimensões do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia, e ressalte o papel da politecnia, como caminhos para uma formação humana integral. Contudo, compreendemos igualmente que procura desenvolver uma formação com foco no mercado, podendo, conseqüentemente, ser classificado como um currículo híbrido, pois tenta harmonizar diferentes concepções de educação.

Quanto ao desenvolvimento de uma sequência didática interdisciplinar, como meio para buscar uma prática pedagógica integradora, elaboramos e aplicamos a referida sequência didática em diálogo com os professores das disciplinas de História, Geografia e Língua Portuguesa, com a participação dos alunos, tendo os referidos sujeitos entendido que houve integração dos conhecimentos da educação financeira com os conhecimentos oriundos das disciplinas.

Dessa forma, este estudo nos levou a compreender que pode ser desenvolvida uma prática pedagógica integradora a partir da educação financeira que venha a contribuir com o Ensino Médio Integrado, por meio do desenvolvimento de uma sequência didática, a qual possibilitou o planejamento e a organização das atividades, bem como a necessidade de cooperação entre os professores, para mobilização de uma metodologia de ensino que observou a interdisciplinaridade e a contextualização, a integração dos conhecimentos e a consideração dos princípios orientadores do Ensino Médio Integrado. Além disso, a educação financeira foi desenvolvida procurando compreender a sociedade de consumo. Por fim, como sugestão dos sujeitos da pesquisa, ficou evidenciada também a necessidade de realização de atividades práticas.

REFERÊNCIAS

AKATU. **Consciente Coletivo 10/10** - Como consumir de forma consciente. Disponível em: <https://www.akatu.org.br/noticia/consciente-coletivo-como-consumir-de-forma-consciente/>. Acesso em: 06 fev. 2019.

AKATU. **Conheça os 12 princípios do consumo consciente**. Disponível em: <https://www.akatu.org.br/noticia/conheca-os-12-principios-do-consumo-consciente/>. Acesso em: 24 jan. 2019.

AMARAL, H. Sequência didática e ensino de gêneros textuais. **Escrevendo o futuro**. 2015. São Paulo. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1539/sequencia-didatica-e-ensino-de-geros-textuais>. Acesso em: 9 ago. 2018.

AMOR POR CONTRATO. Título Original “The Joneses”. Direção e roteiro: Derrick Borte, EUA, 2009, DVD (96 min.), colorido. Gênero: drama. Distribuidora: Califórnia Filmes.

ARAÚJO, D. L. O que é (e como faz) sequência didática? **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 322-334, jan./jul. 2013.

Disponível em:

<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/148/181>. Acesso em: 09 jan. 2019.

ARAÚJO, R. M. L. Instituto Nacional de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Campus Campos Centro. **Ensino integrado: dos princípios (para que?) às práticas integradoras (como?)**. 2018. Disponível em:

[file:///C:/Users/joao%20pauloqqq/Downloads/2018%20-%20EMI%20-%20Como%20e%20para%20qu+%20C2%AC_ROMALDO%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/joao%20pauloqqq/Downloads/2018%20-%20EMI%20-%20Como%20e%20para%20qu+%20C2%AC_ROMALDO%20(4).pdf)

Acesso em: 04 nov. 2018.

ARAÚJO, R. M. L.; FRIGOTTO, G. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago. 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/joao%20pauloqqq/Downloads/7956-Texto%20do%20artigo-20820-2-10-20170418%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/joao%20pauloqqq/Downloads/7956-Texto%20do%20artigo-20820-2-10-20170418%20(1).pdf). Acesso em: 20 jun. 2018.

ARAÚJO, R. M. L.; RODRIGUES, D. S. Referências sobre práticas formativas em educação profissional: o velho travestido de novo frente ao efetivamente novo. **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, maio/ago. 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/joao%20pauloqqq/Downloads/218-436-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/joao%20pauloqqq/Downloads/218-436-1-SM%20(1).pdf). Acesso em: 7 mai. 2018.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Estratégia nacional de educação financeira (ENEF)**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/legado?url=https:%2f%2fwww.bcb.gov.br%2fpre%2fpef%2fport%2fenef.asp>. Acesso em: 14 dez. 2018.

_____. **Base para o currículo escolar inclui a educação financeira**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/c/noticias/205>. Acesso em: 10 out. 2018.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. 70. ed. Lisboa, Portugal: Arte & comunicação, 2011.

BAUMAN, Z. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Educação infantil e Ensino fundamental. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 07 set. 2018.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Ensino Médio. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 1º jun. 2019.

_____. CAPES. **Documento de Área: Ensino**. Brasília: 2016. Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/DOCUMENTO_AREA_ENSINO_24_MAIIO.pdf. Acesso em: 30 nov. 2017.

_____. **Plano Pedagógico de Curso**. Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio. *Campus* Esperança do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB. Esperança (PB): MEC/SETEC/IBPB, 2015.

_____. Presidência da República. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Diário Oficial da União. Brasília, 26 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 23 mar. 2018.

_____. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 30 de janeiro 2012**. Define Diretrizes Curriculares

Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF: MEC/CNE/CEB, Diário Oficial da União em 31 de janeiro de 2012.

_____. **Resolução CNE/CEB nº 6, de 4 de setembro 2012.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Brasília, DF: MEC/CNE/CEB, Diário Oficial da União em 4 de setembro de 2012.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa:** alfabetização em foco: projetos didáticos e sequências didáticas em diálogo com os diferentes componentes curriculares: ano 03, unidade 06 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. - Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: http://www.piraquara.pr.gov.br/aprefeitura/secretariaseorgaos/educacao/uploadAddress/Unidade_06_Ano_03%5B3658%5D.pdf. Acesso em: 11 set. 2018.

_____. Presidência da República. Decreto n. 7.397, de 22 de dezembro de 2010. **Diário Oficial da União.** Brasília, 23 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm. Acesso em: 11 set. 2018.

_____. **Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias/** Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 135 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 2).

_____. Presidência da República. Decreto n. 5.154, de 23 de julho de 2004. **Diário Oficial da União.** Brasília, 26 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em: 18 jul. 2018.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: bases legais.** Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 11 set. 2018.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Matemática /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC / SEF, 1998.

_____. Presidência da República. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 08 maio 2018.

_____. Presidência da República. Lei nº. 8.078, de 11 de setembro de 1990. **Diário Oficial da União.** Brasília, 12 de setembro de 1990. Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8078.htm. Acesso em: 16 nov. 2018.

_____. Ministério das Relações Exteriores do Brasil. **O Brasil e a OCDE**. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-br/politica-externa/diplomacia-economica-comercial-e-financeira/15584-o-brasil-e-a-ocde>. Acesso em: 18 nov. 2018.

_____. **Constituição**. República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 05 jun. 2018.

BRITTO, R. R. Educação financeira: uma pesquisa documental crítica. 2012. 263 f. **Dissertação** (Mestrado Profissional em Educação Matemática) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2012.

BUGARIM, M. C. C. et al. **Orçamento familiar e controle social**: instrumento de organização da sociedade. Brasília: Fundação Brasileira de Contabilidade, 2011. Disponível em: https://cfc.org.br/wp-content/uploads/2018/04/22_orcamento_familiar.pdf. Acesso: 02 mar. 2019.

CABRAL, N. F. **Sequências didáticas**: estrutura e elaboração. Belém, [s.n.], 2017.

CARDOSO, M. G. R; ROCHA G. O. R. Embates entre integração e competências no ensino médio e seus desdobramentos na reforma atual. **Revista Pedagógica**. V.20, N.43, JAN./ABR.2018.

CCM. **Planilha Simplificada de Orçamento Doméstico**. Disponível em: <https://br.ccm.net/download/baixaki-4961-planilha-simplificada-de-orcamento-domestico>. Acesso em: 18 jan. 2019.

CIAVATTA, M. A Formação Integrada: a Escola e o Trabalho como Lugares de Memória e de Identidade. **Trabalho Necessário**, [S.L], v. 3, n. 3, p. 1-20, 2005. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122/5087>. Acesso em: 10 fev. 2019.

COSTA, P. H. F.; GODOY, P. R. T. O capitalismo contemporâneo e as mudanças no mundo do consumo. Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. **Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica, Universidad de Barcelona**, 26-30 de mayo de 2008. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/-xcol/330.htm>. Acesso em: 28 nov. 2017.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO: etimologia e origem das palavras. **Origem da palavra educar**. 2008-2018. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/educar/>. Acesso em: 18 nov. 2018.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e o escrito: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p. 95-128.

DURAND, Marie-Françoise et. al. **Atlas da Mundialização**: compreender o espaço mundial

contemporâneo. Tradução de Carlos Roberto Sanchez Milani. São Paulo: Saraiva, 2009.

ENGENHEIROS DO HAWAII. **3ª do Plural** [Acústico MTV]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LeE3NtDUnN4>. Acesso em: 08 jan. 2019.

FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro efetividade ou ideologia?** 5. ed. São Paulo: Loyla, 2002.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERMIANO, M. B. Educação para o consumo: uma proposta transversal para o ensino de História. **História & Ensino**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 111-135, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/26612/20299>. Acesso em: 22 nov. 2018.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**: o dicionário da Língua Portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FULGENCIO, P. C. **Glossário Vade Mecum**: administração pública, ciências contábeis, direito, economia, meio ambiente: 14.000 termos e definições. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

GARCIA, A. L. M. **Roda de conversa**: sequência didática em debate - Bloco 1. Secretaria de Estado de Educação de MG, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aXlaYPACUDE>. Acesso em: 22 nov. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HENRIQUE, A. L. S.; NASCIMENTO, J. M. **Sobre práticas integradoras**: um estudo de ações pedagógicas na educação básica. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte Natal, Brasil. **HOLOS**, vol. 4, 2015, pp. 63-76. Disponível em: <file:///C:/Users/joao%20pauloqqq/Downloads/3188-9685-1-PB.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2018.

INTERESSES VARIADOS & VARIEDADES INTERESSANTES. **Consumismo infantil**: “criança, a alma do negócio”. Disponível em: <https://palavroeiro.wordpress.com/2013/07/30/consumismo-infantil-crianca-a-alma-do-negocio/>. Acesso em: 15 mar. 2019.

JORNAL NACIONAL. **Mercado de trabalho enfraquecido gera o endividamento das famílias**. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/07/mercado-de-trabalho-enfraquecido-gera-o-endividamento-das-familias.html>. Acesso em: 10 mar. 2019.

KOBASHIGAWA, A.H et al. Estação ciência: formação de educadores para o ensino de ciências nas séries iniciais do ensino fundamental. In: IV Seminário Nacional ABC na Educação Científica. **Anais**. São Paulo, 2008. p. 212-217. Disponível em: http://www.ciencia.iao.usp.br/dados/smm/_estacaocienciaformacaodeeducadoresparaensinodecienciasnasseriesiniciaisdoensinofundamental.trabalho.pdf. Acesso em: 08 jan. 2019.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Currículo**: debates contemporâneos. 2. ed. São Paulo: Cortez,

2002.

LOPES, A. R. C. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

LOSANO, L. A. B. Design de Tarefas de Educação Financeira para o 6º ano do Ensino Fundamental. 2013. 120 f. **Dissertação** (Mestrado Profissional em Educação Matemática) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2013.

MARTINS, T. L. G.; VIEGAS, T. E. S. **Sociedade de consumo e superendividamento: uma discussão sobre a proposta de alteração do código de defesa do Consumidor**. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=72fa288df9f22f71>. Acesso em: 21 nov. 2018.

MATHIAS, W. F.; GOMES, J. M. **Matemática Financeira**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

MOURA, D. H. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração. **Holos**, Natal, v.2, p.1-27, 2007. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/ar;cle/viewFile/11/110>. Acesso em: 28 nov. 2017.

NEGÓCIO. **Conheça as marcas mais valiosas do mundo em cada país**. Disponível em: <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/conheca-as-marcas-mais-valiosas-do-mundo-em-cada-pais>. Acesso em: 03 mar. 2019.

NEGRI, A. L. L. Educação Financeira Para o Ensino Médio da Rede Pública: uma Proposta Inovadora. 2010. 73f. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL, 2010.

ORGANIZAÇÃO PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO - OCDE. **INFE-International-Survey-of-Adult-Financial-Literacy-Competencies**. 2016. Disponível em: <http://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/OECD-INFE-International-Survey-of-Adult-Financial-Literacy-Competencies.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2018.

_____. **Financial Education for Youth**. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/9789264174825-2-en>. Acesso em: 18 jun. 2018.

_____. **Improving financial literacy: analysis of issues and policies**. 2005.

OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f900b-_RTYo. Acesso em: 08 jan. 2019.

OLIVEIRA, M. M. **Sequência Didática no processo de formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2013.

ORIENTAR: centro educacional. **Consumo consciente: A importância de desacelerar o**

desperdício enquanto é tempo! Disponível em: <https://www.orientarcentroeducacional.com.br/noticias/consumo-consciente-a-importancia-de-desacelerar-o-desperdicio-enquanto-e-tempo.html>. Acesso em: 05 mar. 2019.

PAULO, V.; ALEXANDRINO, M. **Resumo de Direito Constitucional descomplicado**. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2011.

PENG, T. M. et al. **The impact of personal finance education delivered in high school and college courses**. Journal of Family and Economic Issues (JFEI), v. 28, n. 2, p. 265-284, 2007.

PENSADOR. **Eu, Etiqueta**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjAyODM0>. Acesso em: 03 mar. 2019.

PESQUISA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. Endividamento e Inadimplência do Consumidor. **O perfil do endividamento das famílias brasileiras em 2017**. Disponível em: http://cnc.org.br/sites/default/files/arquivos/perfil_de_endividamento_das_familias_brasileiras_em_2017.pdf. Acesso em: 1º jun. 2019.

POLON, L. C. K. Elementos Interdisciplinares para Reflexão sobre o Consumo na Ciência Geográfica. **Revista Orbis Latina**, vol.6, nº2, Foz do Iguaçu/ PR (Brasil), Julho-Dezembro de 2016. ISSN: 2237-6976. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/index.php/orbis>. Acesso em: 26 nov. 2018.

POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, v.1, n.1, março 2005, p.3-15. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/314191967_Interdisciplinaridade_e_integracao_dos_saberes. Acesso em: 28 nov. 2017.

QUINO, J. L. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RAMOS, M. N. Currículo Integrado. In: PEREIRA, I; LIMA, J. (Org.). **Dicionário de Educação da Educação Profissional em Saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/curint.html>. Acesso em: 21 set 2018.

RAMOS, M. N. **Concepção do Ensino médio integrado**. Versão incorporada os aspectos do debate realizado no Seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná dias 08 e 09 de maio de 2008. Disponível em: http://www.iiep.org.br/curriculo_integrado.pdf. Acesso em 14 abr. 2017.

_____. **História e política da educação profissional**. Curitiba: IFPR-EAD 2014, (Coleção Formação Pedagógica, volume V).

RETONDAR, A. M. **A (re)construção do indivíduo**: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades. Sociedade e Estado, Brasília, v. 23, n. 1, p. 137-160, jan./abr 2008.

REVISTA PREVI. **É preciso planejamento para proteger o próprio bolso**. Disponível em: <http://www.previ.com.br/revista/outros/detalhes-midia-3.htm>. Acesso em: 18 jan. 2019.

RIBEIRO, R. F.; LARA, R. **O endividamento da classe trabalhadora no Brasil e o capitalismo manipulatório**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 126, p. 340-359, maio/ago. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282016000200340&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 24 nov. 2018.

RODRIGOBENNETT. **Revisão (Parte 2): Globalização**. Disponível em: <http://rodrigobennett.blogspot.com/2010/03/revisao-parte-2-globalizacao.html>. Acesso em: 05 mar. 2019.

SACRISTÁN, J. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2010.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª ed. Rio de Janeiro-São Paulo: editora Record, 2001.

SAVIANI, D. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas, Autores Associados, 2005.

_____. **Sobre a Natureza e Especificidade da Educação**. INEP. Em aberto, Brasília, ano 3, n. 22, jul./ago. 1984.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. Rev. **Adm. Pública**[online]. 2007, vol. 41, n. 6, pp. 1121-1141. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v41n6/06.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

SILVA, Adriano L. **Currículo Integrado**. Florianópolis: IFSC, 2014. Disponível em: https://caco.ifsc.edu.br/arquivos/ead/PROEJA_curriculo_integrado.pdf. Acesso em: 27 dez. 2018.

SIMÕES, C. C. S. **Relações entre as alterações históricas na dinâmica demográfica brasileira e os impactos decorrentes do processo de envelhecimento da população**. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98579.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2018.

SOARES, F. P. Os debates sobre a educação financeira em um contexto de financeirização da vida doméstica, desigualdade e exclusão social. 2017. 302 f. **Tese** (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2017.

SOCIEDADE DO CONSUMO. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QBHvsSdy56A>. Acesso em: 12 mar. 2019.

SOCIEDADE E CONSUMO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dhdpWmm2RH0>. Acesso em: 08 jan. 2019.

SPC Brasil; Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL). **Preparo para aposentadoria**. 2018. Disponível em: file:///C:/Users/joao%20pauloqqq/Downloads/Release-Preparo-para-Aposentadoria-v3.pdf. Acesso em: 09 jul. 2018.

_____. **45% dos brasileiros não controlam as próprias finanças, mostra pesquisa sobre educação financeira do SPC Brasil e CNDL**. 2018. Disponível em: <http://site.cndl.org.br/45-dos-brasileiros-nao-controlam-as-proprias-financas-mostra-pesquisa-sobre-educacao-financiera-do-spc-brasil-e-cndl/>. Acesso em: 09 jul. 2018.

TADDEI, P. E. D.; DIAS, V. G.; SILVA, A. W. P. Considerações sobre o trabalho como princípio educativo e a educação como instrumento de resistência e emancipação. **Trabalho Necessário**. ISSN: 1808 - 799X. Ano 12, nº 19 – 2014. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/8603/6166>. Acesso em: 10 jul. 2019.

TRABALHO CONSUMO E CONSUMISMO 2 NOVO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9FBUYwKGFcs>. Acesso em: 08 jan. 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAGALUME. **Legião Urbana: Geração Coca-Cola**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/geracao-coca-cola.html>. Acesso em: 05 mar. 2019.

VAISMAN, E. **'Capitalismo criou ser humano adequado ao consumo', diz filósofa sobre burguesia**. OperaMundi. 31 de out. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vUW1E_yDFnk. Acesso em: 13 nov. 2018.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1998.

VIDA E DINHEIRO. Plano-Diretor-ENEF-anexos. **Pesquisa Nacional do Grau de Educação Financeira da População Brasileira**. Disponível em: http://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Plano-Diretor-ENEF-anexos-ATUALIZADO_compressed.pdf. Acesso em: 27 nov. 2018.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. **Ciências Humanas e suas**

Tecnologias – Geografia. Ensino Fundamental, 7º Ano. Disponível em:

<https://www1.educacao.pe.gov.br/cpar/ProfessorAutor/Geografia/Geografia%20%20I%20%207%C2%BA%20ano%20%20I%20%20Fundamental/As%20tend%C3%A2ncias%20de%20consumismo%20da%20sociedade%20brasileira%20contempor%C3%A2nea%20no%20mundo>

%20globalizado.ppt. Acesso em: 02 mar. 2019.

ZABALA, A. **A Prática Educativa - como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE A: Entrevista semiestruturada aplicada aos estudantes

- 1) Como a educação financeira pode contribuir para sua formação como cidadão?
- 2) Na sua compreensão, quais os fatores contribuem para sociedade consumista?
- 3) Como você organiza as suas finanças?
- 4) Você percebeu a integração da educação financeira nas disciplinas? De que maneira?
- 5) O que você achou da experiência vivenciada por meio da sequência didática?
- 6) Que sugestões de melhoria você pode indicar para o desenvolvimento das atividades de discussão da educação financeira nas disciplinas?

Fonte: próprio autor (2018).

APÊNDICE B: Entrevista semiestruturada aplicada aos professores

- 1) O que você achou da experiência vivenciada por meio da sequência didática?
- 2) Você acredita que as atividades realizadas contribuíram para a integração dos conhecimentos?
- 3) Que sugestões de melhoria você pode indicar para o desenvolvimento das atividades de discussão da educação financeira nas disciplinas?

Fonte: próprio autor (2018).

APÊNDICE C: Produto educacional melhorado

Esta sequência didática corresponde ao produto educacional resultante da dissertação “Educação Financeira: Contribuições de uma Proposta de Prática Pedagógica Integradora para o Fortalecimento do Ensino Médio Integrado” do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Pernambuco, para contribuir com professores do Ensino Médio Integrado interessados em utilizar a educação financeira como prática integradora. Cabe mencionar que tal produção corresponde a um material textual que está de acordo com o Documento da Área de Ensino da CAPES (BRASIL, 2016, p. 44).

A sequência didática originou-se na segunda metade da década de 1980, na França, correspondendo a atividades aplicadas ao ensino de qualquer conteúdo. Essa expressão ficou mais conhecida no ensino de Língua Portuguesa, haja vista que pesquisadores da área de linguística da Universidade de Genebra, Suíça, elaboraram uma proposta teórico-metodológica de ensino de um gênero de texto que teve significativa repercussão (GARCIA, 2014).

No Brasil, essa ferramenta somente começa a ser trabalhada de acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais, a partir da década de 1990 (OLIVEIRA, 2013). Conforme Cabral (2017), ela aparece como "projetos" e "atividades sequenciadas" nos Parâmetros Curriculares Nacionais, sendo empregada hoje não só no estudo de gênero textual, mas também em diversos conteúdos.

Nesse sentido, vale ressaltar o conceito de sequência didática elaborado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.97), importantes pesquisadores do grupo de Genebra, para os quais tal instrumento de ensino corresponde a “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Zabala (1998, p.18) conceitua sequência didática como “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”.

Já, conforme Araújo (2013, p.323), sequência didática pode ser definida, de uma maneira simples, como “um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais”.

Para Oliveira (2013), sequência didática é um procedimento que procura proporcionar um melhor ensino-aprendizagem, correspondendo a um conjunto de atividades ligadas entre si, com cada etapa definida de maneira planejada, a fim de trabalhar conteúdos de modo integrado. Acresce que é um procedimento considerado inovador para o

desenvolvimento do ensino integrado e que surgiu relacionado com a busca de superação da fragmentação do conhecimento.

Nessa perspectiva, destacamos a utilização da sequência didática como meio para trabalhar a educação financeira junto à prática pedagógica integradora no Ensino Médio Integrado, de maneira interdisciplinar, com as disciplinas de História, Geografia e Língua Portuguesa.

Escolhemos trabalhar o tema, como já dito, de maneira interdisciplinar, por meio de uma sequência didática, por compreendermos que é uma forma que possibilita aos alunos entender melhor o assunto em foco e suas diversas ramificações, proporcionando assim uma formação mais ampla.

Outro aspecto que vale esclarecer é que a sequência didática foi desenvolvida com a finalidade de promover a integração a partir do assunto abordado. Nessa lógica, de acordo com Santomé (1998), na integração, por meio de temas, cada tema é utilizado para integrar os conteúdos de diferentes áreas do conhecimento.

A vivência de tal instrumento foi realizada com os trinta e seis alunos da segunda série do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFPB, *Campus Esperança*.

Ao final da vivência, solicitamos que os professores e alguns dos estudantes participantes se tornassem voluntários para avaliar o produto por meio de uma entrevista semiestruturada. Para execução da proposta, foram previstas três etapas: na primeira, ocorreu uma reflexão sobre a sociedade de consumo e sua origem histórica; na segunda, foi discutido o tema globalização e consumo e foi trabalhada a questão do consumismo e suas consequências; na terceira, houve uma reflexão sobre o uso do crédito, o endividamento, a poupança e foi mostrada a importância do planejamento e da elaboração do orçamento pessoal e do orçamento familiar.

Além disso, na referida etapa inicial, foi feita uma discussão para levantar os conhecimentos prévios dos estudantes a respeito do tema abordado e, na etapa final, os alunos elaboraram um texto a respeito do que haviam compreendido durante a sequência didática.

A sequência didática foi assim organizada:

- Tema da sequência didática: educação financeira como prática integradora no Ensino Médio Integrado;
- Objetivo geral: Contribuir com a formação do estudante de maneira a ajudá-lo a compreender a sociedade de consumo construída pelo sistema capitalista, a fim de que não se torne vítima dela;

- **Objetivos específicos:**
 - Realizar uma reflexão sobre sociedade de consumo, cultura consumista e consumismo, no âmbito das disciplinas de História e Geografia;
 - Debater, durante a aula de Língua Portuguesa, sobre o crédito e o endividamento e mostrar como os estudantes podem elaborar seu orçamento pessoal e ajudar suas famílias na elaboração do orçamento familiar, bem como debater a importância da poupança.

Segue abaixo o planejamento da sequência didática:

Quadro 4: Planejamento da sequência didática

ETAPAS	PROCEDIMENTOS	DURAÇÃO
1. Apresentação da proposta. Refletir sobre a sociedade de consumo e tratar da sua origem histórica.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sondar os alunos sobre seus conhecimentos prévios acerca da educação financeira; ▪ Abordar conceitos introdutórios sobre educação financeira; ▪ Refletir sobre a atual sociedade de consumo; ▪ Fazer uma abordagem histórica, mostrando o surgimento da sociedade de consumo e da cultura consumista; ▪ Desenvolver as atividades de modo interdisciplinar com o componente curricular de História. 	100 minutos (duas aulas contínuas de 50 min)
2. Abordar a questão do consumismo e suas consequências.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Discutir o tema globalização e consumo; ▪ Mostrar as consequências do consumismo para o planeta e para a vida das pessoas; ▪ Mostrar a importância do consumo consciente; ▪ Discutir como a educação financeira pode contribuir para o exercício da cidadania; ▪ Desenvolver as atividades de modo interdisciplinar com o componente curricular de Geografia. 	100 minutos (duas aulas contínuas de 50 min)
3. Refletir sobre o crédito e o endividamento. Mostrar a importância do planejamento e da elaboração do orçamento pessoal e do orçamento familiar.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mostrar que o uso do crédito não deve ser banalizado, ao contrário, deve ser evitado; ▪ Trabalhar os conceitos de crédito, juros, dívidas e endividamento; ▪ Mostrar a importância da poupança para enfrentar situações de dificuldade e se preparar para o futuro; ▪ Desenvolver as atividades de modo interdisciplinar com o componente curricular de Língua Portuguesa. 	100 minutos (duas aulas contínuas de 50 min)

Fonte: próprio autor (2018-2019).

SEQUÊNCIA DIDÁTICA:

- **Etapa 1: Educação Financeira x História**

Inicialmente, o professor pesquisador explicou as etapas que seriam realizadas durante a sequência didática.

Em seguida, o professor pesquisador, junto com o professor de História, realiza um diálogo com os alunos, a fim de sondar os seus conhecimentos prévios sobre educação financeira, bem como obter uma noção do nível de conhecimento deles, por meio das seguintes perguntas:

- a) Vocês já ouviram falar sobre educação financeira?
- b) O que vocês acham que é educação financeira?
- c) O que vocês acham que seja a sociedade de consumo?
- d) Como vocês se sentem diante da publicidade que tenta convencê-los a comprar algum produto?
- e) Vocês possuem algum tipo de organização para cuidar do seu dinheiro?
- f) Ao comprar um produto, vocês preferem pagar à vista com desconto ou parcelar a compra sem desconto se o valor da parcela for pequeno?

A partir desse levantamento, adaptaram as atividades planejadas às impressões observadas; e, logo após, o professor pesquisador faz uma breve conceituação relativa ao tema, informando que a educação financeira seria trabalhada em uma perspectiva crítica, buscando compreender a sociedade de consumo em que vivemos e adquirindo conhecimentos para proteger-se dela, procurando utilizar os nossos recursos financeiros de maneira a atender nossas necessidades e, desse modo, evitando cair em situações de endividamento que venham a prejudicar as nossas vidas.

Em seguida, os professores apresentaram o vídeo de Engenheiros do Hawaii, “3ª do plural¹⁷”, as tirinhas presentes nas imagens a seguir e o vídeo “Obsolescência Programada”¹⁸:

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LeE3NtDUmN4>. Acesso em: 08 jan. 2019.

¹⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f900b-_RTYo. Acesso em: 08 jan. 2019.



Figura 3: Como ser feliz.
Fonte: Quino (2003, p. 350, tira 2).



Figura 4: Compra de maridos.
Fonte: Quino (2003, p. 310, tira 2).

Tais apresentações foram feitas a fim de provocar a reflexão sobre a atual sociedade, desenvolvida dentro do sistema capitalista, chamando a atenção dos alunos para como os detentores do poder econômico, as grandes corporações empresariais, procuram impor seus interesses, fazendo com que os indivíduos tenham uma mentalidade consumista.

Com base no pensamento do sociólogo Zygmunt Bauman, em sua obra *Vida para Consumo* (2008), os professores trabalharam a concepção de que a sociedade, por meio da publicidade e da mídia, incute nas pessoas a ideia de que a felicidade está condicionada ao consumo, mas ao adquirir um produto, o consumidor é enganado e sua satisfação dura pouco,

pois, logo em seguida, é lançado um novo produto dito superior, para que ele esteja sempre insatisfeito e em busca de novas compras. Além disso, destaca-se que, segundo o referido autor, vivemos em uma sociedade em que as coisas não são feitas para durar. Nessa sociedade, as mercadorias são planejadas para ter uma curta vida útil (obsolescência programada), para que sejam rapidamente descartadas, a fim de dar espaço a novas compras.

Foi importante mencionar também que, conforme o autor supracitado, o maior objetivo dessa sociedade é transformar o próprio consumidor em uma mercadoria, formar consumidores dóceis e atentos aos apelos do mercado, marionetes. Além disso, Bauman (2008) afirma que o trabalhador, para poder adquirir bens de consumo, necessita vender a única mercadoria que possui, que é a sua força de trabalho, sendo estimulado a desenvolver-se como uma mercadoria desejada. Ainda acrescenta que essa lógica interfere nas relações sociais e na própria subjetividade das pessoas, pois, por meio do consumo, as pessoas desenvolvem sua identidade e projetam sua imagem dentro da sociedade. Nesse sentido, para ampliar esse tipo de reflexão, foi interessante apresentar o trecho a seguir:

O objetivo crucial, talvez decisivo, do consumo na sociedade de consumidores (...) não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades, mas a comodificação ou recomodificação do consumidor: *eleva a condição dos consumidores à de mercadorias vendáveis* (BAUMAN, 2008, p. 76).

Diante do exposto, fica claro que, em vez de as pessoas sentirem-se felizes com atividades em família ou junto à natureza, elas são conduzidas a shoppings centers e gastam seu tempo comprando ou se preparando para comprar, nessa situação, conforme Bauman (2008), elas próprias são mercadorias em busca de mercadorias.

Sendo assim, para contrapor-se a tal sociedade e as suas armadilhas, é importante que o cidadão tenha consciência de sua realidade e que tenha uma postura crítica, adquirindo informações para se instrumentalizar, não se deixando seduzir pela publicidade, valorizando as atividades em família, os amigos, a natureza, não se submetendo aos apelos do mercado de consumo.

Feita essa abordagem problematizadora, os professores partiram para um tratamento histórico do surgimento da sociedade de consumo. Nessa lógica, apresentaram o vídeo “sociedade e consumo¹⁹” e, a partir dele, discutiram com os alunos como essa sociedade se originou a partir da Revolução Industrial no século XVIII, evoluindo até os dias atuais com a participação da mídia, resultando na formação de uma sociedade e de uma cultura

¹⁹ Sociedade e consumo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dhdpWmm2RH0>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

consumistas. Destacaram também, nesse processo de evolução, o contexto histórico do século XIX, tendo em vista ser esse o momento de consolidação do capitalismo.

Nesse sentido, esclareceram que a abolição da escravidão não foi realizada tendo em vista uma perspectiva humanitária, mas para que ocorresse a expansão do mercado consumidor. Por fim, ressaltam que a expansão imperialista do século XIX esteve relacionada com o interesse das nações hegemônicas em aumentar o mercado consumidor e obter matérias-primas para a fabricação de seus produtos.

Refletir sobre o texto abaixo de Bauman (2008, p. 63) é mais um passo interessante para o desenvolvimento dessa sequência didática:

Assim como os “trabalhadores tradicionais” fáceis de satisfazer – que não concordariam em trabalhar mais que o necessário do modo de vida habitual – eram o pesadelo da nascente “sociedade de produtores”, da mesma forma os “consumidores tradicionais”, guiados pelas necessidades familiares de ontem, fechando com alegria os olhos e tampando os ouvidos aos afagos do mercado de bens de consumo para poderem seguir suas velhas rotinas e manter seus hábitos – significariam o dobro de finados da sociedade de consumidores, da indústria de consumo e dos mercados de bens.

A partir do referido trecho, suscitaram a reflexão sobre como os indivíduos podem posicionar-se em tal sociedade, indicando que eles podem, por exemplo, buscar uma vida baseada nas necessidades.

Por fim, para melhor amadurecer os conceitos a que os alunos tiveram acesso, solicitaram que os alunos assistissem em casa ao filme “Amor por contrato²⁰”, o qual faz uma crítica à sociedade, mostrando que as pessoas consomem produtos não pela sua utilidade, mas pela representação que tais bens projetam para elas na sociedade e que as empresas não estão vendendo apenas os produtos, mas principalmente um estilo de vida.

• Etapa 2: Educação Financeira x Geografia

Para a realização dessa segunda etapa, foi importante iniciar com o professor de Geografia tratando do tema “globalização e consumo”, a partir da citação de Santos (2001, p.33) e do mapa sobre a localização das marcas mundiais mais valiosas, respectivamente:

As empresas, na busca da mais-valia desejada, valorizam diferentemente as localizações. Não é qualquer lugar que interessa a tal ou qual firma. A cognoscibilidade do planeta constitui um dado essencial à operação das empresas e à produção do sistema histórico atual.

²⁰AMOR POR CONTRATO. Título Original “The Joneses”. Direção e roteiro: Derrick Borte, EUA, 2009, DVD (96 min.), colorido. Gênero: drama. Distribuidora: Califórnia Filmes.

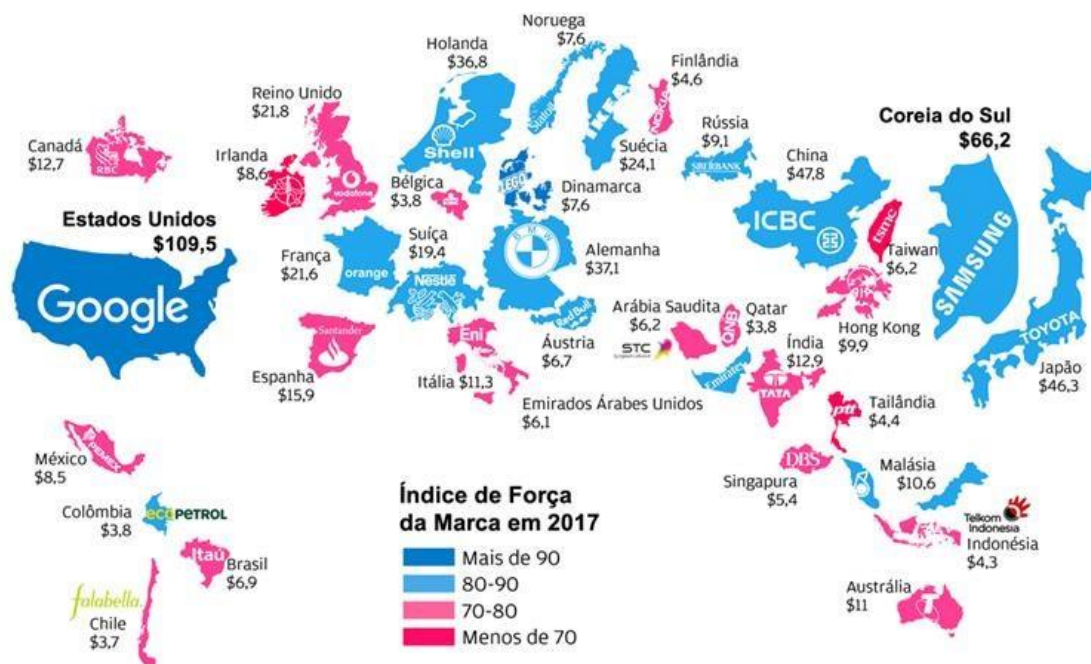


Figura 5: As marcas mais valiosas em 2017, por país.

Fonte: <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/detalhe/conheca-as-marcas-mais-valiosas-do-mundo-em-cada-pais>.

Em seguida, o professor de Geografia e o professor pesquisador debateram com os estudantes a respeito da diferença entre consumo e consumismo, procurando realçar os conceitos por meio das imagens abaixo:



Figura 6: en el mercado de San Juan de Dios en Guadalajara, Jalisco, México

Autor: Christian Frausto Bernal

Creative Commons Attribution-Share Alike 2.0 Generic

Fonte: <https://www1.educacao.pe.gov.br/cpar/ProfessorAutor/Geografia/Geografia%20%201%20%207%20C2%BA%20ano%20%201%20%20Fundamental/As%20tend%C3%A2ncias%20de%20consumismo%20da%20sociedad%20brasileira%20contempor%C3%A2nea%20no%20mundo%20globalizado.ppt>



Figura 7: Shopping Ahmedabad /

Autor: ashwinrb

Creative Commons Attribution-Share Alike 2.0 Generic

Fonte: <https://www1.educacao.pe.gov.br/cpar/ProfessorAutor/Geografia/Geografia%20I%207%C2%BA%20ano%20I%20Fundamental/As%20tend%C3%Aancias%20de%20consumismo%20da%20sociedade%20brasileira%20contempor%C3%A2nea%20no%20mundo%20globalizado.ppt>

Para refletir sobre a tendência da “sociedade de consumidores”, que transforma as pessoas em mercadorias, lançaram mão do texto de Bauman (2008), a imagem da figura 8 e o poema, Eu Etiqueta, de Carlos Drummond de Andrade:

TEXTO 1:

Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. Tornar-se e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação do consumidor, mesmo que geral latente e quase nunca consciente... (BAUMAN, 2008, p. 63-64)

TEXTO 2:

Figura 8: Globalização.

Fonte: <http://rodrigobennett.blogspot.com/2010/03/revisao-parte-2-globalizacao.html>

TEXTO 3:**EU, ETIQUETA**

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.
Em minha camiseta, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produto
que nunca experimentei
mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,
meu copo, minha xícara,
minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico dos sapatos,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,
escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.

É duro andar na moda, ainda que a moda
seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando
todas as marcas registradas,
todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia
tão diverso de outros, tão mim mesmo,
ser pensante, sentinte e solidário
com outros seres diversos e conscientes
de sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio,
ora vulgar ora bizarro,
em língua nacional ou em qualquer língua
(qualquer, principalmente).
E nisto me comparo, tiro glória
de minha anulação.
Não sou - vê lá - anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
para anunciar, para vender
em bares festas praias pérgulas piscinas,
e bem à vista exibo esta etiqueta
global no corpo que desiste
de ser veste e sandália de uma essência
tão viva, independente,
que moda ou suborno algum a compromete.
Onde terei jogado fora
meu gosto e capacidade de escolher, .

minhas idiossincrasias tão pessoais,
 tão minhas que no rosto se espelhavam
 e cada gesto, cada olhar
 cada vinco da roupa
 sou gravado de forma universal,
 saio da estamperia, não de casa,
 da vitrine me tiram, recolocam,
 objeto pulsante mas objeto
 que se oferece como signo de outros
 objetos estáticos, tarifados.
 Por me ostentar assim, tão orgulhoso
 de ser não eu, mas artigo industrial,
 peço que meu nome retifiquem.
 Já não me convém o título de homem.
 Meu nome novo é coisa.
 Eu sou a coisa, coisamente.

Fonte: <https://www.pensador.com/frase/MjAyODM0/>

Em seguida, os professores fizeram uma breve retomada do filme “Amor contrato”, procurando observar as impressões dos alunos a respeito da mensagem transmitida e apresentaram o vídeo “Trabalho Consumo e Consumismo 2 novo”²¹ e, então, debateram com os alunos sobre o consumismo e suas consequências.

Ressaltaram que, conforme Bauman (2008), o consumismo está relacionado com o infinito despertar dos desejos, levando ao desfazimento imediato dos recursos financeiros dos indivíduos e à rápida substituição dos objetos possuídos, ao exagero e ao desperdício, sendo mais uma etapa desse processo. Assim, há um estímulo para que os desejos sejam sempre crescentes, tornando a economia dependente e fazendo com que as pessoas vivam de maneira agitada, tensa, ansiando pela aquisição de novas mercadorias.

Além disso, foi importante abordar a questão do consumo no mundo, a desigualdade (onde poucos consomem em excesso, enquanto uma grande parcela da humanidade não consegue suprir suas necessidades básicas), dos efeitos sobre o planeta e sobre o esgotamento dos recursos naturais, a geração de lixo, a necessidade de reciclagem.

Em seguida, foi necessário apresentar o vídeo “Sociedade do Consumo”²², bem como o vídeo “Consciente Coletivo 10/10 - Como consumir de forma consciente”²³, do Instituto Akatu, para reflexão com os alunos e pedir que eles identificassem a relação que havia entre as mensagens transmitidas pelos dois vídeos.

²¹Trabalho, consumo e consumismo 2 novo. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=9FBUYwKGFcs>. Acesso em: 08 jan. 2019.

²² Sociedade do consumo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QBHvsSdy56A>. Acesso em: 12 mar. 2019.

²³ Como consumir de forma consciente. Disponível em: < <https://www.akatu.org.br/noticia/consciente-coletivo-como-consumir-de-forma-consciente> >. Acesso em: 08 jan. 2019.

Os professores, após esse momento, debatem com os alunos sobre o consumo consciente e relacionaram a educação financeira com o exercício da cidadania, trabalhando o conceito de cidadania e como a educação financeira poderia contribuir para a formação de um cidadão consciente.

Em seguida, realizaram com os alunos um teste sobre o consumo consciente, solicitando que cada aluno utilizasse uma folha de papel em branco, na qual iria escrever as alternativas por ele escolhidas, de maneira que fosse formando um rol de respostas que, no final, possibilitaria o levantamento do seu nível de desenvolvimento em relação a um consumo consciente.

Para cada item abaixo, foram dadas duas opções, uma delas remete ao consumo consciente e a outra ao consumismo, cada aluno deveria escolher a sua e depois verificar se poderia ser considerado um consumidor consciente:

Questão 1:

- a. Não pensa com cuidado antes de comprar e depois se arrepende.
- b. Planeja suas compras, para adquirir aquilo que é realmente necessário e a um melhor preço.

Questão 2:

- a. Só pensa em você no momento da compra.
- b. No momento da compra, você leva em consideração os impactos sobre a sociedade e o meio ambiente.

Questão 3:

- a. Não reutiliza embalagens e, quando o bem que você possui apresenta defeito, descarta e compra logo outro novo.
- b. Reutiliza embalagens e conserta seus bens com defeito.

Questão 4:

- a. Não separa seu lixo para reciclagem.
- b. Separa seu lixo para reciclagem, buscando contribuir para diminuir a degradação ambiental e ajudar na geração de empregos.

Questão 5:

- a. Ao pensar em obter um empréstimo, você observa apenas se o valor da parcela é baixo.

b. Você pensa com cuidado sobre a necessidade de comprar algo por meio de empréstimo e se a aquisição não pode aguardar até que obtenha o recurso financeiro suficiente para realizar a compra à vista.

Questão 6:

- a. Na hora de comprar um produto, você observa apenas se o preço está atrativo.
- b. Na hora de comprar um produto, você observa não só o preço e a qualidade, mas também a forma como a empresa se relaciona com seus empregados, a sociedade e o meio ambiente.

Questão 7:

- a. Você costuma comprar produtos piratas, tendo em vista o baixo preço.
- b. Você dá preferência a produtos legalizados, evitando comprar produtos piratas.

Questão 8:

- a. Gasta tudo que ganha, sem preocupação com o futuro.
- b. Poupa um pouco do que ganha buscando se resguardar para o futuro.

Questão 9:

- a. Deixa torneiras abertas desnecessariamente, lâmpadas e televisão ligadas sem ninguém presente no local.
- b. Evita o desperdício de água, não deixa lâmpadas e aparelhos eletrônicos ligados sem ninguém presente no ambiente.

Questão 10:

- a. Na escolha de seus governantes, você não se preocupa com a postura deles em relação ao meio ambiente e à exploração dos trabalhadores, desde que procurem promover o desenvolvimento econômico e a geração de empregos.
- b. Na escolha dos governantes, você considera o posicionamento do político a respeito da conservação do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável.

Fonte: adaptado dos 12 princípios do consumo consciente²⁴ do Akatu.

²⁴ Disponível em: <https://www.akatu.org.br/noticia/conheca-os-12-principios-do-consumo-consciente/>. Acesso em: 24 jan. 2019.

Por fim, o professor de Geografia propôs aos alunos que resolvessem, em casa, algumas perguntas sobre os temas abordados, as quais foram elaboradas por ele com a participação do professor pesquisador.

- **Etapa 3: Educação Financeira x Língua Portuguesa**

Nesse momento, foi interessante iniciar o diálogo sobre o crédito e o endividamento a partir da reflexão da situação descrita nas tiras abaixo.



Figura 9: Gastos
Fonte: Quino (2003, p. 363, tira 5).



Figura 10: É preciso planejamento para proteger o próprio bolso.
Fonte: Adaptado de Revista Previ²⁵

Com base na leitura das tiras, foi respondido:

²⁵ Disponível em: <http://www.previ.com.br/revista/outros/detalhes-midia-3.htm>. Acesso em: 18 jan. 2019.

1. Na 1ª tira, Mafalda, após acompanhar sua mãe nas compras, faz um comentário a seu amigo Miguelito.

a) Qual foi o comentário?

b) Identifique a expressão apresentada em sentido figurado. O que ela significa?

2. Observe o comportamento entre a mãe de Mafalda (na 1ª tira) e o novato (na 2ª tira). Em seguida, monte um quadro comparativo, apontando semelhanças e/ou diferenças entre eles, de acordo com os seguintes itens: tipo de gasto, forma de pagamento, planejamento dos gastos, possibilidade de endividamento.

Quadro 5: Quadro comparativo

	Mãe de Mafalda	Novato
Tipo de gasto		
Forma de pagamento		
Planejamento dos gastos		
Possibilidade de endividamento.		

Fonte: próprio autor (2019)

3. Na segunda tira, em que situação financeira o “novato” se encontra? Qual a decisão dele diante dessa situação?

4. Ainda na segunda tira, a personagem feminina apresenta uma solução para o novato resolver sua situação. Qual é ela? Na sua opinião, vai resolver o problema detectado? Explique.

5. Segundo Bauman (2008, p.71), vivemos em uma “sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas.” Qual das personagens das tiras melhor representa esse pensamento? Por quê? Relacione o pensamento de Bauman com as tiras estudadas.

6. Na sua opinião, quais os fatores determinantes para as pessoas se sentirem “presas” nas teias dessa sociedade de que trata Bauman?

7. O que fazer para resistir aos ditames do mercado de consumo?

Compreender os conceitos de crédito, juros, dívida e endividamento também fez fazer parte da presente sequência didática.

Iniciando pela definição de crédito, foi preciso trazer como aporte teórico um fragmento de texto de Fulgencio (2007, p. 176), para o qual crédito significa:

situação positiva, ter crédito com alguém, poder comprar a prazo. (...) Operação através da qual uma instituição financiadora põe uma determinada soma à

disposição de uma pessoa ou organização, mediante o compromisso desta lhe pagar os juros e lhe restituir, na data fixada, uma soma equivalente a que lhe foi fornecida.

Ainda, fez parte desse processo educativo, explicar que o crédito é colocado à disposição das pessoas, proporcionando ganhos às instituições bancárias e esclarecendo que tais lucros são oriundos dos juros. Assim, de maneira geral, o trabalhador que utiliza o crédito fica mais pobre, em decorrência do pagamento de juros, enquanto as instituições que recebem esses valores provenientes do empréstimo do dinheiro enriquecem.

Os juros, conforme Mathias e Gomes (2002), seriam considerados um prêmio pago àquele que deixa de utilizar seu dinheiro para consumir no momento presente e o empresta para que outra pessoa possa utilizá-lo temporariamente. É acrescido que, para esta última, pode ser considerado o preço do crédito.

Por sua vez, os mesmos autores entendem que a dívida nasce quando se obtém uma determinada quantia emprestada por certo tempo, havendo a obrigação, para aquele que a adquiriu, de devolver o valor que lhe foi emprestado acrescido de juros (MATHIAS E GOMES, 2002). Ao fim, por meio da aquisição de empréstimos e obrigações, as pessoas seriam levadas ao aumento de suas dívidas, ao endividamento (FULGENCIO, 2007).

Foi importante ressaltar que, segundo Bauman (2008), atualmente, tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos, as pessoas passaram a ser incentivadas a viver endividadas, sendo uma postura inclusive acolhida pelo próprio governo, inserida nos currículos escolares e considerada uma forma adequada de viver, fazendo a poupança tornar-se algo em esquecimento. Isso faz lembrar que, a todo momento, são oferecidas facilidades aos trabalhadores para que ele adquira bens por meio de financiamentos, tentando naturalizar a ideia de que viver endividado é normal e de que todas as suas realizações materiais sejam mediadas pelo crédito, de maneira que acarretem, cada vez mais, ganhos às instituições financeiras.

Nesse contexto, foi, praticamente, obrigatório mencionar que os trabalhadores são a parte mais frágil dessa relação, pois não dispõem de meios adequados para enfrentar os poderosos instrumentos midiáticos que objetivam convencê-los de que adquirir bens por intermédio do endividamento é uma coisa boa (FERMIANO, 2016). Nesse contexto, foi necessário tratar também da necessidade de regulação das instituições financeiras, para proteção do trabalhador (SOARES, 2017).

Ademais, como necessidade, tem-se que abordar o nível de endividamento dos trabalhadores brasileiros a partir dos dados da pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, da Confederação Nacional do Comércio de Bens e Serviços

(CNC) e da reportagem abaixo:

Quadro resumo – Principais indicadores								
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
PEIC (Percentual do total) – Média anual								
Famílias endividadadas	59,1%	62,2%	58,3%	62,5%	61,9%	61,1%	60,2%	60,8%
Famílias com conta em atraso	24,9%	22,9%	21,4%	21,2%	19,4%	20,9%	24,2%	25,4%
Famílias sem condições de pagar as dívidas em atraso	8,9%	8,0%	7,1%	6,9%	6,3%	7,7%	9,2%	10,2%
PEIC – Var. em p.p.								
Famílias endividadadas	-	3,1	-4,0	4,3	-0,6	-0,8	-1,0	0,6
Famílias com conta em atraso	-	-2,0	-1,5	-0,2	-1,8	1,5	3,2	1,2
Famílias sem condições de pagar as dívidas em atraso	-	-0,9	-0,9	-0,2	-0,6	1,4	1,5	1,1

Fonte: Peic/CNC

Figura 11: Principais indicadores da pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo

Edição do dia 31/07/2018

31/07/2018 21h46 - Atualizado em 31/07/2018 21h46

Mercado de trabalho enfraquecido gera o endividamento das famílias

Em janeiro, endividamento voltou a crescer, diz BC. Dos brasileiros que usam cartão, 20% entendem que ele é complemento da renda.

Com o mercado de trabalho enfraquecido, famílias brasileiras estão se endividando mais para cobrir o orçamento.

O combustível era despesa para o cartão de crédito, mas, de tanto andar na reserva da conta bancária, o motorista Rafael Rodrigues acabou a pé.

“Tive que vender para pagar dívidas, dívidas de cartão. O cartão eu dei um jeito de salvar porque a gente fala que não precisa, mas no final não tem como”, disse.

Dos brasileiros que usam cartão, 20% entendem que ele é um complemento da renda. O Rafael não sai sem o dele nem para uma refeição rápida. A conta de R\$ 3 da coxinha com suco de manga foi para a fatura.

“O salário não dá, a gente usa uma boa parte do salário para poder pagar conta e o que sobra é o cartão de crédito para a gente jogar a dívida de hoje para o mês que vem”, falou o motorista.

“No crédito, no débito, a partir de R\$ 5 a gente passa no cartão. O pessoal fala que estava nessa crise, aí muita gente não tem o dinheiro e só tem o cartão”, diz o pipoqueiro.

As famílias brasileiras estão mais endividadadas, é o que mostra o último dado do Banco Central: 23% do que recebem estão comprometidos. Foi em janeiro que o endividamento voltou a crescer. Em 2017, ele estava em queda.

“O que não é normal é observar que a renda dos indivíduos e das famílias, que deveria ser suficiente para a sobrevivência dos indivíduos e das famílias, não dá conta. Mais preocupante é quando elas recorrem a cartão de crédito ou cheque especial, que tem altíssimas taxas de juros, para conseguir fazer compras de itens básicos de sobrevivências”, afirma Alberto Ajzenal, professor de economia da FGV.

São itens básicos que os brasileiros estão mais comprando. Na comparação anual, aumentou muito o consumo de alimentos e bebidas, artigos pessoais, domésticos e farmacêuticos, além de perfumaria. Enquanto a compra de móveis e eletrodomésticos, recuou.

Na linguagem popular, é vender o almoço para pagar a janta. Mais um motivo de atraso para a recuperação econômica.

“Na medida em que a renda está corroída dessa forma, que ela nem conseguem custear a sua sobrevivência, você tem uma transferência de renda enorme de consumo e investimentos para pagamento de juros”.

Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/07/mercado-de-trabalho-enfraquecido-gera-o-endividamento-das-familias.html>.

A professora de Língua Portuguesa, na ocasião, trabalhou a partir desse texto os gêneros textuais reportagem e entrevista, e o professor pesquisador abordou a questão de que o sistema capitalista, conforme Ramos (2008), tenta imputar ao trabalhador a culpa pelo seu desemprego e sua exclusão, atribuindo o desemprego à falta de qualificação do trabalhador, escamoteando o fato de que o próprio sistema é responsável por destruir os postos de trabalho.

Foi mencionado também que, de acordo com Bauman (2008), os pobres são tidos como um dos efeitos colaterais do consumismo, pois, por possuírem uma baixa capacidade de consumo ou por não terem capacidade de consumo, representariam um peso para a sociedade. O autor ainda afirma que a culpa de sua pobreza seria deles mesmos, individualmente, a sociedade nada teria a ver com isso e que tal pobreza deveria ser criminalizada, a fim de que não aborreça aqueles que são considerados consumidores adequados.

Diante dessas informações, foi positivo que os professores mostrassem a necessidade de que o trabalhador organize com cuidado suas finanças, valorizando os seus recursos financeiros que são obtidos de maneira sacrificada dentro do sistema capitalista, a fim de tentar evitar a utilização do crédito e o pagamento de juros.

Também foi imperioso ressaltar que, muitas vezes, o trabalhador é levado a comprar coisas supérfluas por meio de endividamento, tendo como consequência o seu empobrecimento cada vez maior, já que uma parte de sua renda deixa de ser utilizada para a satisfação de suas necessidades básicas para aumentar a lucratividade dos empresários capitalistas (BAUMAN, 2008).

Em seguida, os professores destacaram a necessidade de debater a importância do orçamento pessoal e do orçamento familiar; perguntaram aos alunos se eles sabiam para que tais instrumentos eram utilizados; e explicaram que a elaboração do orçamento poderia propiciar o melhor atendimento das necessidades, valorizando os recursos que são obtidos por meio do trabalho, pois poderíamos acompanhar e controlar como e em que estaríamos gastando nossos rendimentos. Nesse sentido, conforme Bugarim et al. (2011, p. 25), o “orçamento familiar permite indicar se comprar determinado produto ou serviço cabe, ou não, no orçamento familiar; se está, ou não, dentro das possibilidades financeiras e auxilia na decisão de compra”. Assim, os professores chamaram a atenção que a elaboração do orçamento poderia contribuir para evitar situações desagradáveis como a apresentada na tira da Figura 11, em que o personagem “Novato” gastou mais do que poderia, comprometendo sua tranquilidade.

Os professores pediram para que os estudantes relatassem como suas famílias se organizavam financeiramente para, com base nessa informação, explicar como elaborar o

orçamento pessoal ou familiar, indicando que ele pode ser realizado tanto em uma simples folha de papel, como com a utilização de recursos tecnológicos, a exemplo da planilha Excel ou aplicativos disponíveis no *Play Store* ou *App Store* do aparelho celular.

Sendo assim, foi mostrada a importância de os estudantes adquirirem o hábito de elaborar seu orçamento todo mês – fazendo a previsão daquilo que esperam obter de ganhos e dos respectivos gastos associados e acompanhando se aquilo que foi previsto realmente está sendo realizado – foi uma maneira de conscientizá-los da dominação que o mercado consumista exerce sobre nós. Assim, dentro do possível, é importante gastar menos do que aquilo que se ganha, pois, dessa maneira, poderá sobrar um valor todo mês que poderá ser guardado para momentos de dificuldade que possam surgir no futuro ou para alcançar alguma finalidade.

Por isso, foi sugerido que eles poderiam elaborar seu orçamento da seguinte maneira:

Quadro 6: Proposta de orçamento pessoal ou familiar.

ORÇAMENTO PESSOAL OU FAMILIAR MÊS: _____		
1. RENDIMENTOS		
	Previsão	Realidade
Salário		
Mesada		
Outros		
1.1 Rendimento total		
2. GASTOS		
	Previsão	Realidade
a) Moradia		
Prestação da casa		
Aluguel		
Conta de luz		
Conta de água		
Gás/Água Mineral		
IPTU		
Telefone residencial/Internet		
Telefone celular		
Consertos/manutenção		
b) Alimentação		
Supermercado		
Restaurante		
Feira/ambulantes		
Lanches		
c) Transporte		
Combustível		
Manutenção do carro		
Estacionamento		

IPVA		
Ônibus		
d) Saúde		
Plano de saúde		
Médicos/dentistas		
Farmácia		
e) Lazer/informação		
Academia		
Jornais/revistas		
TV por assinatura		
Cinema		
Parque de diversão		
f) Outros gastos		
Eletrodomésticos		
Roupas		
Doações		
Ração/Pet shop		
Veterinária		
Débito bancários		
Presentes		
2.1 Gasto total (a+b+c+d+e+f)		
3. Resultado do mês (1.1 Rendimento total - 2.1 Gasto Total)		

Fonte: adaptado da Planilha Simplificada de Orçamento Doméstico²⁶

A referida planilha representa uma sugestão que pode ser ajustada de acordo com a realidade de cada estudante e de sua família por meio da alteração dos itens apresentados.

Além disso, os professores indicaram que os alunos preenchessem o modelo de orçamento familiar acima exposto em casa junto com suas famílias, a fim de que pudessem ajudá-las no processo de planejamento e organização de suas finanças.

Para encerrar a sequência didática, os professores solicitaram que os alunos realizassem uma síntese escrita de no mínimo 10 linhas, a respeito dos assuntos abordados durante a sequência didática, ressaltando os aspectos que mais lhes chamaram atenção ou que pretendem levar para suas vidas.


²⁶ Disponível em: <https://br.ccm.net/download/baixaki-4961-planilha-simplificada-de-orcamento-domestico>. Acesso em: 18 jan. 2019.

- **Etapa 4: Visita técnica**

Esta etapa foi elaborada, após a vivência da sequência didática, para inclusão de uma atividade prática, como sugestão de melhoria proposta pelos participantes da pesquisa. Por essa razão, propomos uma visita técnica a um Shopping Center, com a participação de todos os professores envolvidos na elaboração e vivência da sequência didática, conjuntamente.

Durante a visita, a turma formaria grupos e cada grupo ficaria responsável por atender a uma atividade de pesquisa proposta pelos professores, tal como identificar as estratégias empregadas pelas empresas ali estabelecidas para estimular o consumo. Por fim, cada equipe apresentaria aos demais, já em sala de aula, os aspectos que observou durante a visita.

ANEXO A – Atividade elaborada pelo professor de Geografia com a participação do pesquisador

 <p>INSTITUTO FEDERAL Paraíba Campus Esperança</p>	<p>INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA</p>
	<p>CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM INFORMÁTICA</p>
	<p>COMPONENTE CURRICULAR: GEOGRAFIA II</p>
	<p>TEMA: GLOBALIZAÇÃO E CONSUMISMO</p>
	<p>ALUNO(A): _____</p>

1. Observe atentamente a charge e o texto abaixo:

Texto I: Charge



Fonte:
<https://palavroeiro.wordpress.com/2013/07/30/consumismo-infantil-crianca-a-alma-do-negocio/>

Texto II: Geração Coca-Cola (Legião Urbana)

Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês
Nos empurraram com os enlatados dos Usa, de 9 às 6

Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês

Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação

Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola
Geração Coca-Cola

Geração Coca-Cola

Depois de vinte anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas do seu jogo sujo
Não é assim que tem que ser?

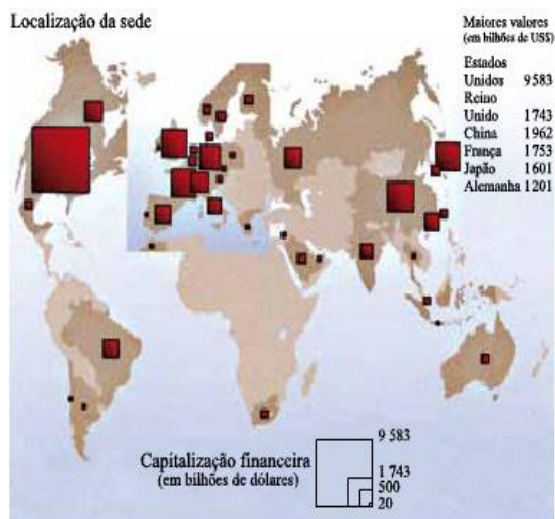
Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então, vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as suas leis

Fonte: <https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/geracao-coca-cola.html>

Descreva e analise criticamente a charge do texto I estabelecendo ligações com a música do texto II, tecendo um posicionamento crítico frente à globalização e suas interferências na construção sócio/cultural do sujeito, na sociedade do consumo e na saúde.

2. Observe o mapa, abaixo, sobre a distribuição das maiores empresas de capitalização financeira do mundo, em 2008, e, em seguida, leia o excerto sobre espaço geográfico e localização:

CAPITALIZAÇÃO FINANCEIRA DAS 500 PRINCIPAIS EMPRESAS MULTINACIONAIS, 2008



(Marie-Françoise Durand et al. *Atlas da Mundialização: compreender o espaço mundial contemporâneo*, 2009. Adaptado.)

“O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza são as pessoas.”

(Fonte: SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 31.)

a) Teça uma reflexão sobre a ideia de mundialização financeira e sua correlação com a localização espacial, diante do contexto de sociedade em rede. Ou seja, atente para como o espaço está regionalizado do ponto de vista econômico e apresente alguns argumentos sobre possíveis estratégias que as multinacionais e transnacionais desencadeiam como forma de monopolizar o capital e interferir no comportamento social do sujeito para que ele se sinta um sujeito globalizado.

b) No excerto do texto de Milton Santos há a afirmação de que “**não há um espaço mundial**” e de que “**quem se globaliza são as pessoas**”. Portanto, você se considera uma pessoa globalizada? Justifique sua resposta considerando as afirmações em destaque.

3. Leia o poema “**Eu, etiqueta**”, de Carlos Drummond de Andrade:

Em minha calça está grudado um nome
que não é meu de batismo ou de cartório,
um nome... estranho.

Meu blusão traz lembrete de bebida
que jamais pus na boca, nesta vida.
Em minha camiseta, a marca de cigarro
que não fumo, até hoje não fumei.

Minhas meias falam de produto
que nunca experimentei
mas são comunicados a meus pés.

Meu tênis é proclama colorido
de alguma coisa não provada
por este provador de longa idade.

Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
minha gravata e cinto e escova e pente,

